



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS ENCABEÇADAS POR *COMO* NO
PORTUGUÊS**

DIOGO OLIVEIRA DA SILVA

SÃO CARLOS

2021



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS ENCABEÇADAS POR *COMO* NO PORTUGUÊS

DIOGO OLIVEIRA DA SILVA

Bolsista: CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Joceli Catarina Stassi-Sé

Programa de Pós-Graduação em Linguística/ UFSCar

São Carlos – São Paulo – Brasil

2021

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

SILVA, Diogo Oliveira da*.

Construções parentéticas encabeçadas por *como* no português/Diogo Oliveira da Silva – São Carlos: UFSCar, 2021.

135 páginas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé (UFSCar)

1. Gramática Discursivo-Funcional. 2. Gramática Textual Interativa.

3. Parentetização. 4. Ordem. 5. *Como*.

*UFSCar Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) em nível de mestrado. E-mail: diogo17.chelsea@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Diogo Oliveira Silva, realizada em 06/04/2021.
da da

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé (UFSCar)

Profa. Dra. Flavia Bezerra Menezes Hirata Vale (UFSCar)
de

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes (UFMS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
DIOGO OLIVEIRA DA SILVA:**

Prof. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé (UFSCar – São Carlos) – Orientadora e Presidente

Prof. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar – São Carlos) – Membro Interno

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes (UFMS/CPTL – Três Lagoas) – Membro Externo

Data de Arguição: 06/04/2021

Grau conferido:

Dedico esse árduo trabalho à minha família, esposa, amigos e professores pelo apoio e por acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a minha família pela força e ajuda nesta tarefa final de pós-graduação, em que me senti muito feliz por realizar algo antes por mim imaginado como impossível de alcançar.

Agradeço muito a minha orientadora professora Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé (UFSCar) pela força e apoio no campo da Gramática Discursivo-Funcional, campo no qual pude me aventurar e conhecer novos desafios linguísticos, sentindo identificação e vontade de contribuir com este trabalho nessa grande e fascinante área da Linguística.

Agradeço também aos demais professores que ministraram excelentes disciplinas durante o mestrado que me auxiliaram muito no desenvolvimento da pesquisa: professoras Carolina Machado, Flávia Hirata-Vale, Soeli Maria Schreiber, Marília Blundi, Taísa Peres Oliveira e os professores Luiz André e Lucas Maciel.

Meus agradecimentos à Capes, pela bolsa de estudos com que fui contemplado, que foi importante para minha dedicação integral pesquisa, e à secretaria da pós-graduação da universidade, que deu total suporte para o encaminhamento do curso e para a realização das atividades discentes.

RESUMO: Esta pesquisa investiga construções encabeçadas por *como* em ocorrências do tipo *como se diz, como sabe, como é que se chama?* nas variedades lusófonas, com o intuito de discutir seu estatuto funcional e formal, sob o enfoque da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008) e da Gramática Textual-Interativa (GTI) de Jubran (2006). Para isso, levantamos as perguntas de pesquisa: (i) como as construções encabeçadas por *como* funcionam à luz da GDF? (ii) qual o escopo de *como* de acordo com os Níveis Interpessoal e Morfossintático da GDF? (iii) à luz da GTI, essas construções são parentéticas? (iv) qual é o processo de ordenação sintática dessas construções? Como objetivo geral de pesquisa, buscamos descrever funcionalmente as construções iniciadas por *como*. Como objetivos específicos, investigam-se: (i) as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas das construções iniciadas por *como* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (ii) o estatuto do item *como* nessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (iii) o processo de ordenação sintática dessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); e (iv) suas funções parentéticas no discurso (JUBRAN, 2006). A metodologia partiu dos seguintes parâmetros, aqui sumarizados: 1) classificação formal do *como*; 2) camada da construção nos Níveis Interpessoal e Morfossintático; 3) estatuto do *como* nos Níveis Interpessoal e Morfossintático; 4) ordenação da construção e 5) identificação de propriedades parentéticas (constituição formal, fronteira e função). Os critérios foram aplicados às ocorrências encontradas no *Corpus* Lusófono do Português Falado, elaborado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (2009). Partimos dos pressupostos de Stassi-Sé (2012) de que o *como*, nessas construções morfossintaticamente independentes, funciona como marcador de Função, e as construções atuam como inserções parentéticas, recorrentes das intenções pragmáticas e comunicacionais do Falante. Os parâmetros apontados auxiliaram no alcance dos resultados finais: as construções encabeçadas por *como* enquadraram-se como construções parentéticas em sete variedades da língua portuguesa, apresentando-se como Movimentos, compostos de Atos Discursivos, com o *como* atuando como marcador de Funções interacionais de Resgate e também de Partilha (para as Ilocuções declarativas), e as Ilocuções interrogativas, constituíram-se Atos interrogativos de Conteúdo, com o item *como* sendo um marcador de perguntas meditativas (FONTES, 2012), ambas atuando no monitoramento da interação verbal. Importa ressaltar a independência do tipo de construção verbal (verbos *dicendi*, verbos de conhecimento, verbos de ligação e outros seis verbos de ação) para as Ilocuções declarativa e interrogativa, e o posicionamento sintático dessas Expressões Linguísticas em P^{Pré} (Posição Pré-Oracional). Essas características nos levam a observar a tendência dessas construções atuarem discursivamente, independentemente do valor semântico atribuído ao *como* tradicionalmente. Nesses casos, observamos um esvaziamento de significado nesse item, apontando para seu processo de gramaticalização na construção, visto sua atuação no escopo de camadas mais altas do Nível Interpessoal da GDF.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Discursivo-Funcional; Gramática Textual Interativa; Parentetização; Ordem; *Como*.

ABSTRACT: This research investigates constructions headed by *as/like/how* in occurrences of the type *as it is said, like you know, how is it called?*, in the Lusophone varieties, in order to discuss its status under the focus of the Functional Discourse Grammar (FDG) by Hengeveld and Mackenzie (2008) and the Textual-Interactive Grammar (TIG) by Jubran (2006). For that, we raised the research questions: (i) how do the constructions headed by *as/like/how* work in the light of the FDG? (ii) what is the scope of *as/like/how* according to the FDG Interpersonal and Morphosyntactic Levels? (iii) in the light of TIG, are these constructions brackets? (iv) what is the syntactic ordering process for these constructions? As a general research aim, we seek to functionally describe the constructions initiated by *as/like/how*. As specific aims, we investigate: (i) the discursive, pragmatic and morphosyntactic properties of constructions initiated by *as/like/how* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (ii) the *as/like/how* status in these constructions (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (iii) the syntactic ordering process of these constructions (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); and (iv) their bracketing functions in the discourse (JUBRAN, 2006). The methodology started from the following parameters, summarized here: 1) formal classification of *as/like/how*; 2) construction layer at the Interpersonal and Morphosyntactic Levels; 3) statute of *as/like/how* at the Interpersonal and Morphosyntactic Levels; 4) construction ordering and 5) identification of bracketing properties (formal constitution, boundary and function). The criteria were applied to occurrences found in the Lusophone Corpus of Spoken Portuguese, prepared by the Linguistics Center of the University of Lisbon (2009). We start from the assumptions of Stassi-Sé (2012), that the *as/like/how*, in these morphosyntactically independent constructions, works as a Function marker, and the constructions act as bracketing insertions, recurring from the Speaker's pragmatic and communicational intentions. The mentioned parameters helped to reach the final results: the constructions headed by *as/like/how* were framed as bracketing constructions in seven varieties of the Portuguese language, they are presented as Movements, composed of Discursive Acts, and *as/like/how* to act as a marker of Interactional functions, presenting Interactive functions Rescue and also Sharing (for Declarative illocutions), and the Interrogative illocutions constituted Interrogative Acts of content, with the item *as/like/how* working as a meditative question marker (FONTES, 2012), both acting in the monitoring verbal interaction. It is important to highlight the independence of the type of verbal construction (*dicendi* verbs, knowledge verbs, linking verbs and six other action verbs), to the declarative and interrogative Illocutions and the syntactic positioning of these Linguistic Expressions in P^{pre} (Pre-Orational Position). These characteristics lead us to observe the tendency of these constructions to act discursively, regardless of the semantic value attributed to the *as/like/how* traditionally. In these cases, we observed an emptying of meaning in this item, pointing to its grammaticalization process in the construction, whereas its performance in the scope of higher layers of the FDG Interpersonal Level.

KEYWORDS: Functional Discourse Grammar; Textual-Interactive Grammar; Bracketing, Ordering; *As/like/how*.

SUMÁRIO

Introdução	16
CAPÍTULO 01 – GDF E GTI	20
1.1: Gramática Funcional (GF)	20
1.2: Gramática Discursivo-Funcional (GDF).....	24
1.2.1: Nível Interpessoal (NI).....	26
1.2.1.1: Operadores e Modificadores Interpessoais.....	33
1.2.2: Nível Representacional (NR).....	34
1.2.3: Nível Morfossintático (NM).....	36
1.2.3.1: Ordenação dos constituintes para GDF.....	37
1.2.4: Nível Fonológico (NF).....	38
1.3: Gramática Textual Interativa (GTI).....	39
1.3.1: Parentetização.....	41
CAPÍTULO 02: O <i>COMO</i> NO PORTUGUÊS.....	48
2.1: Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2009).....	48
2.2: Gramática de usos do Português (NEVES, 2000).....	51
2.3: Tratamento de <i>como</i> em estudos descritivos no português.....	55
2.4: Trabalhos com conjunções: subordinação e coordenação à luz da GDF.....	63
CAPÍTULO 03: METODOLOGIA DA PESQUISA.....	67
3.1: <i>Corpus</i> selecionado: Português falado	67

3.2: Parâmetros de análise: problemáticas e hipóteses.....	68
--	----

CAPÍTULO 04: ANÁLISE DE DADOS	72
4.1: Classificação formal do <i>como</i>	78
4.2: Camada da construção no Nível Interpessoal	84
4.3: Estatuto do <i>como</i> no Nível Interpessoal.....	88
4.4: Camada da construção no Nível Morfossintático	98
4.5: Estatuto do <i>como</i> no Nível Morfossintático	102
4.6: Ordenação da construção no Nível Morfossintático.....	106
4.7: Constituição formal enquanto parênteses.....	113
4.8: Propriedades parentéticas das construções em relação às fronteiras dos segmentos.....	115
4.9: Funções e classes parentéticas.....	117
Considerações finais	128
Referências Bibliográficas	132

Lista de quadros:

Quadro 1. Arquitetura da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 4)	24
Quadro 2. Classe e funções dos parênteses (JUBRAN, 2006, p. 327)	44
Quadro 3. Distribuição das propriedades das funções (STASSI-SÉ, 2012, p. 145).....	56
Quadro 4. Estrutura das ocorrências de subordinação discursiva (STASSI-SÉ, 2012, p. 146)	56
Quadro 5. Ocorrências de estruturas parentéticas iniciadas por <i>como</i> nas variedades lusófonas faladas (STASSI-SÉ, 2011, p. 79)	57
Quadro 6. Variação na denominação do elemento juntor na relação conclusiva (MARQUES; PEZATTI, 2015, p. 24)	64
Quadro 7. Propriedades da relação conclusiva (MARQUES; PEZATTI, 2015, p. 111)	65
Quadro 8. Divisão das ocorrências nas variedades do <i>corpus</i> lusófono	72
Quadro 9. Descrição das ocorrências no <i>corpus</i>	75
Quadro 10. Classificação formal do <i>como</i>	78
Quadro 11. Agrupamento das ocorrências – Classificação normativa	82
Quadro 12. Funções interacionais pelo olhar da GDF	94
Quadro 13. Classificação das ocorrências em níveis e camadas no NI	97
Quadro 14. Resumo e classificação das ocorrências (NI e NM)	111
Quadro 15. Ocorrências como parênteses.....	119
Quadro 16. Resumo e classificação das classes e funções parentéticas	122
Quadro 17. Classificação completa dos parênteses	124

Lista de figuras:

Figura 1. Modelo de interação verbal (DIK, 1997, p. 8)	21
Figura 2. Hierarquia no Nível Interpessoal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 9)	32
Figura 3. Hierarquia no Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 13)	34
Figura 4. Hierarquia no Nível Morfossintático (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 18)	36
Figura 5. Hierarquia no Nível Fonológico (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 22)	38
Figura 6. Dessentencialização (LEHMANN, 1988, p. 189)	99
Figura 7. Escala de subordinação discursiva com as funções Partilha e pergunta meditativa.....	101

Lista de siglas e abreviaturas:

A (CT) – Classe A – Conteúdo Tópico
A (ET) – Classe A – Estrutura Tópica
A (FL) – Classe A – Formulação Linguística
ADMIR – Admirativa
Ang – Angola
Bra – Brasil
C – Conteúdo Comunicado
CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
CV – Cabo Verde
DECL – Declarativa
e – Estado-de-Coisas
ep – Episódio
f – Propriedade Configuracional
F – Ilocução
FCFR – Fronteira entre Constituintes de Frase
FS – Frase Simples
GB – Guiné-Bissau
GDF – Gramática Discursivo-Funcional
GF – Gramática Funcional
GTI – Gramática Textual Interativa
Iloc – Ilocucionário
IMPER – Imperativa
INTER – Interrogativa
LDUF – Limite entre Duas Unidades Frasais
MD – Marcador Discursivo
Moç – Moçambique
M. ULN – Modelo de Usuário de Língua Natural
NF – Nível Fonológico
NI – Nível Interpessoal
NM – Nível Morfossintático
NR – Nível Representacional

Num – Numeral

O – Objeto

P – Conteúdo Proposicional

PA – Par Adjacente

P^{centro} – Posição Centro da Oração

P^F – Posição Final

P^{F-1} – Posição Penúltima

P^I – Posição Inicial

P^{I+1} – Posição Pós-Inicial

P^M – Posição Medial

P^{M+1} – Posição Pós-Medial

P^{pre} – Posição Pré-Oracional

P^{pos} – Posição Pós-Oracional

PSPA – Entre a Primeira e Segunda parte de Pares Adjacentes

PT – Portugal

S – Subato

SN – Sintagma Nominal

STEAs – Segmentos Textuais com Estruturas Anacolúicas

Sub – Subordinação

To-Pr – São Tomé e Príncipe

V – Verbo

Introdução

A proposta desta pesquisa é compreender o funcionamento do *como* em construções tais quais: *como se chama?*, *como sabe*, *como você diz*, *como sabemos*, entre outras, sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), descrevendo o objeto nos Níveis Interpessoal e Morfossintático, níveis que tratam, respectivamente, da formulação, que envolve as escolhas do Falante e suas intenções comunicativas, e da codificação, que materializa essas intenções, e também sob a perspectiva textual interativa, investigando as propriedades parentéticas dessas construções.

No exemplo abaixo, a construção *como sabemos*, extraída de um inquérito de Guiné-Bissau, provoca uma ruptura no enunciado que a antecede, trazendo uma informação particular, no caso, uma evocação a respeito de determinada informação que os Falantes compartilham:

- (1) -> inclusivamente famílias alargadas em que temos, eh, portanto, desde sobrinhos, sogros, ele, dessa mulher, enfim, cunhados e familiares que, **como sabemos**, eh, as famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher. (GB95: Mulher Africana)

Como se observa em (1), o enunciado anterior à construção *como sabemos* lista membros da família para reforçar que as famílias africanas são numerosas. Entretanto, ao organizar as informações, o Falante insere a construção *como sabemos* para situar o Ouvinte de que esse é um conhecimento compartilhado. Esse tipo de construção é comum na oralidade, apresenta apelo interacional, como observado em (1) e é aqui investigada, conforme os modelos da GDF e da GTI.

Como objetivo geral de pesquisa, buscamos descrever funcionalmente as construções iniciadas por *como*. Como objetivos específicos, investigam-se: (i) as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas das construções iniciadas por *como* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (ii) o estatuto do item *como* nessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (iii) o processo de ordenação sintática dessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); e (iv) suas funções parentéticas no discurso (JUBRAN, 2006).

A GDF se torna uma ferramenta produtiva para esse tipo de análise, por se preocupar em entender a interação social como uma atividade regida por normas e convenções para o estabelecimento comunicacional entre os Falantes, que, no processo de interação verbal, utilizam Expressões Linguísticas – entidades estruturadas, governadas por regras e princípios que

determinam sua formação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), sendo uma teoria preocupada com a organização gramatical das línguas.

As construções analisadas estão no *corpus* de língua falada do português – *Corpus Lusófono*, organizado pelo CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2009), no qual investigamos sete variedades da língua portuguesa, em países que têm o português como língua oficial, quais sejam: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe (há também transcrições de falantes de Goa e Macau presentes nesse *corpus*, mas, como essas comunidades não têm o português como língua oficial, não foram investigadas).

Com isso, levantamos as seguintes perguntas de pesquisa: (i) como as construções encabeçadas pelo *como* funcionam à luz da GDF? (ii) qual o escopo de *como* de acordo com os Níveis Interpessoal e Morfossintático da GDF? (iii) à luz da GTI, essas construções são parentéticas? (iv) qual é o processo de ordenação sintática dessas construções?

Os parâmetros utilizados para a investigação são os que seguem: 1) classificação formal do *como*; 2) camada da construção no Nível Interpessoal (esfera da formulação) da GDF; 3) estatuto do *como* no Nível Interpessoal; 4) camada da construção no Nível Morfossintático (esfera da codificação); 5) estatuto do *como* no Nível Morfossintático; 6) ordenação da construção no Nível Morfossintático; 7) constituição formal enquanto parênteses; 8) propriedades parentéticas das construções em relação às fronteiras dos segmentos e 9) funções e classes parentéticas.

Buscamos, a partir dos critérios apontados, caracterizar o *como* e as construções por ele encabeçadas, partindo da classificação proposta em Bechara (2009) e Neves (2000) e de outros estudos de base funcionalista, a fim de compreender os usos do *como* na língua portuguesa, seguindo até a sua caracterização funcional, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), Stassi-Sé (2012) e Jubran (2006), Fontes (2012, 2016), investigando as Funções interacionais das estruturas por ele encabeçadas, segundo a proposta de investigação dos Níveis Interpessoal e Morfossintático do modelo da GDF e suas funções parentéticas, conforme a GTI.

O estudo prioriza os níveis Interpessoal e Morfossintático do modelo, pois entendemos que, considerando o fenômeno aqui investigado, a Pragmática determina todo o processo formulativo que motiva o Falante a se comunicar utilizando essas construções, além disso, o modelo permite mostrar como se dá o alinhamento entre a formulação e a codificação, sendo possível investigar a ordenação e o estatuto das construções e do item *como*.

O trabalho de Stassi-Sé (2012) serviu de base para analisarmos essas construções sob uma ótica funcional, já que a autora, em seu trabalho, identifica construções desse tipo como Movimentos com o item *como* atuando na marcação de Função interacional Resgate, que se localiza numa escala entre funções discursivas de organização e de monitoramento da interação verbal. Os resultados desse estudo influenciaram também na análise das propriedades parentéticas dessas construções em sua organização textual.

Este trabalho amplia os estudos de Stassi-Sé (2012), uma vez que (i) identifica a ordem em que essas construções ocorrem como Expressão Linguística e (ii) incorpora mais tipos de construção, com outros verbos de ação e de ligação, o que nos permite identificar outras funcionalidades nesses segmentos.

A pesquisa se divide em quatro capítulos com suas respectivas seções e subseções. O primeiro capítulo apresenta a base teórica, iniciando por uma breve definição da Gramática Funcional (GF) proposta por Dik (1997) e da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), focando nos Níveis Interpessoal e Morfossintático, e na hierarquização em camadas. Seguimos com os conceitos da Gramática Textual Interativa (GTI) para compreendermos a organização textual das construções como parênteses.

O segundo capítulo investiga o tratamento de *como*, primeiramente, a partir de Bechara (2009), para a análise formal do item e de sua classificação conforme os papéis que apresenta no português. Em sequência, são apresentados os usos de *como* no português a partir de Neves (2000) e de outros estudos de ótica funcionalista, que nos serviram de base para a sua caracterização. Ademais, são introduzidos estudos que investigam construções independentes, tratadas na GDF como Movimentos, de forma semelhante ao tratamento aqui oferecido às construções encabeçadas por *como*.

O terceiro capítulo traz uma descrição do *corpus* lusófono utilizado na pesquisa, que foi organizado pelo CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2009). Desse *corpus*, são investigadas sete variedades da língua portuguesa, que têm o português como língua oficial: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Nesse capítulo também são detalhados os critérios de análise, que guiaram a investigação.

O quarto e último capítulo analisa as ocorrências selecionadas de acordo com duas perspectivas: (i) caracterização do *como* e do segmento em que ocorre, de acordo com a GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) e (ii) categorização interacional das construções encabeçadas por

como a partir do conceito de parentetização, de acordo com a GTI, conforme Jubran (2006). Ao final, trouxemos algumas considerações sobre a pesquisa e sobre suas principais contribuições.

CAPÍTULO 01 – GDF E GTI

Neste capítulo inicial, apresentamos as bases teóricas da pesquisa, elucidando nosso foco nas correntes funcionalistas da GDF e da GTI, para entender o funcionamento das construções encabeçadas por *como*.

1.1: Gramática Funcional (GF)

Nesta seção, abordamos, brevemente, o funcionalismo de Dik (1997) e, na sequência, com mais profundidade, o modelo teórico da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008, 2010) e aplicações da teoria em Pezatti (2010, 2014) e em outros autores que também se apoiam na teoria.

Levando em conta o modelo da Gramática Funcional de Dik (1997), doravante GF, a interação social é atividade estruturada não aleatória, regida por normas e convenções para o estabelecimento comunicacional entre os Falantes, que, no processo de interação verbal, utilizam Expressões Linguísticas – entidades estruturadas, governadas por regras e princípios que determinam sua formação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A Expressão Linguística é uma mediação entre a intenção do Falante e a interpretação do Ouvinte.

Esse processo interacional depende de três fatores: (i) a intenção do Falante, (ii) a informação pragmática e (iii) a antecipação que ele faz da interpretação do Ouvinte. Já a interpretação depende da própria Expressão Linguística, da informação pragmática e da hipótese do Ouvinte sobre a intenção comunicativa do Falante. Dik (1997) elaborou um modelo de interação verbal:

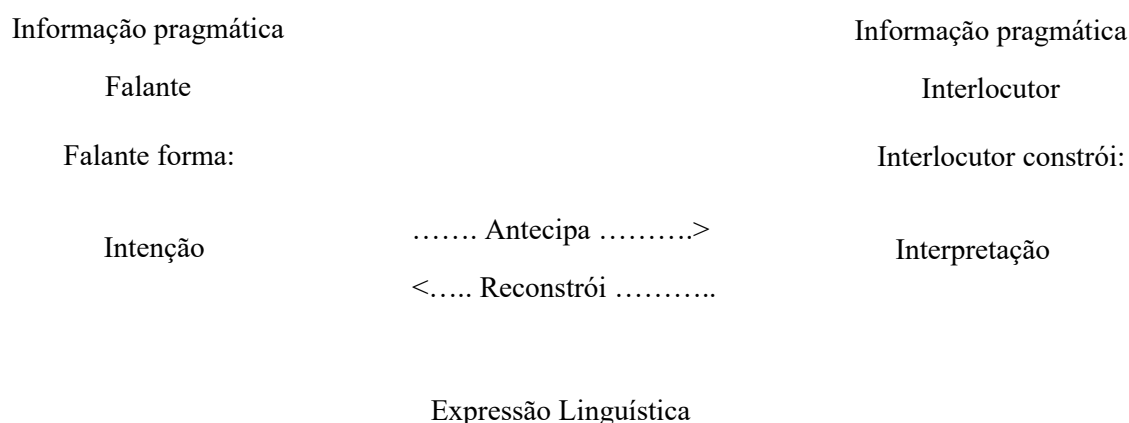


Figura 1. Modelo de interação verbal (DIK, 1997, p. 8)

Para Dik (1997), a principal preocupação do linguista funcional está em entender: como o Falante de uma língua natural trabalha? Como funciona a comunicação entre Falante e Ouvinte? Como é entendida cada Expressão Linguística? Como é partilhado o conhecimento, crenças, conceitos, sentimentos e o comportamento nessa prática conversacional?

Para responder a tais questões, o autor entende que diversas funções humanas entram em jogo, envolvendo tanto o processo comunicativo da linguagem, como o Falante, que possui cinco capacidades essenciais para o desenvolvimento de comunicação linguística: (i) **capacidade linguística** (o Falante é capacitado para produzir e interpretar Expressões Linguísticas complexas em variadas situações comunicativas); (ii) **capacidade epistêmica** (o Falante é capaz de construir, manter, explorar e organizar seu conhecimento base, podendo derivar conhecimento de Expressões Linguísticas, arquivando de forma apropriada, recuperando e utilizando esse conhecimento para interpretar novas e futuras Expressões Linguísticas); (iii) **capacidade lógica** (o Falante possui capacidade lógica para compreender a significação de seu conhecimento, seguindo princípios de dedução e lógica probabilística); (iv) **capacidade perceptiva** (capacidade para compreender o seu ambiente, realizar percepções acerca do conhecimento adquirido e produzir interpretações para as Expressões Linguísticas), e (v) **capacidade social** (capacidade para se comunicar em sociedade: saber o que falar e como falar em determinadas situações comunicativas para alcançar seus objetivos comunicativos).

Esse modelo (M. ULN – Modelo de Usuário de Língua Natural), que caracteriza o Falante de língua natural, entende que todas as capacidades citadas trabalham em conjunto e cada uma contribui para a eficiência do sistema linguístico como um todo. Com isso, temos na **Gramática Funcional** uma teoria geral sobre a organização gramatical das línguas naturais.

A teoria funcional segue três princípios de adequação explanatória, principalmente de natureza descritiva: (i) **adequação psicológica** (compatibilidade entre descrição gramatical e hipóteses psicológicas durante o processamento linguístico, resultando em estratégias para construção, formulação (produção) e interpretação (compreensão linguística)); (ii) **adequação tipológica** (adequação sobre diferentes tipos de gramáticas, adequando similaridades e diferenças entre sistemas linguísticos diferentes), e (iii) **adequação pragmática** (adequação às regras e princípios que governam a interação verbal).

Essa última adequação é a mais relevante para o funcionalista, pois a análise funcional envolve dois tipos de sistema de regras, reforçadas pela convenção social: (i) sistema instrumental com regras que governam a constituição das Expressões Linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e (ii) sistema pragmático com as regras que governam os padrões de interação verbal em que essas Expressões Linguísticas são usadas (regras pragmáticas).

Como vimos em Dik (1997), a Pragmática é muito importante para o funcionalismo por ser um campo de fundamental aplicação para a análise funcional, pela preocupação em relacionar os dois sistemas de regras já mencionados e assim entender essa relação intrínseca entre língua e sujeito nessa convenção social. Para Stalnaker (1982), a Pragmática se preocupa com os estudos dos **Atos Linguísticos** e dos contextos nos quais são executados. Para o autor, há dois tipos de problemas que a Pragmática ajuda a solucionar: primeiro, definir tipos relevantes de Atos de fala e Produtos de fala, e segundo, a caracterização de traços do contexto de fala que auxiliam na determinação das proposições que são expressas nas sentenças analisadas, como por exemplo, Atos Ilocucionários e Expressões Indiciais.

Basso (2009) também traz uma definição para a Pragmática, na tentativa de diferenciar os objetos de estudo da Semântica e da Pragmática: “à Semântica cabe o estudo do significado da sentença, enquanto à Pragmática o estudo do significado do Falante” (Basso [*et al.*], 2009), ou seja, para a Semântica o significado da sentença significa o que a sentença diz e para a Pragmática entra o significado do Falante, o que o Falante quer dizer com a sentença dita. Nessa questão entram o raciocínio, o cálculo inferencial por parte do Falante e a dedução que é realizada em um diálogo.

Um bom exemplo de análise pragmática e das condições necessárias e suficientes para entender o processo de significação do Falante e suas intenções para a execução de determinado Ato de fala, é o comportamento do Falante em relação ao seu ambiente e ao seu Interlocutor, como ocorre em uma entrevista de emprego. O Falante candidato à vaga, possivelmente, usará uma linguagem mais culta o possível (dentro do seu conhecimento da língua), diferente da utilizada na roda de amigos, pois buscará convencer seu Interlocutor a contratá-lo.

Nesse caso, o candidato entende o ambiente, tem conhecimento de mundo para entender as regras ideais para interagir verbalmente utilizando recursos da linguagem culta para alcançar seu objetivo (o emprego) – fator motivacional para o Falante. Segundo Brait (1992), isso ocorre com o Falante pela influência de três fatores extraverbais: (i) a extensão espacial visível, comum aos Interlocutores; (ii) o conhecimento e a compreensão da situação existente e partilhada, e (iii) a avaliação comum dessa situação pelos Interlocutores (BRAIT, 1992, p. 26).

Para a autora, a interação verbal é a linguagem em movimento, realizando a representação, expressão e comunicação, além da ação sobre o outro, da “participação ativa dos elementos para a construção de sentidos que atravessam e se criam no processo” (BRAIT, 1992, p. 21). É nesse âmbito da língua em uso que a corrente funcionalista se debruça a analisar seu funcionamento e organização sistemática. Por ser uma teoria linguística preocupada com a organização gramatical das línguas, Dik (1997) atribui a importância das noções funcionais que auxiliam o Falante a relacionar a informação pragmática (conjunto completo de conhecimento, crenças, suposições, opiniões e sentimentos disponíveis aos Interlocutores) com o enunciado a ser construído com base em constituintes das funções pragmáticas, semânticas e sintáticas.

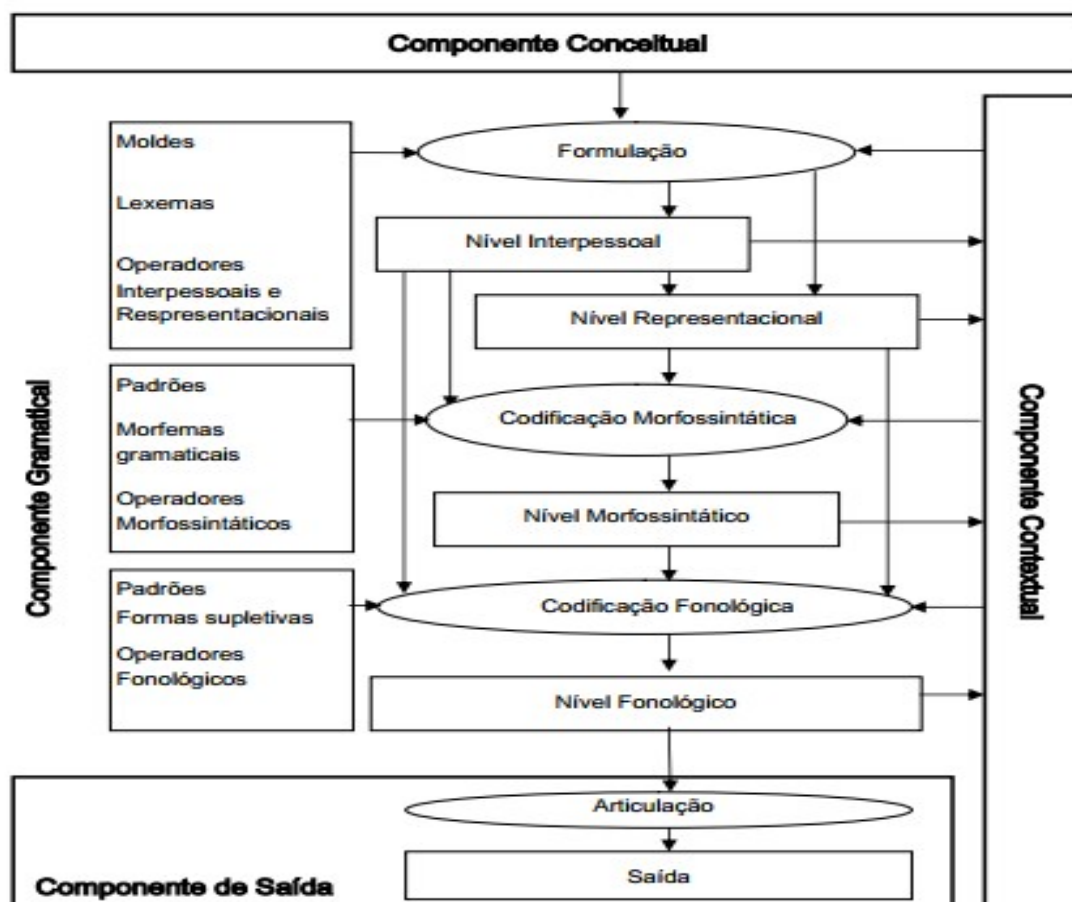
Na sequência, é apresentada a corrente funcionalista da GDF, que nasceu da GF de Dik (1997), aqui abordada. A diferença básica entre as duas teorias está no foco de análise: a GF foca na sentença como unidade de análise, a GDF extrapola o nível da sentença e tem como unidade de análise o Ato Discursivo, chegando, inclusive, à camada do Movimento, a mais alta camada do Nível Interpessoal do modelo.

Hengeveld e Mackenzie (2008) diferenciam a Gramática Discursivo-Funcional da GF (e também de outras teorias funcionais-estruturais), salientando as seguintes diferenças: (i) organização descendente entre níveis e camadas; (ii) consideração do Ato Discursivo como unidade básica de análise; (iii) inclusão das propriedades morfossintáticas e fonológicas como parte de sua estrutura subjacente ao lado de representações das propriedades pragmáticas e semânticas do Ato

Discursivo; e (iv) relação sistêmica entre os Componentes Conceitual, Contextual e de Produção. Vejamos como se estrutura o modelo da GDF na próxima seção.

1.2: Gramática Discursivo-Funcional (GDF)

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a Gramática Discursivo-Funcional é definida como um Componente Gramatical de um modelo de interação verbal que é relacionado a outros componentes em conjunto: (i) Componente Conceitual (referente às intenções comunicativas e conceitualizações extralingüísticas), (ii) Componente Contextual (descrição da forma e do conteúdo do discurso, baseado no contexto real do evento de fala e a relação social entre os participantes) e (iii) Componente de Saída (expressões acústicas ou linguísticas baseadas na informação corrente). Vejamos o quadro 1, que mostra a arquitetura da GDF:



Quadro 1. Arquitetura da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 4)

Essa interação entre os componentes ocorre por meio da formulação e da codificação. A formulação baseia-se nas regras que determinam aquilo que constitui as representações semânticas e pragmáticas subjacentes válidas em uma língua, e a codificação nas regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações fonológicas e morfossintáticas.

A GDF vê, no usuário da língua, um conhecedor tanto das unidades funcionais e formais da língua, como das maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas. Para Hengeveld e Mackenzie (2010), esse conhecimento do Falante apresenta um elevado grau de estabilidade, podendo assim ser comparado entre as línguas, “revelando as tendências universais na estrutura linguística, como estudo na tipologia linguística” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 27).

Diferentemente de classificar determinadas Expressões Linguísticas apenas como recursos estilísticos, cuja estruturação sintática possa apresentar desvios sintáticos como ênfase, realce, relevo, ou figuras de linguagem, que representam essa quebra de ordem direta, ocorrendo a ordem chamada inversa (CUNHA; CINTRA, 1985), neste trabalho buscamos detalhar essas classificações com recursos funcionais, pragmáticos e estruturais que a GDF oferece. Com essa teoria, temos uma base para compreender como esses processos linguísticos ocorrem na língua, como o Falante dispõe do uso desses recursos para alcançar seus objetivos comunicacionais. A divisão em quatro níveis, entre formulação e codificação, busca entender as etapas de construção e execução desses recursos linguísticos.

Assim, a GDF pode ser entendida como uma gramática estrutural–funcional (BUTLER, 2003), pois é uma gramática moldada pelo uso, e entende a língua como um sistema que deve ser descrito e correlacionado com funções do discurso. Em comparação à GF, essa nova versão se torna uma teoria inovadora do ponto de vista analítico e operacional, pois, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), temos na GDF uma nova abrangência nas unidades a serem analisadas funcionalmente, porções oracionais maiores e analisadas em diferentes níveis e camadas, situadas nos campos das teorias funcionalmente orientadas, ocupando uma posição intermediária entre Funcionalismo e Formalismo radicais, alinhando “a orientação funcional com objetivo explícito de construir um sistema de representação formal” (SANTANA, 2010, p. 93-94).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF se concentra em uma dimensão individual e psicológica do Falante, em conexão à dimensão social que o Falante está imerso. O modelo da GDF tem uma forte orientação tipológica como direção teórica para aplicação linguística, relacionando as relações textuais analisadas nos níveis Interpessoal (Atos Discursivos agrupados em

Movimentos), Representacional (Estado-de-Coisas agrupados em Episódios), Morfossintático e Fonológico.

Tão importante quanto sua divisão em componentes e níveis, é a hierarquização entre os níveis, pois para a GDF, a Pragmática comanda a Semântica, essas comandam a Morfossintaxe e a Fonologia. Cada um dos níveis de representação dentro do Componente Gramatical é estruturado de modo próprio, tendo em comum uma organização hierarquicamente ordenada em camada, esta é composta por um **Núcleo** (obrigatório), que pode ser restringido por um **Modificador** (opcional), especificado por um **Operador** e ter uma **Função**.

Os Núcleos e Modificadores representam estratégias lexicais, enquanto Operadores e Funções representam estratégias gramaticais. A Função é sempre relacional e ocorre entre unidades da mesma camada, enquanto o Operador se aplica a uma unidade em si mesma (PEZATTI, 2010, p. 8). Focamos agora no Nível Interpessoal e suas camadas e Atos.

1.2.1: Nível Interpessoal (NI)

O Nível Interpessoal está relacionado com a Pragmática presente no discurso em uso pelos Falantes, ou seja, em suas intenções comunicativas e nas distinções de formulação na interação, baseadas em noções pragmáticas, retóricas de conhecimentos e sentimentos do Falante. Na representação do Nível Interpessoal, como a camada mais alta identificada na teoria, temos o **Movimento** – definido como a menor unidade livre do discurso (KROON, 1997 *apud* PEZATTI, 2014, p. 76), visto como uma contribuição autônoma para a interação contínua, constituído de uma ação introdutória ou modificadora de tópicos discursivos.

Presente no Movimento, o **Ato Discursivo** é visto como a unidade básica do discurso, e é definido como a menor unidade linguística presente no processo comunicativo, que envolve o **Falante**, o **Ouvinte**, uma **Ilocução** (finalidade do ato verbal) e um **Conteúdo Comunicado** (conteúdo que o Falante deseja evocar ao **Ouvinte**). O **Conteúdo Comunicado** é formado por **Subatos**, estes sendo formas de ação comunicativa do Falante, podendo ser de **Atribuição** (tentativa de o Falante evocar uma propriedade) e/ou de **Referência** (tentativa do Falante de evocar um referente). Apenas o Falante e a Ilocução são necessariamente presentes para a execução de um Ato. Vejamos três exemplos de Atos Discursivos, descritos no português em Pezatti (2010):

(i) **Expressivo**: expressa diretamente e de modo autodirecionado, sem a necessidade da presença de um Ouvinte, sentimentos do Falante (raiva, medo alegria, pânico, etc.) sem conter um Conteúdo Comunicado e sem um propósito comunicativo (uso de diversas interjeições):

(1) *Nossa senhora!* (PEZATTI, 2010, p. 11)

(ii) **Comunicativo Interativo**: expressa um Ato heterorrelacionado, com um Ouvinte presente, geralmente com uso de interjeições, com a intenção de realizar interações específicas, como saudações, cumprimentos, chamamentos, classificados como vocativos interpelativos (uso de itens lexicais variáveis como *Ei! você, etc.*) e designativo (caracterização do Ouvinte, como por exemplo, o nome *Dona Joana, Senhor Engenheiro, etc.*):

(2) *Bom dia, obrigada.* (PEZATTI, 2010, p. 12)

(iii) **Comunicativo Illocucionário**: mais comum dentre os Atos, expressa um Conteúdo Comunicado em direção a um Ouvinte presente:

(3) *Eu os declaro marido e mulher* (PEZATTI, 2010, p. 13)

Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem tipos de Atos derivados do Ato Discursivo, de acordo com sua funcionalidade: Atos Expressivos, Atos de Conteúdo e Atos Interativos. Os **Atos Expressivos** e os de **Conteúdo** são subordinados à transmissão de emoção, sentimentos, informações pragmático-semânticas. Já os **Atos Interativos** atuam na manutenção verbal, sendo subordinados ao uso interacional entre Falante e Ouvinte e à relação comunicativa construída por ambos, na qual o Falante busca chamar a atenção do Ouvinte. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), os Atos Interativos são geralmente expressos por elementos lexicais disponíveis em um conjunto restrito de situações, como formas de monitoramento da interação verbal e formas de execução do discurso.

Os **Atos Discursivos** podem expressar funções retóricas, que estão relacionadas aos modos ordenados dos componentes do discurso, modelados como estratégia do Falante no Ato Comunicativo, buscando influenciar o Ouvinte a aceitar seus propósitos e intenções, sendo

chamadas de funções retóricas, que podem ser: Orientação (introdução de um referente importante para interpretação do Ato Discursivo), como em (4); Esclarecimento (adição de uma informação para a correta interpretação da intenção comunicativa), como em (5); Concessão (preservação da face do Falante ou de outrem ao apresentar uma reconsideração do Conteúdo Comunicado), como em (6); Motivação (justificativa do Falante ao enunciar uma Ilocução Declarativa), como em (7); Correção (realização de uma autocorreção), como em (8); e *Aside* (introdução de uma informação relativa não restritiva direcionada ao Sujeito introduzido na Oração principal), como em (9).

(4) Orientação: *o mais novo*, esse estava sempre com, com a mãe (Moç86: Chuva: 30) (PEZATTI, 2014, p. 83)

(5) Esclarecimento: dói muito para nós, *as senhoras* (Moç97: Mocidade: 56) (PEZATTI, 2014, p. 84)

(6) Concessão: e a gente teve junto *mesmo não tando no mesmo lado do do... da política*. (Moç97: Mocidade: 56) (PEZATTI, 2014, p. 84)

(7) Motivação: reconciliação eu não digo não é?, *porque até agora abandalam-me* (Ang97: JG: 113) (PEZATTI, 2014, p. 84)

(8) Correção: Eu gostaria de devolver o livro a sua mãe (*quero dizer*) a sua irmã. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 apud STASSI-SÉ, 2012, p. 51)

(9) *Aside*: Os alunos, *que trabalharam bastante*, passaram no exame? (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 apud STASSI-SÉ, 2012, p. 52)

A **Ilocução** presente no Ato Discursivo pode indicar diversas intenções comunicativas do Falante, ao buscar associar as propriedades lexicais e formais do Ato. As Ilocuções podem ser expressões relacionadas, interjeições, verbos performativos, ilocuções abstratas ou performativos implícitos, de acordo com o esquema:

Ato_{Iloc} → DECL/INTER/ADMIR/IMPER etc.+ F + D + C (Configuração estrutural)

(i) Ilocução declarativa: Instrução e transmissão de uma informação pragmática do Falante para o Ouvinte:

(10) a água vem de um rio... (Bra80: Fazenda) (PEZATTI, 2010, p. 15)

(ii) Ilocução admirativa: O Falante expressa uma reação emocional ao Ouvinte (neste caso, não necessariamente um Conteúdo Comunicado, e sim mais frequentemente, expressões holofrásticas):

(11) Você conseguiu o emprego? **Parabéns!** (PEZATTI, 2010, p. 15)

(iii) Ilocução interrogativa polar: O Falante solicita uma resposta sim/não do Ouvinte, sem adição de outros Conteúdos:

(12) Você já viu fogão de lenha? (Bra80: Fazenda) (PEZATTI, 2010, p. 15)

(iv) Ilocução interrogativa de conteúdo: o Falante solicita ao Ouvinte uma resposta com uma informação pragmática inclusa:

(13) você disse que tem uma piscina de água natural, quer dizer, a, **a água vem de, de onde?...** (Bra80: Fazenda) (PEZATTI, 2010, p. 15)

Fontes (2012) faz distinções entre as Ilocuções interrogativas de conteúdo no português brasileiro, que contêm um pronome ou advérbio interrogativo (interrogativas *QU*), analisando a ordenação do constituinte interrogativo e do sujeito (posição inicial e final) e o processo de clivagem (*que* e *é que*) em posição inicial. Em uma abordagem diacrônica, o autor entende que as interrogativas de conteúdo podem ser usadas em três possíveis contextos – perguntas típicas, perguntas retóricas e perguntas meditativas, definidas através da conjugação de três fatores pragmáticos presentes na interação verbal:

- (i) aquilo que o Falante assume fazer parte de sua própria informação pragmática;
- (ii) aquilo que o Falante pressupõe estar ou não estar na informação pragmática de seu(s) Ouvinte(s) e (iii) a intenção comunicativa do Falante, em relação a seu(s) Ouvinte(s), com o uso da estrutura interrogativa. (FONTES, 2012, p. 171)

Focando na pergunta meditativa, o autor entende que esse tipo de interrogativa de conteúdo ocorre quando a informação interrogativa está ausente para o Falante e o Ouvinte, tratando-se no caso de uma tentativa do Falante em expor dúvidas, inquietações, tendo o Ouvinte como testemunha desse processo, mostrando que a tradicional relação entre pergunta e solicitação de resposta nem sempre dá conta de explicar a real funcionalidade dessas estruturas.

Com base no Nível Interpessoal, Fontes (2012) compreende a existência de três fenômenos pragmáticos que influenciam na codificação do constituinte interrogativo: (i) a identificabilidade e especificidade do constituinte interrogativo (avaliação entre Falante e Ouvinte de determinado Subato Referencial identificável ou não e específico ou não para si próprio); (ii) atribuição de funções pragmáticas (funções de Foco, Tópico e Contraste aplicadas a um Subato) e (iii) atribuição de Ênfase (com estatuto de Modificador em mecanismo lexical da língua ou Operador por meios gramaticais). Vejamos abaixo o exemplo (14):

(14) No mesmo pacote de cartas escrevi uma a meu amigo nosso amigo vosso Tio [*inint.*] É esquisito! Nada eu perco [] **onde estará o pacote?** (19CZC-54) (FONTES, 2012, p. 103)

Podemos ver acima que a resposta da pergunta do Falante é desconhecida tanto para si, como também ao Ouvinte, sendo um “momento de reflexão, devaneio, elocubração, em que o Falante expõe uma dúvida, um pensamento” (FONTES, 2012, p. 103). O Falante informa o Ouvinte que uma das cartas do pacote havia se perdido e ao questionar onde estaria o pacote, o Falante não espera resposta do Ouvinte, este que funciona como uma testemunha da exteriorização do pensamento do Falante, e a informação sob interrogação não é identificável e também é não específica para ambos.

Identificamos que essa Ilocução interrogativa de conteúdo – pergunta meditativa – ocorre nas construções aqui investigadas, identificadas na camada do Subato de referência e analisadas no capítulo de análise, ocorrendo em posição Pré-Oracional na Expressão Linguística. Seguimos com os demais tipos de Ilocução.

(v) Ilocução imperativa: expressão de uma ordem, pedido do Falante para o Ouvinte:

(15) **pergunta** se ele, se, se ele [...], se, se quer, se ele quer sentir o cheiro. (Bra80: Criar Filhos) (PEZATTI, 2010, p. 16)

(vi) Ilocução exortativa: com o uso do verbo na primeira pessoa do plural, o Falante encoraja ou motiva a si mesmo ou ao Ouvinte a realizar determinada ação:

(16) no meio do caminho eu disse “**vamos a Minas**”. (Bra80: Arte Urbana) (PEZATTI, 2010, p. 16)

(vii) Ilocução optativa: expressão de desejo do Falante sobre algo que gostaria que ocorresse:

(17) **oxalá** não vão pôr isto no computador (PT72: Ao Volante) (PEZATTI, 2010, p. 16)

(viii) Ilocução admoestativa: o Falante adverte ou repreende o Ouvinte em relação ao Conteúdo Comunicado:

(18) "minha filha, **vocês não devem reclamar, não**. vocês levam até uma vida muito melhor que eu levei, poxa!" (Bras80: Nada Ciumenta) (PEZATTI, 2010, p. 16)

(ix) Ilocução suplicativa: o Falante solicita ao Ouvinte a permissão para realizar determinada ação:

(19) "homem, **tu podes-me deixar estender linho no teu pasto, e assim, assim**" (PT96: Linho) (PEZATTI, 2010, p. 16)

(x) Ilocução imprecativa: expressão de algum desejo ou situação negativa que o Falante evoca ao Ouvinte:

(20) Vai para o inferno com sua chatice. (PEZATTI, 2010, p. 17)

(xi) Ilocução comprissiva: o Falante se compromete a cumprir algum acordo ou ação evocada junto ao Ouvinte:

(21) a próxima vez eu venho almoçar. (Bra80: Macarronada) (PEZATTI, 2010, p. 17)

(xii) Ilocução proibitiva: o Falante proíbe o Ouvinte de realizar determinada ação:

(22) É **proibido** entrar com animais aqui. (PEZATTI, 2010, p. 17)

(xiii) Ilocução desexortativa: o Falante desencoraja a si mesmo ou ao Ouvinte de realizar determinada ação:

(23) É melhor **largar mão** desse problema. (PEZATTI, 2010, p. 17)

Em nossa análise, vemos que as definições das Ilocuções declarativa e interrogativa nos auxiliaram na compreensão e classificação das ocorrências, segundo os princípios dessa camada do Nível Interpessoal. Segue abaixo o modelo de relação hierárquica do Nível Interpessoal:

(π M1: [Movimento
(π A1:[Ato Discursivo
(π F1: ILL (F1): Σ (F1))	Ilocução
(π P1: ... (P1): Σ (P1))S	Falante
(π P2: ... (P2): Σ (P2))A	Ouvinte
(π C1: [Conteúdo Comunicado
(π T1: [...] (T1): Σ (T1)) Φ	Subato de Atribuição
(π R1: [...] (R1): Σ (R1)) Φ	Subato de Referência
] (C1): Σ (C1)) Φ	Conteúdo Comunicado
] (A1): Σ (A1)) Φ	Ato Discursivo
] (M1): Σ (M1))	Movimento

Figura 2. Hierarquia no Nível Interpessoal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 9)

As propriedades de interação que estão presentes nas estratégias de natureza proposital, no Nível Interpessoal, são a retórica (propriedades formais de enunciados persuasivos do Falante em relação ao seu Ouvinte) e a pragmática (modelagem das mensagens do Falante em relação às expectativas sobre o Ouvinte). No Nível Interpessoal, essas estratégias interpessoais, gramaticais e

lexicais constituem os Operadores e Modificadores, além das Funções pragmáticas presentes nesse nível.

1.2.1.1: Operadores e Modificadores Interpessoais

Os Operadores Interpessoais são estratégias gramaticais que especificam uma camada e se aplicam a uma unidade em si mesma (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010), constituindo traços abstratos e manifestados na esfera da codificação como **Palavras Gramaticais**. No Nível Interpessoal, os Operadores ocorrem na interação entre Falante e Ouvinte, em posições periféricas, podendo assumir uma posição absoluta ou relativa. Temos na **Ênfase**, um exemplo de categoria pragmática interpessoal que atua como uma estratégia do Falante em atingir seu propósito comunicativo, através de uma intensificação lexical ou gramatical em algum constituinte ou até mesmo, com a Expressão Linguística como um todo.

O Operador Interpessoal de **Polidez** marca a intenção do Falante em ser polido, educado. Este Operador pode estar presente nos Subatos, antes do Núcleo especificado. O Operador **Aproximação** indica um termo que indica aproximação da real intenção do Falante, ocasionados antes do núcleo que especificam. O Operador de **Mitigação** é utilizado para limitar o compromisso do Falante em relação ao que é dito, para preservar sua face.

Os Operadores Interpessoais também podem atuar como **Funções pragmáticas de Foco** (posição absoluta final, onde o termo é codificado como foco da sentença, podendo também ser marcado como **Foco-Ser**, onde o Falante fornece ao Ouvinte, o Operador-ser (verbo) para marcar o constituinte como Foco) e **Contraste** (desejo do Falante em realçar diferenças entre os Conteúdos Comunicados ou entre informações já dispostas na situação em discurso (PEZATTI, 2014)).

Já os Modificadores Interpessoais (opcionais e restritos ao Núcleo de uma camada) são constituintes lexicais que refletem o papel de uma unidade linguística na interação entre Falante e Ouvinte (modificam o Ato, podendo ser de natureza de propriedade estilística, estatuto do Ato dentro do discurso ou Atos Enfáticos), podendo escorar uma camada toda, dependendo de sua posição na sentença, como por exemplo, um Ato Discursivo, Ilocuções (F), Conteúdo Comunicado (C) e Subatos (S). Sua atuação modificadora pode ocorrer em diferentes funções e camadas, como **Ênfase** (*caramba* em caso de raiva, espanto), **Modo** (*lentamente, à parte*), **Conclusão** (*portanto, pois*), **Sequenciação** (*primeiro, segundo*), **Exemplificação** (*por exemplo*), **Atitude** (*felizmente,*

infelizmente), Divergência (*contudo, no entanto*). Não entramos em detalhes ou exemplos para os Operadores e Modificadores Interpessoais, pois não são abordados na análise desta pesquisa.

1.2.2: Nível Representacional (NR)

Este nível está relacionado com os aspectos semânticos de uma unidade linguística, sendo responsável pela designação. O termo “semântica” fica restrito aos meios pelos quais uma língua se relaciona com os mundos possíveis que ela descreve. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), as camadas de maior relevância no Nível Representacional são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Segue, abaixo, a relação hierárquica no Nível Representacional:

$(\pi p1:$	Conteúdo Proposicional
$(\pi ep1:$	Episódio
$(\pi e1:$	Estado-de-Coisas
$[(\pi f1: [$	Propriedade Configuracional
$(\pi f1: \blacklozenge (f1): [\sigma (f1)\Phi])$	Propriedade Lexical
$(\pi x1: \blacklozenge (x1): [\sigma (x1)\Phi])\Phi$	Indivíduo
...	
$] (f1): [\sigma (f1)\Phi])$	Propriedade Configuracional
$(e1)\Phi]: [\sigma (e1)\Phi])$	Estado-de-Coisas
$(ep1): [\sigma (ep1)\Phi])$	Episódio
$(p1): [\sigma (p1)\Phi])$	Conteúdo Proposicional

Figura 3. Hierarquia no Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 13)

O **Conteúdo Proposicional** (p) está relacionado com as construções mentais, como desejos, crenças e conhecimentos do Falante. Essas construções mentais podem ser factuais (relacionados a mundo real) e não factuais (mundo imaginário), podendo ser qualificadas por atitudes

proposicionais (como certeza ou dúvida), ou também inferências, conhecimento comum partilhado, evidências. Vejamos o exemplo:

(24) *Jenny acreditava que/esperava que foi para casa porque talvez sua mãe fosse visitá-la.* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 13-14)

A camada de **Estado-de-Coisas (e)** está relacionada a eventos e estados que podem ser localizados no tempo e no espaço e também ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Podemos dizer que o Estado-de-Coisas “(não) ocorre”, “(não) acontece” ou “(não) é o caso” em algum ponto ou intervalo de tempo. Vejamos no exemplo abaixo, a combinação do tempo absoluto (presente no **Episódio (ep)**) com o tempo relativo (característica do Estado-de-coisas):

(25) *Ontem Sheila saiu antes de jantar.* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 15)

A marcação de tempo absoluto (ep) dada pelo advérbio *ontem* é válida também para os dois Estado-de-Coisas (e) do exemplo acima, na medida em que as duas ações fazem parte do mesmo **Episódio (ep)**, separados e especificados em sua relação temporal pelo lexema *antes* (locução conjuntiva).

A **Propriedade Configuracional (f)** é moldada por categorias semânticas que estabelecem uma relação não-hierárquica entre si. Essas categorias semânticas podem ser compostas de **Indivíduos** (objetos concretos que podem ser localizados no espaço), **Propriedades Lexicais** – estas não têm existência independente e só podem ser avaliadas em termos de seu funcionamento em conjunto a outros termos da entidade, localização, tempo, modo, razão e quantidade. Vejamos o exemplo a seguir, no qual os dois Estados-de-coisas (e) se relacionam e constituem (f):

(26) *As fortes chuvas (e) causaram (f) muitos danos (e).* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 181)¹

Os Níveis Interpessoal e Representacional são responsáveis pelo processo de formulação proposto pela GDF e suas respectivas propriedades pragmáticas e semânticas, hierarquicamente organizadas, são codificadas no Nível Morfossintático.

¹ Texto original: *The heavy rainfall (e) caused (f) a lot of damage (e).* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 181)

1.2.3: Nível Morfossintático (NM)

Nível responsável pelos aspectos estruturais da unidade linguística, por sua codificação e pelas distinções interpessoais e representacionais, pois muitas operações nesse nível são motivadas funcionalmente por princípios ordenadores de iconicidade, integridade de domínio e preservação das relações de escopo. Segue abaixo a relação hierárquica entre as camadas desse terceiro nível:

(Le ₁ :	Expressão Linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Palavra
(Xp ₁))	Frase
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão Linguística

Figura 4. Hierarquia no Nível Morfossintático (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 18)

A **Expressão Linguística** é o conjunto de ao menos uma unidade morfossintática independente, podendo ser formada pela combinação das unidades presentes nas **Orações** (grupo de Palavras ou Sintagmas, atuando como molde para estabelecer a ordem entre seus constituintes), **Sintagmas** (configuração em sequência de Palavras, Sintagmas e Orações encaixadas, possui um núcleo lexical – pode ser verbal, nominal, adjetival, adverbial e adposicional) ou **Palavras** (configuração sequenciada de morfemas, formada por **Raiz** e **Afixos**). Stassi-Sé (2012) discute a diferença entre Palavra e Lexema tratada por Hengeveld e Mackenzie (2008) na GDF:

- (i) uma única Palavra (no Nível Morfossintático) pode corresponder a vários Lexemas (no Nível Representacional);
- (ii) em algumas línguas, não há distinção entre a classe de Lexemas, mas há uma variedade de classes de Palavras;
- (iii) muitas Palavras não apresentam Lexemas correspondentes, são Palavras gramaticais, que correspondem a um operador ou a uma função no Nível Representacional ou Interpessoal, ou mesmo podem ser introduzidas por elementos

vazios (*dummies*) ou suporte (*support*). (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 apud STASSI-SÉ, 2012, p. 58)

Os princípios de ordenação dos constituintes são representados no Nível Morfossintático, que, para a GDF, é uma etapa de fundamental importância na compreensão de como o Falante ordena seu discurso alinhando as funções pragmáticas, semânticas e sintáticas.

1.2.3.1: Ordenação dos constituintes para GDF

A ordenação sintática dos constituintes de qualquer língua visa expressar as relações entre funções pragmáticas e semânticas de cada língua, como um mecanismo de expressão usado pelo Falante, que se utiliza das relações de ordenação para expressar determinadas intenções comunicativas, estruturando Atos Discursivos e Expressões Linguísticas de determinada maneira. A GDF trata da ordenação dos constituintes levando em consideração a diferença entre constituintes hierárquicos (pertencem a camadas diferentes, baseados em considerações de escopo, havendo orientação descendente de relação hierárquica) e não hierárquicos (mesma camada e estatuto dentro da Oração, denominados predicação nuclear, baseados no alinhamento).

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), as três posições básicas para entender a linearização dos constituintes em português são: Posição Inicial (P^I), Posição Medial (P^M) e Posição Final (P^F), em que as posições periféricas (Inicial e Final) são psicologicamente mais salientes, sendo estas reservadas para constituintes hierárquicos (Funções, Operadores e Modificadores – são colocados centripetamente, da margem para o centro), e a Posição Medial reservada para constituintes não hierárquicos (predicado e seus argumentos). Há a possibilidade do aparecimento de outras posições relativas – P^{I+1} (Pós Inicial), P^{M+1} (Pós Medial) e P^{F-1} (Posição Penúltima) quando as demais posições absolutas já estiverem preenchidas.

As posições marginais, ou seja, fora da oração, que são parte da Expressão Linguística, são tratadas como constituintes extraoracionais e, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), ocupam as posições P^{pre} (Pré-Oracional), P^{centro} (Oração) e P^{pos} (Pós-Oracional), classificadas para distinguir P^I e P^F da camada da Expressão Linguística e da oração (PEZATTI, 2014, p. 82-83).

1.2.4: Nível Fonológico (NF)

O último nível é responsável também pela codificação, recebendo *input* dos outros três níveis e fornecendo *input* ao Componente de saída. Nesse nível, operam padrões prosódicos, sequências segmentais, que configuram os morfemas ou marcadores de posição, além de Operadores terciários que dão efeitos finais ao *input* no Componente de saída. Vejamos sua relação hierárquica:

(π U1: [Enunciado
(π IP1: [Frase Entonacional
(π PP1: [Frase Fonológica
(π PW1: [Palavra Fonológica
(π F1: [Pé
(π S1) ^N	Sílaba
] (F1))	Pé
] (PW1))	Palavra Fonológica
] (PP1))	Frase Fonológica
] (IP1))	Frase Entonacional
] (U1))	Enunciado

Figura 5. Hierarquia no Nível Fonológico (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010, p. 22)

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o **Enunciado** é a maior camada do NF, distinguindo-se por se separar de outros Enunciados por meio de uma pausa substancial, que é utilizada pelo Falante com maior frequência para separar Enunciados do que para separar Frases Entonacionais, sendo um tipo de pausa não compreendida como hesitação por parte do Ouvinte.

A **Frase Entonacional** é composta por um Núcleo (ponto tonal localizado em uma ou mais Sílabas, operando como marcação de queda ou elevação, importante para a interpretação do Sintagma), e sua separação ocorre por meio de pausas menores (em comparação aos Enunciados), com ritmos e durações adicionais que se refletem no Componente de Saída.

A **Frase Fonológica** pode desempenhar diferentes funções, a depender do tipo de língua, como por exemplo, nas línguas de acento, a Frase Fonológica contém uma Sílabas destacada por ser mais forte, marcando uma queda ou alçamento dentro da Frase Entonacional, ou em línguas tonais, a Frase Fonológica acontece no processo de *sândi* (PEZATTI, 2014, p. 79).

Já a **Palavra Fonológica** compõe uma parte da estrutura fonológica, dispendo de uma característica criteriosa relacionada ao número de segmentos, características prosódicas ou presente no domínio de regras fonológicas. Essas Palavras Fonológicas são divididas em **Sílabas**, estas que são agrupadas em **Pés** em línguas acentuais. As Sílabas indicam, por meio de Operadores, a presença de acento (em línguas acentuais), de tom acentual, não acentual ou de acento tonal (PEZATTI, 2014, p. 79).

Nesta pesquisa, não investigamos esse nível de análise, bem como o Nível Representacional, já que partimos do pressuposto que o fenômeno se determina pragmaticamente e apresenta marcas morfossintáticas. Assim, privilegia-se a investigação dos níveis Interpessoal e Morfossintático.

Tendo apresentado os conceitos básicos da teoria, seguimos, agora, para outra vertente teórica funcionalista – a Gramática Textual-Interativa (GTI).

1.3: Gramática Textual Interativa (GTI)

Também conhecida como Perspectiva Textual Interativa, a GTI aborda o plano textual, sob o olhar da língua em ação, como uma “atividade verbal exercida entre pelo menos dois Interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro” (JUBRAN, 2006, p. 28), em um processo de interação verbal entre Falantes, que cooperam entre si em prol da atividade discursiva, que envolve um tópico discursivo, unidade de análise da GTI.

O Falante possui essa capacidade comunicativa social, pois seu saber linguístico oferece recursos linguísticos que o leva a processar estruturas linguísticas e pragmáticas através de princípios que governam tanto a organização textual – aqui o texto é tratado como unidade sociocomunicativa globalizadora com propriedades de coesão e coerência, aplicadas em ordem de relações constitutivas, pois reconhecem a existência de regras que organizam o texto – quanto a organização interativa, relativa ao sistema de funcionamento da atividade discursiva por turnos de

fala entre os Interlocutores. Como se observa em Stassi-Sé (2012), a partir de Jubran (2006, 2007) esses princípios são:

(i) os fatos linguísticos têm suas propriedades e funções definidas no uso, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas (JUBRAN, 2007); (ii) os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística pela introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal do ato comunicativo, ou seja, são observadas marcas do processamento formulativo – interacional na materialidade linguística do texto (JUBRAN, 2006) e (iii) são estabelecidas classes não discretas de elementos, baseadas no reconhecimento da fluidez de limites entre elas, em virtude do equilíbrio instável das configurações discursivas, ou seja, uma mesma forma pode prestar-se a diferentes funções e ter enquadramentos em diferentes classes de elementos, levando-se em conta sua proximidade ou distanciamento no desempenho de funções textuais e interativas. (STASSI-SÉ, 2012, p. 65-66)

Através dessa perspectiva de análise textual, podemos investigar as regularidades e particularidades na forma de processamento e mecanismos de estruturação textual (organização textual com um Núcleo-piloto e suas respectivas matrizes básicas de associações estáveis) com base em funções pragmático-textuais. O **tópico discursivo**, aqui colocado como unidade de análise da GTI, é visto como uma unidade transfrástica “constituindo uma categoria analítica operacionalizável, que oferece segurança e objetividade na identificação das unidades textuais” (STASSI-SÉ, 2012, p. 69), e nos permite analisar as funções interacionais do objeto de análise, por se tratar da língua falada e também por alinhamento funcional e formal, trabalhando com as esferas de formulação e codificação, presentes na GDF também.

Os segmentos com extensão textual se organizam em termos de **centração** (concentração da interação verbal em determinado conjunto de referentes concernentes entre si, além de relevância – estabelecimento de uma posição focal do conjunto e pontualização – localização desse conjunto) e **organicidade** (relação de interdependência tópica entre os planos hierárquico e linear). O plano hierárquico é um recorte vertical que organiza as relações hierárquicas de dependência de superordenação ou subordenação entre tópicos, além da organização em camadas de supertópico, subtópico, tópico e constituintes tópicos mínimos.

Já o plano linear está relacionado às articulações intertópicas, organização sequencial, transição gradual de um tópico de um tópico a outro, superposição de um novo tópico posto ao

Interlocutor que está em uso do tópico anterior, movimentos dos tópicos em deslizamento entre aspectos presentes entre dois ou mais tópicos, mudança de tópico, adjacência, continuidade e descontinuidade, esta pode ocorrer por perturbação da sequência linear, suspensão definitiva do tópico, cisão de um tópico em partes ou expansão posterior de um tópico passado que toma conta do plano da conversação.

Essa organização dos tópicos do texto apresenta continuidade e descontinuidade (por hesitação – desvio que não faz parte da estrutura sintagmática do segmento ou interrupção – cortes léxicos e sintáticos que evidenciam alguma atividade formulativa), ou seja, há um tópico discursivo corrente numa interação entre dois Interlocutores (por exemplo, a partida de futebol do fim de semana) e no decorrer dos turnos cooperativos de fala cada Interlocutor pode fazer interrupções, pausas ou desvios na continuidade desse diálogo.

Esses fatores podem ser decorrentes de atividades de formulação, como repetição (produção do mesmo elemento linguístico por mais de uma vez), correção (captação de algum problema e reelaboração das estruturas léxico-gramaticais), parafraseamento (reformulação), tematização/rematização (formas de articulação do tema ou rema), referenciação (os referentes são concebidos como objeto do discurso) e **parentetização** (inserção de informações paralelas ao assunto em discurso). Aqui focamos na parentetização, com apoio da obra de Jubran (2006), a ser trabalhada na próxima subseção.

1.3.1: Parentetização

Para Jubran (2006), a parentetização é uma modalidade de inserção tratada como breves desvios de um tópico discursivo em um enunciado, que não afetam a coesão desse segmento. Inicialmente, a autora analisa as duas modalidades de inserção em um segmento tópico: a primeira, como sendo de maior extensão, gerando assim uma outra contração dentro do segmento; e uma outra de menor extensão, oposta à primeira, sendo os parênteses o fenômeno integrante desse segundo grupo. Os parênteses possuem propriedades que os identificam em dado segmento de inserção. São caracterizados/identificados por: 1) desvio tópico (analisando neste caso, a dimensão pragmática dos parênteses) e 2) as marcas formais de inserção parentética (sendo como critérios de reconhecimento e delimitação de fatos parentéticos, estando presentes no segmento parentético e no segmento-contexto).

O desvio tópico é um encaixe em um segmento tópico de elementos não concernentes ao tópico discursivo, identificado no contexto, devendo ser analisado não como um elemento descartado do segmento, mas sim entender sua função pragmática no segmento, como comentário do que é dito, situação interativa e o evento comunicativo. As marcas de delimitação no segmento parentético podem ser caracterizadas por dois fatores: 1) a ausência de conectores que identifiquem relações lógico-semânticas entre o parêntese e o segmento, e 2) marcas prosódicas, como mudança na velocidade e na tessitura e pausas. Já as marcas no segmento-contexto ocorrem com a ruptura momentânea do desenvolvimento do tópico discursivo.

Essas marcas são cortes e retomadas do tópico, após a inserção do parêntese, sendo classificadas entre interrupção (pausa não preenchida, suspensão sem corte sintático de segmentos em processamento antes do parêntese, anacoluto ou interrupção com corte sintático de segmentos em processamento antes do parêntese), e reintrodução (pausa não preenchida ou pausas preenchidas pro expressões hesitativas, continuidade sintática da frase simples interrompida antes do parêntese, uso de conectivos ou de pronome relativo que atam a oração posterior à anterior ao parêntese, uso de marcadores discursivos de sequência de tópico, repetição de itens lexicais ou de sintagmas do segmento-contexto que ocorreu antes ou próximo do início do parêntese parafraseamento de trechos anteriores ao parêntese e realização do segundo elemento do par adjacente rompido pelo parêntese).

De acordo com Jubran (2006), essas delimitações são as fronteiras de ocorrência de parênteses, que se interpolam, ou seja, há fatos parentéticos entre constituintes da frase, no limite entre duas unidades frasais, entre a primeira e a segunda parte de pares adjacentes e entre segmentos textuais com estruturas anacolúpticas, ocorrendo um corte sintático em E1 (enunciado anterior ao parêntese – E2), de modo que a não – continuidade sintática de E1 em E3 (enunciado posterior ao parêntese) causa esse tipo de construção. Vejamos as definições e exemplos abaixo:

(i) Entre constituintes da frase: há uma continuidade sintática entre E1 e E3, mantendo as relações sintáticas e a coesão entre E1 e E3. No exemplo, temos o parêntese entre o sintagma nominal (o capataz da fazenda) e o sintagma verbal (disse) e o parêntese em *itálico*, mantendo a continuidade sintática entre E1 e E3:

- (27) pescamos aqui no açude... não sei o que e tal e eu comi e realmente... mas era uma gostosura e tal... e a carne bem branquinha aí o capataz da **fazenda...** *minha sogra não sabe nem o meu sogro... né? na época em que eu fui... fui para resolver um problema pra ele.. disse...* ah... que nada... vocês... isso aí é jacaré... (D2 POA 291: 243-53) (JUBRAN, 2006, p. 311)

(ii) No limite entre duas unidades frasais: neste caso, há duas possibilidades: 1) as unidades formam uma frase complexa por conectivo ou pronome relativo, que ligam E1 e E3, sendo E2 um segmento encaixado, e 2) E2 ocupa uma posição entre frases não conectadas sintaticamente e sim topicamente, na qual E3 se articula com E1 no plano textual de construção do segmento tópico suspenso. No exemplo abaixo, temos a conjunção *mas* retomando o tópico interrompido pelo parêntese atuante como um comentário do tópico tratado em E1:

(28) aquela sinalização feita da Salvador-Feira é exatamente um/uma sinalização feita para estradas de GRANde movimento... então ela foi pintada com uma tinta especial.. com película grossa... *não sei se vocês já rodaram mas quando você cruza a faixa não é que você sente um tombo...* **mas** você sente que a película em altura... (D2 SSA 98: 339-44) (JUBRAN, 2006, p. 313)

(iii) Entre a primeira e a segunda parte de pares adjacentes: São pares de pergunta e resposta com o parêntese entre esse par, implicando em uma relação de quebra de adjacência. No excerto abaixo, o par adjacente pergunta E1 e resposta E3 é interrompido pelo parêntese E2 em itálico, que surge como uma repetição da pergunta acompanhado por uma resposta prévia da opinião do Interlocutor sobre o tópico discursivo:

(29) – o que mais chama atenção por exemplo quando a senhora olha para o filme assim a não ser as cenas e o conteúdo o que mais impressiona a senhora?

– *não sei o que responder o que mais me impressiona?... na nem sei...* Bom eu acho que para mulher o que mais chama atenção são as cenas lindas os os locais que passam o mais a roupa né? ... eu acho que mais é a roupa maquiagem cabelo (DID SP 234: 349-57) (JUBRAN, 2006, p. 315)

(iv) Entre segmentos textuais com estruturas anacolíticas: há um corte sintático entre E1 e E3, com uma não-continuidade sintática, com um inacabamento sintático de E1 de natureza textual, com E3 retomando o tópico discursivo de E1. No exemplo a seguir, ocorre a interrupção de E1 e E3 retoma o tópico com a repetição do termo presente em E1:

(30) olhe o senhor poderia falar *já que trabalha no sindicato do::s comerciários na qualidade de: dentista...* o senhor poderia falar quais os serviços que o sindicato presta aos se::us (DID REC 131: 1-4) (JUBRAN, 2006, p. 316)

Além de serem vistos como elementos de curta extensão, os parênteses apresentam as seguintes constituições formais: (i) Marcadores Discursivos (perda de transparência semântica, como em *entendeu? claro? voltando ao assunto*, entre outras); (ii) Sintagmas Nominais (o sintagma nominal é precedido por um Marcador Discursivo, como em *aliás*); (iii) Frases Simples (predicação verbal ou nominal); (iv) Frases Complexas (orações justapostas ou ligadas por elos sintáticos e por Marcadores Discursivos) e (v) Pares Adjacentes (Par Adjacente pergunta-resposta, estando no plano textual-interativo, por implicações entre Atos de fala).

Para Jubran (2006), os parênteses se manifestam em quatro classes e em determinados graus, como mais e menos desviantes ao tópico discursivo, gerando diferentes orientações:

- 1) **Classe A:** parênteses focalizadores da Elaboração Tópica do texto (divididos em Conteúdo Tópico, Formulação Linguística e Estrutura Tópica);
- 2) **Classe B:** parênteses com foco no Locutor;
- 3) **Classe C:** parênteses com foco no Interlocutor;
- 4) **Classe D:** parênteses focalizadores do Ato Comunicativo.

Já as classes e subclasses correspondem a funções textuais interativas específicas, detalhadas no quadro de classes e funções dos parênteses (JUBRAN, 2006):

CLASSE	FOCO		FUNÇÕES
a	Elaboração Tópica	Conteúdo Tópico	a) exemplificação
			b) esclarecimento
			c) ressalva
			d) retoque e correção
		Formulação Linguística	a) explicitação do significado de palavras
			b) indicação de mudança de registro
			c) verbalização da atividade formulativa
			d) sinalização de busca de denominações
			e) solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical

		Estrutura Tópica	a) marcação de subdivisões de um quadro tópico
			b) marcação de retomada de tópico
			c) marcação do estatuto discursivo de um fragmento do texto
b	Locutor		a) qualificação do Locutor para discorrer sobre o tópico
			b) manifestação de interesse ou desinteresse pelo tópico
			c) indicação de desconhecimento do tópico
			d) manifestações atitudinais do Locutor em relação ao tópico
			e) indicação da fonte enunciativa do discurso
c	Interlocutor		a) estabelecer inteligibilidade do tópico
			b) evocar conhecimento partilhado do tópico
			c) testar a compreensão do Interlocutor
			d) instaurar convivência com o Interlocutor
			e) chamar a atenção do Interlocutor para um elemento do tópico
			f) atribuir qualidades ao Interlocutor para a abordagem do tópico
d	Ato Comunicativo ²		a) sinalização de interferências de dados externos ao Ato Comunicativo
			b) estabelecimento da modalidade do Ato Comunicativo
			c) estabelecimento de condições para a realização ou prosseguimento do Ato Comunicativo
			d) avaliação do Ato Comunicativo
			e) negociação de turnos

Quadro 2. Classe e funções dos parênteses (JUBRAN, 2006, p. 327)

Nesse quadro, a autora discorre sobre cada uma das quatro classes, o foco de cada parêntese e suas variadas funções. Vejamos a seguir o exemplo de classe A – parênteses focalizadores da Elaboração Tópica do texto – Conteúdo Tópico, na função de exemplificação (esta função introduz dados factuais comprovadores do que está sendo dito, envolvendo o Locutor com o assunto e

² Nas construções analisadas neste estudo, não foram encontradas ocorrências de classe D – parênteses com foco no Ato Comunicativo.

revelando sua atitude em relação ao conhecimento do que comunica com evidencialidade dos exemplos, passando assim, confiança no conhecimento):

- (31) Inf. – cooperativas também são ... entidades ... realmente bastante ... significativas ... dentro de uma conjuntura ... nacional por exemplo para citar especificamente o caso ... do nosso país ... sabemos por exemplo que países altamente evoluídos e avançados ... *como é o caso por exemplo da Suécia ... que é um país que pratica na opinião de alguns ... um socialismo considerado como democrático* ... têm nas cooperativas uma espécie de suporte ou de tripé ... para o seu desenvolvimento... (DID REC 131: 76 – 83) (JUBRAN, 2006, p. 329)

Notamos em (31) a pausa que o Locutor realiza para dar um exemplo de país evoluído e avançado, no caso, com a escolha da Suécia, focando na Elaboração Tópica do texto, ou seja, trazendo o exemplo em uma inserção (*como é o caso por exemplo da Suécia ... que é um país que pratica na opinião de alguns ... um socialismo considerado como democrático*) para depois dar sequência ao Conteúdo Tópico em discurso.

Em (32) temos um exemplo da classe B – parênteses focalizadores do Locutor, com função de qualificação do Locutor para discorrer sobre o tópico, na qual o Locutor faz uma autoqualificação sobre a vivência sindical para dizer das deficiências de um sindicato sem sede:

- (32) – sabemos por exemplo... *nós que entramos aqui nesse sindicato no ano de mil novecentos e setenta e quatro...* das carências... e das deficiências que o sindicato apresentava por não... possuir uma sede... adequada... (DID REC 131: 50-53) (JUBRAN, 2006, p. 341)

Já em (33) trouxemos um exemplo de parêntese de classe C – com foco no Interlocutor, na função de testar a compreensão do Interlocutor. Notamos que o parêntese em forma de pergunta, busca averiguar o entendimento do Interlocutor em relação ao tratamento das diferentes economias em discurso:

- (33) – ele está se referindo exatamente a essa essência tradicional da economia japonesa tá? Quer dizer uma uma situação... eu vou repetir... muito diferente do início da economia americana... *tá dando pra situar a diferença?* Uma americana nascendo linearmente... etc etc e a outra BRIGANDO pra poder nascer... (EF RJ 379: 91-96) (JUBRAN, 2006, p. 347)

A autora adverte sobre as diferentes abordagens a serem feitas em relação à sua obra e textos escritos, pois a maioria dos fenômenos parentéticos por ela apresentados são recorrentes na fala,

tendo, assim, sentido de aplicação para material dessa ordem, já que na escrita o *modus* sintático prevalece sobre o pragmático, não sendo esperada a ocorrência de cortes sintáticos e também pelo fato de que a fala ocorre face a face, e a escrita não, por isso a parentetização se torna uma estratégia de análise mais produtiva em textos falados, o que nos será uma ferramenta muito importante para nosso objeto de análise, que se enquadra, conforme nossos pressupostos, como modelos parentéticos na língua falada.

Os estudos sobre a parentetização também orientam parte da metodologia, sendo a identificação de parênteses um dos parâmetros a serem aplicados na análise das ocorrências (constituição formal, fronteiras, classes e funções).

Com a base teórica desse capítulo inicial, ao final, buscamos defender a proposta do funcionamento dessas estruturas como Movimentos, que oferecem um novo lance no discurso e dão espaço para reações por parte do Ouvinte, já que se mostram inserções motivadas por razões pragmáticas que influenciam o modo como o Falante organiza e estrutura o seu dizer, refletindo-se no processo de codificação pelo uso do *como* sem seus valores semânticos de conformidade, comparação ou modo, além do estudo das construções interrogativas de conteúdo como perguntas meditativas e suas implicações pragmáticas, segundo Fontes (2012). Seguimos para o próximo capítulo, referente ao tratamento do *como* no português.

CAPÍTULO 02: O *COMO* NO PORTUGUÊS

Nesta seção, é discutido o tratamento do *como* no português, primeiramente, a partir de Bechara (2009) e, na sequência, a partir dos estudos descritivos de Neves (2000). É importante entender o funcionamento desse item, pois, além de ser o elemento em destaque das construções nesta pesquisa, pode variar de classe gramatical de acordo com determinadas conjunturas sintáticas e semânticas.

Inicialmente, levantamos informações acerca de seu comportamento como advérbio e conjunção, conforme os sentidos apontados no dicionário Houaiss (2003), meio de acesso mais comum para a busca de significados e usos:

Co.mo. 1. Advérbio: De que maneira; utilizado em perguntas: *como* se estuda isso? Indica que algo deve ser repetido: *como?* Não entendi! Indica surpresa, indignação, susto: *como?!* Você não foi a aula? Indica intensidade; expressa algo extraordinário: *como* é lindo o pôr do sol. Por que; por qual razão: essa é a maneira *como* cozinhamos. Porque; pelo motivo: *como* estava frio, não consegui sair. Da forma que; expressão de modo, aspecto, forma: o carro está *como* gosto. Também; indica adição: não é só inteligente *como* perspicaz. Cerca de; ideia aproximada de medida, valor, quantidade: Esse carro é tão caro *como* o seu.
2. Conjunção: Conforme; de acordo com: *como* se percebe, é improvável vencer o adversário. Indica causa: *Como* se fosse artista, apresentou suas músicas. Indica comparação; tal qual: ele as ajuda *como* um religioso. Indica adição: no Brasil *como* no exterior. (HOUAISS, 2003, p. 218)

As definições acima reforçam os principais papéis gramaticais do *como* – advérbio e conjunção, e com os exemplos de uso, o dicionário facilita a aplicação e compreensão do leitor para cada significação gramatical e lexical da palavra. Na próxima seção, são trazidos os apontamentos de Bechara (2009) sobre o *como*, que nos serviram de ponto de partida para compreensão do uso do item como conjunção e como advérbio a partir da perspectiva da gramática tradicional.

2.1: Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2009)

Segundo a gramática da língua portuguesa de Bechara (2009), o *como* se enquadra em duas categorias gramaticais, ou seja, em duas classes de palavras do português: conjunção e advérbio. Vejamos as definições para cada classe de palavra antes das definições do item em si:

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial [...] O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira (BECHARA, 2009, p. 287)

Os advérbios podem ser de posição temporal (tempo, como *hoje, logo, primeiro, etc.*), espacial (lugar como *aqui, ali, debaixo, etc.*) ou de modo (estado de coisas como *assim, bem, mal, melhor, pior, etc.*), atuando como modificadores de substantivo (Ele é *verdadeiramente* humano), como predicativo (A vida é *assim* mesmo) e ocorrem também em combinações com advérbios nas chamadas locuções conjuntivas adverbiais (*agora que, sempre que, já que*), estas funcionando como conjunção, e também as locuções adverbiais (junção de preposição e substantivos com valor de emprego de advérbio, como *em silêncio, com efeito, de graça, por prazer, etc.*).

O autor também discorre sobre as circunstâncias adverbiais para auxiliar na classificação coerente dessa classe devido à sua heterogeneidade. Os advérbios não se prendem a um único núcleo (verbo), podendo se estender com certa flexibilidade de posição aos domínios do sujeito.

Para Bechara (2009), as principais circunstâncias expressas por advérbios ou locuções adverbiais são: assunto (*conversar sobre filmes*), causa (*morrer de fome*), companhia (*passar com a família*), concessão (*sair apesar da chuva*), condição (*entrada somente com bilhete*), conformidade (*agir conforme a lei*), dúvida (*talvez a tempestade pare*), fim (*estudou para a prova*), instrumento (*quebrar com o martelo*), intensidade (*correu muito rápido*), lugar (*morar aqui*), modo (*foi bem melhor na prova*), referência (*assim como fez Fulano em momento de fúria*), tempo (*saiemos amanhã*), negação (*não faça isso*), inclusão (*ele também saiu*), exclusão (*apenas você pode entrar*), situação (*pois é, ele não veio*), retificação (*entrou, isto é, se escondeu lá*), designação (*eis o culpado*), realce (*eles é que são os inocentes*), expletivo (*olha só que tragédia*) e explicação (*ele agiu, por exemplo, como um selvagem age*).

Dentro dessas circunstâncias, os advérbios podem ser de base nominal (geralmente acrescidos pelo sufixo *-mente*, como em modo rápido – *rapidamente*), e de base pronominal, classificados em: demonstrativos, relativos, indefinidos, interrogativos, comparativos e superlativos absolutos. Assim, conforme Bechara (2009), o *como* funciona como advérbio em três possíveis configurações: relativos, interrogativos e comparativos de igualdade, conforme segue³:

(1) **Relativo**: Adrian queixou-se da maneira *como* a rapariga o tratou. (AZEREDO [et al], 2011, p. 258)⁴

³ Cumpre ressaltar que, em cada capítulo, a ordem de numeração dos exemplos é reiniciada.

- (2) **Interrogativo:** *Como* fizeram o trabalho? Perguntei-lhes *como* fizeram o trabalho. (BECHARA, 2009, p. 294)
- (3) **Comparativo de igualdade:** Falou tão alto quanto (ou *como*) o irmão (BECHARA, 2009, p. 295)

A outra classe de palavra em que *como* se enquadra é a **conjunção**, classe responsável por conectar, reunir e transpor unidades e orações em um enunciado. De acordo com Bechara (2009), as conjunções podem ser **coordenadas** ou **subordinadas**. As **coordenadas** reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático, são independentes, podendo aparecer em enunciados separados, como (a) *João gosta de sorvete de chocolate e* (b) *Maria gosta de sorvete de morango*, na qual a e b são independentes e a conjunção *e* as conectam. São classificadas em: (i) aditivas (*e, nem*); (ii) alternativas (*ou*) e (iii) adversativas (*mas, porém e senão*).

Já a **conjunção subordinada** atua como um transpositor de um enunciado a uma função de palavra, ou seja, um termo da oração perde a característica de enunciado independente e se torna objeto de um núcleo a ele subordinado. Diferentemente da coordenada, a conjunção **subordinada** reúne orações de um nível sintático inferior dentro da estruturação gramatical, como em *Vimos que ele é o culpado*, na qual *Vimos que* é o núcleo verbal e *ele é o culpado* se torna objeto desse núcleo, perdendo seu *status* de oração independente, tornando-se uma oração subordinada ou degradada, adquirindo a função de palavra (objeto).

Outro fator importante para a aplicação das subordinadas é a compreensão da extensão da oração e do enunciado em oração complexa e grupo oracional. Segundo Bechara (2009), a oração complexa é “aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada” (BECHARA, 2009, p. 323), como em no exemplo acima *Vimos que ele é o culpado*. (*que ele é o culpado* exerce a função de objeto direto do núcleo verbal *Vimos*).

No grupo oracional temos orações coordenadas independentes, como vimos em *João gosta de sorvete de chocolate e Maria gosta de sorvete de morango*. Como exemplos de **conjunções subordinativas**, o autor traz dez categorias: causais, comparativas, conformativas, condicionais, concessivas, finais, temporais, consecutivas, modais e proporcionais. Focamos nas três categorias em que *como* se enquadra:

4 Bechara (2009), ao trazer exemplos de advérbios relativos (*como* e *onde*), usa somente *onde/aonde*, com sentido de em que, no qual, por isso, trouxemos um exemplo com o advérbio relativo *como* da gramática de Azeredo [*et al*] (2011).

1) **Causais** (exprimem causa, motivo, razão): *como* (no sentido de *porque*), *que* (= *porque*), *porque*, *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que*, *desde que*, etc.

(4) *Como* ia de olhos fechados, não via o caminho [MA. 1,19] (BECHARA, 2009, p. 326)

Para Bechara (2009) as orações subordinadas adverbiais causais iniciadas por *como*, em geral, ocupam o início do enunciador de sua oração principal (*Como* a chuva cessou, podemos ir ao cinema).

2) **Comparativas** (expressam comparação entre termos): *como*, *qual*, *assim*, *tal*.

(5) “O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes” [MM] (BECHARA, 2009, p. 326)

3) **Conformativas** (indicam conformidade com outro termo expresso na oração principal): *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, etc.

(6) “Tranquilizei-a *como* pude” [MA. 1, 174]. (BECHARA, 2009, p. 327)

A classificação do *como* em sentenças comparativas e conformativas causam situações de ambiguidade devido ao caráter fronteiro de suas significações, conforme Cunha e Cintra (1985) apontam, assim como também ocorre com a categoria modal, esta tratada a seguir por Neves (2000) e não estando presente na classificação vista em Bechara (2009).

Essas classificações foram utilizadas no primeiro critério de análise das ocorrências, visando deprender, inicialmente, o estatuto formal do *como* conforme as gramáticas de uso do português, no intuito de discutir possibilidades para além dessa classificação formal, adentrando nas propriedades discursivo-funcionais da GDF e das propriedades parentéticas dessas construções.

2.2: Gramática de usos do Português (NEVES, 2000)

Neves (2000) coloca as conjunções junto às preposições como elementos de junção sintática e os advérbios como palavras periféricas, ou seja, um satélite de um núcleo em um sintagma e também em um enunciado ou discurso, classificados em simples (*fortemente*, *claramente*) e perifrásticos ou locuções adverbiais (*de todo*, *sem dúvida*).

Este núcleo, pertencente a um sintagma, pode ser um verbo (*comer muito*), adjetivo (*sempre chato*), um advérbio/sintagma com valor adverbial (*tão cedo*), um numeral (*quase vinte caixas*), substantivo (*carro assim pequeno*), pronome (*justamente ele*) ou conjunção (*muito embora*). No nível do enunciado, o advérbio é periférico incidindo sobre a oração ou proposição (*possivelmente você reprovou no teste*).

Já no discurso, o advérbio é periférico incidindo sobre todo o enunciado (*Você pode trapacear no exame, mas eu não concordo. Agora, se você prefere estudar firme para querer ser aprovado, terá meu apoio* (NEVES, 2000)). Os advérbios são divididos em **modificadores**, que afetam o significado do elemento sobre o qual são aplicados, modificando suas propriedades, subdivididos em modo, intensidade, modalizador, delimitador, deôntico e afetivo, e advérbios **não-modificadores**, que fazem o contrário: não afetam o significado do elemento e são subdivididos em afirmação, negação, circunstancial de tempo e lugar, inclusão, exclusão e verificação.

O advérbio *como* pertence a subclasse modificador de modo ou qualificador (qualifica uma ação, processo ou estado): *como* (interrogativo de modo). Vejamos abaixo um exemplo dessa classificação, interrogativa de modo, provindo de ocorrências de língua falada, registrado no *corpus* do Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP – Campus de Araraquara, do qual Neves (2000) é coautora:

(7) *Como* retornar, agora? (NEVES, 2000, p. 242)

Antes de adentrar nos estudos da conjunção, Neves (2000) faz uma introdução sobre junção, como elementos que podem ter seu estatuto determinado dentro da estrutura da oração ou dentro de subestruturas da oração, como as preposições, as conjunções subordinadoras e coordenadoras. Estas, também podem determinar-se fora da estrutura oracional no âmbito textual:

A junção concernente às relações entre satélites adverbiais e seus núcleos (que são relações como as de tempo e causa, por exemplo) se representa não apenas no uso das preposições, mas também no uso de algumas conjunções tradicionalmente designadas como *de subordinação*, entretanto, pode refletir uma ignorância do estatuto que possuem as orações que são satélites adverbiais, em oposição às orações tradicionalmente denominadas *substantivas* e algumas *adjetivas*. (NEVES, 2000, p. 601)

Para definir as relações de subordinação e coordenação, a autora reforça as indicações que a gramática formal utiliza como percepção a essas especificidades: a independência ou dependência

estrutural, a independência semântica e a relação entre os constituintes da oração, seu núcleo e o que é periférico a ele. Os elementos de junção, tratados como sequenciadores, dão efeitos de progressão textual, funcionando como conectores aos demais elementos gramaticais da oração.

De acordo com Neves (2000), as **conjunções coordenativas** são: (i) aditivas (acréscimo de um segundo elemento ao primeiro, expressando relações de adição, contraste, causa-consequência, elementos de composição de palavras, sintagmas, orações e enunciados, construções correlativas, não-correlativas, adições de segmentos negativos ou privativos): *e, nem*; (ii) adversativas (marcam uma relação de desigualdade entre os segmentos coordenados, não havendo recursividades na construção): *mas, porém, contudo*; (iii) alternativas (marcam disjunção ou alternância entre o elemento coordenado e o anterior, podendo ser inclusiva ou exclusiva): *ou*.

As **conjunções subordinativas** adverbiais são divididas em dez categorias, das quais em quatro aparecem a conjunção *como*: causais, conformativas, comparativas e modais (as outras seis são: consecutivas, concessivas, finais, temporais, condicionais e proporcionais, com as mesmas conjunções vistas em Bechara (2009)). Vejamos abaixo as quatro categorias em que o *como* enquadra-se:

1 – Causais: expressam causa, consequência, causa-efeito entre duas predicções (estado de coisas), indicando causa real ou eficiente/efetiva, implicando um efeito à causa. São expressões compostas também com o elemento *que*, formando **locuções conjuntivas** causais (*porque, como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, desde que, visto que, visto como pois que, tanto mais que, porque, por isso que, etc.*)

(8) Dias chegava em casa, no bairro Boa Vista e, *como* a rua é estreita, dava marcha à ré no carro, um Volkswagen verde. (ESP) (NEVES, 2000, p. 802)

2– Comparativas: são expressões que marcam a interdependência de dois elementos em comparação, estabelecendo um cotejo entre os elementos, podendo ser comparações de igualdade, semelhança, correlações e não-correlações, superioridade, inferioridade, quantidade, intensidade, contraste e diferença, realizadas em dois turnos que se fecham numa combinação binária (*tanto, quanto, mais que, menos que, tão, não só... mas também, como também, assim como, como, tal como, do mesmo modo que, na mesma medida que, melhor que, pior que, etc.*).

(9) Tio Guerrando passaria por lá no dia seguinte, *como* costumava fazer todos os domingos, e

apanharia sua roupa (ANA) (NEVES, 2000, p. 908)

Nas ocorrências das conjunções comparativas com *como*, Neves (2000) destaca também seu uso como comparativa não-correlativa de igualdade, entre a oração principal (sem marcação quantitativa relativa) e a oração comparativa, esta, iniciada pela conjunção ou locução conjuntiva indicando a comparação de igualdade: *como, assim como, tal como*.

(10) Se nos bailes a Bandeirantes cometeu erros de imagem, no desfile das escolas esteve também, *como* a Globo, quase perfeita. (AMI) (NEVES, 2000, p. 900)

O caráter aditivo do *como* na construção **não só... como também** é tratado um introdutor do segundo membro da comparação, com um efeito final aditivo correlativo. Para a autora, as comparações não-correlativas sempre expressam igual, seja qualitativa ou quantitativa, com o uso das conjunções *como, tal qual e quanto*:

(11) Resta saber se **TANTO** o ministro do Planejamento, José Serra, *como* o da Fazenda, Pedro Malan, estão incluídos na articulação dos “20% que concentram a renda neste país”. (VEJ) (NEVES, 2000, p. 901)

3 – Conformativas: expressam uma relação conformativa entre uma oração nuclear e uma conformativa, em referências aos tempos presente, passado ou futuro (*conforme, como, segundo, consoante*), conformidade como possibilidade existente ou conformidade em dois atos de fala (*segundo/conforme/como alguém disse*). Essas construções ocorrem com o verbo no indicativo ou subjuntivo, exceto as orações que utilizam a conjunção *como*, esta somente no indicativo:

(12) Pertinho da igreja *como* você pediu. (AV) (NEVES, 2000, p. 926)

4 – Modais: expressam modo, entre um período composto por uma oração principal e uma modal. As conjunções modais mais usuais são *sem que* (com verbo no subjuntivo), *sem* (preposição precedendo o verbo no infinitivo) e raramente, a conjunção *como*, com o verbo no indicativo, mantendo um matiz conformativo.

(13) Se continuarei a “enganar” Carlos, *como* o fiz nesse primeiro momento de “reencontro” carnal, não sei. (A) (NEVES, 2000, p. 929)

Como podemos ver na gramática descritiva de Neves (2000), o *como* surge nas duas classes de palavras – advérbio (interrogativo de modo) e, principalmente, nas conjunções subordinativas (causal, comparativa, conformativa e modal). Em relação ao que vimos anteriormente em Bechara (2009), temos as diferenças de que a classificação do autor para o advérbio possui outras duas categorias onde o *como* se encontra (relativo e comparativo), e três nas conjunções (causal, comparativa e conformativa), ou seja, uma categoria a menos em conjunção em relação à Neves (2000), e duas a mais em relação ao advérbio.

Ambos autores dividem as conjunções em coordenativas e subordinativas pelas mesmas razões linguísticas (dependência e independência sintática e semântica em relação aos elementos da oração). A classificação do *como* vista nessas obras nos auxiliaram na caracterização do *como*, partindo da escala formal até a escala funcional. Vejamos a seguir estudos descritivos com foco no *como*.

2.3: Tratamento de *como* em estudos descritivos no português

Em Stassi-Sé (2012), pesquisa já mencionada no decorrer desse trabalho, a autora realiza um estudo sobre as construções iniciadas por *porque*, *embora (que)*, *apesar de (que)*, *mesmo (que)*, *como e se*, fora de contexto de subordinação adverbial, à luz da GDF e com enfoque discursivo da GTI, analisando essas construções como subordinadas discursivas (há dependência discursiva), pois não apresentam dependência morfossintática nem semântica com o que vem antes ou depois, resultando em Atos Discursivos, que compõem um Movimento, com função discursiva de monitoramento da interação, que extrapola o nível frásico das classificações vistas nas gramáticas formais, que as classificam em orações subordinativas.

A camada do Discurso, trazida à discussão pelo estudo de Stassi-Sé (2012), mostrou a possibilidade de considerar que os Movimentos conectados por Funções interacionais podem ser discursivamente dependentes um dos outros, em representações subjacentes na GDF. No quadro 3, observam-se as propriedades das construções com o *como* na coluna em negrito:

Nível de Análise	Critérios				
Interpessoal	1. Papel no discurso	Transição	Adendo	Resgate	Salvaguarda
	2. Presença de marcador discursivo	+/-	+/-	+/-	+/-
	3. Tipo de operador	porque	Embora (que), apesar de (que), mesmo	como	se
	4. Camada	M	M	M	M
Representacional	5. Factualidade	+	+	+	+
	6. Identidade dos participantes	+/-	+/-	+/-	+/-
	7. Camada	p	p	p	p
Morfossintático	8. Independência verbal	f	f	f	f
	9. Manifestação do participante principal do evento	p/l/Ø	p/l/Ø	p/l/Ø	p/Ø
	10. Camada	Le	Le	Le	Le
Fonológico	11. Quebra entoacional	+	+	+	+

Quadro 3. Distribuição das propriedades das funções (STASSI-SÉ, 2012, p. 145)

Tendo o *como*, enquadrado no papel de Função Interacional Resgate, a autora mostra quais construções, iniciadas pelo *como*, com as características apontadas, foram encontradas no *corpus* de língua falada em sua pesquisa:

	Ocorrências	Função
1	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Como eu te disse</i> 2. <i>Como eu te falei</i> 3. <i>Como disse</i> 4. <i>Como eu já antes tivera dito</i> 5. <i>Como acabo de dizer</i> 6. <i>Como afirmou</i> 	Resgate

7. <i>Como eu estava falando</i>	
8. <i>Como eu estava dizendo</i>	
9. <i>Como digo (2x)</i>	
10. <i>Como eu estou te dizendo</i>	
11. <i>Como muitas vezes se diz</i>	
12. <i>Como sabemos</i>	
13. <i>Como o senhor sabe</i>	
14. <i>Como sabe</i>	

Quadro 4. Estrutura das ocorrências de subordinação discursiva (STASSI-SÉ, 2012, p. 146)

Já em outro estudo, Stassi-Sé (2011) trabalha com o *como* sob a perspectiva textual interativa, objetivando determinar as propriedades de inserção dos segmentos iniciados pelo *como* e suas funções textuais-interativas (como parênteses). Além disso, a autora faz uma investigação dessas ocorrências nas variedades de língua falada no *corpus* lusófono (Portugal, Brasil, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe Cabo Verde e Timor-Leste, países que têm a língua portuguesa como oficial).

A autora separa os grupos de ocorrências para cada construção iniciada pelo *como*, em construções de verbos de conhecimento e verbos *dicendi*, e agrupa os países em que as ocorrências aparecem no *corpus*, e ao final analisa as funções interativas no discurso de cada grupo de construção. Vejamos abaixo a divisão dessas construções por país falante de português:

OCORRÊNCIAS DE ESTRUTURAS PARENTÉTICAS INICIADAS POR “COMO”		
OCORRÊNCIA	INQUÉRITO	VARIEDADE
<i>Como eu te disse</i>	(Bra80: Jogo Bicho)	Brasil
<i>Como eu estava falando</i>	(Bra80: Mundo Direito)	
<i>Como eu estou te dizendo</i>	(Bra80: Arte Urbana)	
<i>Como eu te falei</i>	(Bra93: Festa Estudante)	
<i>Como eu estava dizendo</i>	(Bra93: Festa Estudante)	
<i>Como é que eu vou dizer?</i>	(Bra80: Nada Ciumenta)	
<i>Como digo</i>	(PT95: Vida Estudante)	

		Portugal
<i>Como acabo de dizer</i>	(PT89: Cartografia Portuguesa)	
<i>Como sabemos</i>	(GB95: Mulher Africana)	Guiné-Bissau
<i>Como afirmou</i>	(TL99: Regras)	Timor-Leste
<i>Como dizer</i>	(To-Pr96: Costureira)	São Tomé e Príncipe
<i>Como o senhor sabe</i>	(CV95: Colecionismo)	
<i>Como se diz</i>	(CV95: As Mornas)	Cabo Verde
<i>Como disse</i>	(Ang97: Guerra e Ambiente)	
<i>Como muitas vezes de diz</i>	(Ang97: Meninos de Rua)	
<i>Como digo</i>	(Ang97: Ensino Angola)	
<i>Como sabe</i>	(Ang97: Ensino Angola)	Angola
<i>Como eu já antes tivera dito</i>	(Ang97: Jovem Gaspar)	

Quadro 5. Ocorrências de estruturas parentéticas iniciadas por *como* nas variedades lusófonas faladas (STASSI-SÉ, 2011, p. 79)

Com base nos estudos de Jubran (2006), a autora conclui o trabalho comprovando o caráter parentético (desvio tópico parcial) dessas estruturas iniciadas por *como*, encontradas em todas as variedades lusófonas analisadas, resultando em recursos que o Falante utiliza na atividade discursiva, projetando-se “concretamente na materialidade linguística do texto, servindo a propósitos comunicativos que justificam seu uso e o enquadram em classes específicas, conforme seu grau de desvio tópico” (STASSI-SÉ, 2011, p. 86).

Baseando-se nesse estudo, esta pesquisa expande o universo de dados descritos pela autora e analisa o caráter parentético das ocorrências e sua função também pelo viés da organização textual, proposta pela GTI. Essa escolha se justifica pelo fato de encontrarmos na análise parentética, respaldo para defendermos o caráter independente dessas construções, que, nesses contextos, não se relacionam morfossintaticamente a uma oração principal, e sim discursivamente.

Outros estudos que analisam o *como* foram selecionados nos principais repositórios e são abordados brevemente aqui. Kobashi (2013) analisa as ocorrências de dupla conjunção no português falado (inquéritos orais populares) sob uma perspectiva linguística ampla, envolvendo os

campos teóricos do funcionalismo e a proposta do sistema complexo de Castilho (2010), segundo o qual a língua se divide em quatro subsistemas: gramática, semântica, discurso e léxico.

Com o apoio da gramática descritiva de Neves (2000), o autor busca entender o funcionamento de cada uma das conjunções em relação à sua semanticização e sintaticização, além de realizar um estudo em abordagem histórica, com levantamento na gramática tradicional e em estudos descritivos, apresentando uma visão multissistêmica da língua e descrevendo seu fenômeno segundo a semântica cognitiva das conjunções.

A dupla conjunção é vista, segundo a teoria da semântica cognitiva de Talmy (2000), como a relação de eventos complexos. Para o autor, os constituintes de um evento despertam diferentes graus de atenção e interesse no falante, estruturando esses interesses nos conceitos de fundo (entidade que serve de referência para a localização da figura na cena, sendo vista na oração subordinada) e figura (entidade onde se localiza o interesse principal da cena, vista na oração principal).

Nas construções com dupla conjunção, mais especificamente as com *como*, o autor levanta as seguintes construções duplas e suas respectivas funções no discurso: **MAS + COMO** (adversidade e causalidade); **E + COMO** (adição e comparação); **COMO + SE** (comparação e condicionalidade); **COMO + QUANDO** (causalidade e tempo); e **COMO + PORÉM** (causalidade e adversidade). Vejamos abaixo:

1) **COMO + QUANDO**: Expressa causalidade e tempo. No exemplo abaixo, *como* introduz uma informação compartilhada pelos interlocutores (tópico ou fundo) e *quando* refere-se ao momento exato da ocorrência do fato.

(14) *Como quando* me destes ordem para comprar as acções não me disseste que tinhas pressa, e sendo opinião geral que as acções deviam baixar, deixei de comprar. (KOBASHI, 2013, p. 82)

2) **COMO + PORÉM**: Expressa causalidade e adversidade. No exemplo abaixo, *como* introduz uma informação compartilhada pelos interlocutores (tópico ou fundo) e *porém* expressa a situação adversa à informação anteriormente compartilhada.

(15) *Como porém*, a pessoa de quem tracto é não só meu Padrinho, como ainda foi um dos maiores amigos de Papae, - não me é possível, por mais que isto me pese, deixar de levar-lhe este pedido [...] (KOBASHI, 2013, p. 134)

3) **MAS + COMO**: Expressa adversidade e causalidade/explicação. Abaixo, vemos *mas* introduzir uma oração adversativa e na sequência, a causa dessa adversidade introduzida por *como*.

(16) Titia recebeu a tua carta, *mas como* tem passado mal e não pode escrever agora, pede que eu o faça. (KOBASHI, 2013, p. 78)

4) **E + COMO**: Expressa adição e causa. Vemos abaixo que *e* expressa adição de uma informação eu enunciado anterior e pela construção causal (conteúdo) iniciada por *como*.

(17) Elle já viu a fazenda, *e como* tem commigo interesse na porcentagem muito custamos arranjar comprador. (KOBASHI, 2013, p. 78)

5) **COMO + SE**: Expressa comparação e condicionalidade. Notamos a comparação abaixo expressa por *como* (igualdade) seguida pela condição necessária expressa por *se*.

(18) [...] então a casa dela é minha...então eu arrumo *como se* fosse a minha⁵. (KOBASHI, 2013, p. 108)

Com essas ocorrências podemos confirmar o que Cunha e Cintra (1985) relata sobre os casos de ambiguidade das conjunções que se enquadram em diferentes situações, em circunstâncias fronteiriças, com proximidade semântica, como ocorreu com as definições aplicadas por Kobashi (2013) às duplas conjunções, em que as conjunções adquirem funções semânticas diferentes.

A obra de Pereira (2014) propõe uma análise pelo viés descritivo das construções de conformidade e semelhança e suas relações semânticas com desconformidade e dissemelhança. Com *corpora* baseados na língua em uso real em contexto eletrônico, a autora realiza uma análise das conjunções no plano gramatical textual das conjunções que operam nessas construções e, em especial, a conjunção *como* é definida como “Operador lexical que permite exprimir as várias relações tratadas” (PEREIRA, 2014, p. 4) tanto em conformidade/desconformidade ou semelhança/dissemelhança.

Nesse estudo, as construções comparativas com *como* revelam valores semânticos e sintáticos referentes à identidade e/ou não-identidade dos constituintes da oração em jogo e seus respectivos elementos no mundo, fato este que é a base da pesquisa: entender o processo sintático-semântico de identidade e seu oposto nas construções de (des)conformidade e (dis)semelhança.

⁵ Texto original: intão a casa dela é minha... intão eu arrumu comu si fosse minha... (KOBASHI, 2013, p. 108)

Canceiro (2016) aborda as ligações referenciais entre sujeitos em frases finitas coordenadas e subordinadas, integradas e não-integradas. Com base gramatical na teoria gerativista de Chomsky (1981, 1995), e com apoio de outras teorias descritivas (com destaque à teoria Especificador-Núcleo-Complemento de Kayne (1994)), a autora busca observar o comportamento referencial dos constituintes que caracterizam as propriedades do sujeito nessas construções. As hipóteses levantadas são referentes às distinções e semelhanças entre as coordenadas e subordinadas adverbiais e como a posição do sujeito é afetada por ambas, partindo das relações referenciais que afetam a caracterização desse sujeito (realizado ou omitido).

Na análise das orações adverbiais integradas (possuem valores subespecificados e por isso são dependentes) e não integradas (expressões coordenadas independentes e com valores especificados), a autora analisa a atuação das concessivas, condicionais e causais nas quais a interpretação da omissão do sujeito pode variar em correferência (dependência sintática e semântica) ou disjunção (independência sintática e semântica). Com relação à conjunção *como*, em específico, Canceiro (2016) classifica o funcionamento das orações adverbiais não integradas a um subconjunto das causais (*como, visto que, dado que, uma vez que, já que*) em caráter parentético, por possuir uma independência estrutural em termos semânticos, sintáticos e prosódicos (CANCEIRO, 2016, p. 40).

Como estudo sobre a gramaticalização das conjunções, Longhin-Thomazi (2015), baseando-se em Traugott (1991) e em outros autores, ao analisar a gramaticalização da conjunção *logo*, compreende que esse processo de gramaticalização de conjunções passa por um processo de pragmatização do seu significado por razões subjetivas voltadas ao falante, sendo considerado, uma tendência geral:

A literatura sobre gramaticalização de conjunções privilegia o tratamento das mudanças de significado, sustentando que há uma tendência geral, segundo a qual o desenvolvimento do item conjuncional segue uma trajetória de pragmatização crescente do significado. Conforme a orientação de Traugott e colaboradores (Traugott e König, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Traugott, 1999), essa tendência prevê que as mudanças partem dos significados referenciais, próximos da experiência física dos falantes, passam pelos significados relacionados à construção textual e atingem finalmente os significados centrados na atitude subjetiva dos falantes. (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 2)

Na análise do item *logo* como elemento gramatical, a autora examina a trajetória diacrônica de mudança de advérbio e conjunção do item (situação que também ocorre com o *como* – advérbio e conjunção, atuando como marcador de Função Resgate e Partilha nas Ilocuções declarativas,

conforme capítulo de análise), a começar por ocorrências encontradas no português arcaico da Amostra Diacrônica do Português. A autora identifica duas significações para o *logo*: substantivo (sucessão espacial) e advérbio temporal (sucessão temporal). O substantivo *logo* denota lugar (em seu lugar), conforme o exemplo (19):

- (19) Mandamos que quando ouuyre morte Del rey, todos guarde senhorio e os dereytos del rey aaquel que reynar **en seu logo** e os que alqua cousa teuverem que perteesca a senhurio Del rey (13FR, p.132) (...todos guardem o poder e os direitos de rei àquele que reinam em seu lugar...) (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 5)

Já como advérbio temporal, o *logo* denota um momento posterior bem próximo ao presente, como “em breve”, “em seguida”. Essa marcação de posterioridade relacionada ao uso de *logo* pode estar especificada na situação comunicativa (valor dêitico), ou no próprio texto (valor fórico). No exemplo (20), temos o uso dêitico, no qual *logo* indica tempo posterior com referência à situação:

- (20) E tanto que o viu, nembrou-lhe o que prometera a Galvam, e pensou se o cometeria **logo**, se depois. (13DSG, p.63) (E assim que o viu, lembrou-se do que prometera a Galvam, e pensou se o cometeria logo, se depois) (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 5)

Em ocorrências datadas no século XVI, a autora encontrou situações em que o *logo* passa a atuar como conjunção coordenativa, estabelecendo relações de conclusão (por conseguinte, portanto), conforme (21):

- (21) (...) e que isto seja verdade se vee acerca de nos, e muito mais acerca dos Indios se põe pera levantar o membro, e elles o tem muito em vso: **logo** não vem a proposito pera a deminuiçam do coito vsar o tal çumo...(16CSD, p.19) (...que isso é verdade vemos acerca de nós e acerca dos índios que põem para levantar o membro, e eles o têm muito em uso: logo não vem a propósito usar tal sumo para a diminuição do coito) (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 5)

Notamos acima que *logo* aparece depois de pausa, fazendo remissão às orações anteriores, para então introduzir uma conclusão. Longhin-Thomazi (2015) cita a perspectiva argumentativa de Maingueneau (1997), para analisar o funcionamento do *logo* como um Operador que atua numa construção de implicação do tipo “P *logo* Q” (sendo P um argumento para uma conclusão trazida em Q), “que em geral é legitimada por princípios admitidos por alguém ou pela opinião pública, o que justifica o caráter polifônico da construção” (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 5).

Outro apontamento feito pela autora foi a formação de perífrase *logo que*, na qual houve a combinação do *logo* enquanto advérbio temporal e a partícula *que* também temporal. Como podemos ver em (22), *logo que* expressa uma relação imediata entre duas ações, sendo empregado através de tempos verbais no passado:

- (22) E el rey Eurigo, **logo que** o soube, guysousse com todo seu poder e foy lidar co elle (14CGE, p.153) (E rei Eurigo, logo que soube, preparou-se com todo seu poder e foi combater com ele) (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 6)

Esse estudo diacrônico trouxe evidências de que as alterações de significado que acompanharam a gramaticalização do *logo* são unidirecionais: as alterações consistiram em um processo gradual e histórico de pragmatização do significado, envolvendo estratégias de caráter inferencial (aumento de informação pragmática) e também estratégias de caráter metafórico (aumento de abstração).

As alterações unidirecionais tratadas pela autora revelaram que *logo* percorreu duas trajetórias de gramaticalização: (i) a formação da perífrase *logo que*, combinaram-se o temporal *logo* e a partícula *que* também temporal, havendo mudança de categoria de advérbio a conjunção (com a relação de sentido preservada), e (ii) a formação do jutor conclusivo *logo*, um item que sinalizava sucessão espacial passou a sinalizar sucessão temporal e, posteriormente, sucessão lógico-discursiva, conforme estudos de argumentação.

No capítulo de análise, trouxemos a aplicação da proposta de Longhin-Thomazi (2015) para investigar o comportamento do *como* enquanto Palavra Gramatical e seu processo de gramaticalização em conjunto com a construção (pragmatização do significado, assim como a autora investigou para o *logo*) para as construções parentéticas iniciadas por *como*.

Após termos essa base sobre diferentes análises descritivas sobre o *como*, seguimos agora para a última seção do segundo capítulo, sobre estudos que focaram no funcionamento de outras conjunções e seu papel na articulação de construções coordenadas e subordinadas.

2.4: Trabalhos com conjunções: subordinação e coordenação à luz da GDF

Garcia e Pezatti (2013) analisam, no *corpus* Iboruna de língua falada, as orações concessivas independentes com *embora*, *apesar de que* e *mesmo que* e seu funcionamento como parêntese,

sendo essas construções destacadas por um contorno prosódico especial, aliadas à presença de Atos Interativos.

Geralmente, as construções concessivas são subordinadas ao que é expresso no Núcleo, e dependem da sua relação com a Oração principal (se p – Oração subordinada então normalmente não q – Oração principal), mas não em todos os casos. Segundo as autoras comprovaram no trabalho, há concessivas que trazem uma contribuição autônoma para a interação contínua (breve desvio de um tópico discursivo que não afeta a coesão do segmento tópico), constituída em um Movimento. Assim, o Falante introduz uma Oração concessiva independente quando “julga que a concessão é relevante do ponto de vista informacional, pois pode tanto indicar uma ação de preservação da face quanto uma ação de simples observação” (GARCIA; PEZATTI, 2013, p. 491).

Esse trabalho de análise das concessivas independentes nos mostra como a GDF é utilizada como ferramenta de análise da língua falada, ou seja, mostra como a interação verbal é estruturada e toma forma na língua segundo o modelo, trazendo Funções interacionais e discursivas que elevam o nível de análise para o plano interpessoal pragmático, onde o Falante usa as regras linguísticas (no processo de codificação no Nível Morfossintático) para alcançar seus objetivos comunicacionais.

Também discutimos aqui o estudo de Marques e Pezatti (2015), que analisam as relações das conjunções conclusivas (*logo, portanto, então, pois, por isso, assim*) na língua falada. Apontando variações de classificações para as conclusivas de diferentes autores (com semelhantes e divergentes opiniões) como Bechara (2009) e Neves (2000), Koch (1990), entre outros, Marques e Pezatti (2015) elaboram um quadro no qual separam as denominações e funções encontradas:

Elemento	Conjunção	Advérbio	Conector	Operador argumentativo	MarCADOR discursivo
Logo	x			x	
Portanto	x	x	x	x	
Então	x	x	x	x	x
Pois	x				
Por isso	x	x			
Assim	x				

**Quadro 6. Variação na denominação do elemento juntor na relação conclusiva
(MARQUES; PEZATTI, 2015, p. 24)**

Outra dificuldade em termos de classificação, citada pelas autoras, está na tratativa de diferenciar as coordenadas e as subordinadas. Como pudemos ver anteriormente em Canceiro (2016), há semelhanças e distinções nas coordenadas e subordinadas, de acordo com sua elaboração sintática e semântica. Decat (1999) reforça as dificuldades das gramáticas tradicionais e descritivas de definir classificações entre subordinação e coordenação como suficientes para compreender as diversas variações e possibilidades de uso da língua, seguindo o conceito de dependência (subordinadas) e independência (coordenadas) como um divisor estrutural e semântico para ambas.

Para Marques e Pezatti (2015), as conclusivas são independentes e quando ligadas por conjunções coordenativas, acabam se tornando dependentes (como um conjunto) ao ponto de vista semântico. Segundo as autoras, as Orações que, ao serem analisadas de modo isolado, seriam independentes, com a ligação conjuntiva, adquirem uma significação final diferente, ocorrendo um processo de subordinação semântica, mesmo mantendo-se uma coordenação estrutural (A portanto B – condição e consequência).

Para as autoras, há diversos fatores pragmático-semânticos, analisados e encontrados em diferentes níveis da GDF, que resultam em três diferentes tipos de relação conclusiva: Função Resumo (para sintetizar uma explanação anterior), Função Conclusão (relação indireta entre duas orações por meio de uma premissa) e Função Consequência (função semântica que ocorre entre uma causa e sua consequência). Vejamos o quadro final classificatório da relação conclusiva em níveis e camadas:

Função		Resumo	Conclusão	Consequência
NI	Camada	Movimento	Ato	Conteúdo Comunicado
	Função	Interativa	Retórica	-
NR	Camada	Conteúdo Proposicional	Conteúdo Proposicional	Conteúdo Proposicional
	Função	-	-	Semântica
NM	Camada	Texto	Expressão Linguística	Expressão Linguística
	Processo	Encadeamento	Coordenação	Cosubordinação
NF	Camada	Enunciado Fonológico	Frase Entoacional	Frase Entoacional
	Marcação	Pausa longa	Pausa média	Pausa curta

Quadro 7. Propriedades da relação conclusiva (MARQUES; PEZATTI, 2015, p. 111)

Essa análise sobre as conclusivas nos ajuda não somente a compreender como a divisão em níveis e camadas, proposta pela GDF, auxilia o entendimento da língua falada, como também a delimitar as motivações extralinguísticas para entender as regras linguísticas que permeiam o universo linguístico. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o enfoque funcionalista da GDF analisa os fenômenos linguísticos alinhando o que acontece na esfera da formulação e da codificação, como os componentes presentes nos diferentes níveis contribuem para a compreensão dos processos linguísticos. Santana (2010) menciona a explanação de Hengeveld e Mackenzie (2008) sobre a organização em níveis e camadas da GDF:

Um enfoque funcional, como o da GDF, dá ênfase especial, no entanto, ao caráter não autônomo da morfossintaxe na explanação teórica dos fenômenos linguísticos. Como a GDF vê o componente gramatical como organizado em níveis e camadas, os níveis pragmático, semântico, morfossintático e fonológico acabam desfrutando de saudável autonomia por contarem com categorias próprias, mas também a de interdependência, em virtude de possíveis motivações semânticas e pragmáticas para a codificação morfossintática, que, em grande parte, explicam os fenômenos de alinhamento entre os níveis. (SANTANA, 2010, p. 36)

Hengeveld e Mackenzie (2008) entendem que a GDF busca compreender como as propriedades da Expressão Linguística se adapta às intenções comunicativas do Falante e de como a língua pode ser modelada na comunicação humana, motivada por fatores socioculturais, psicológicos e cognitivos. Adotamos aqui a mesma visão de Hengeveld e Mackenzie (2008), pois temos na GDF uma base teórica que vem ao encontro da nossa tarefa de analisar a língua em uso, a modelagem que o Falante faz em prol de seus objetivos comunicacionais.

Os trabalhos aqui citados que analisam a função das conjunções, as diversas formas de como a GDF tem sido utilizada como ferramenta de análise da língua falada, fortalecem a nossa perspectiva de análise linguística para nossa problemática das construções encabeçadas pelo *como*.

Ao fazer esse levantamento, pudemos ver que esta pesquisa pode contribuir com o debate nessa área de estudos funcionalistas, envolvendo o objeto de língua falada, em especial. Seguimos adiante para o próximo capítulo, no qual detalhamos a metodologia e os parâmetros utilizados em nossa pesquisa.

CAPÍTULO 03: METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1: *Corpus* selecionado: Português falado

O *corpus* selecionado para a pesquisa foi o *Corpus* Lusófono de Língua Portuguesa falada, organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL, 2009), em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Embora o *corpus* abranja nove variedades do português, optamos pela análise de sete variedades, visto que apresentam o português como língua oficial, quais sejam: (i) Brasil; (ii) Portugal; (iii) África: São Tomé e Príncipe; Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique. Há ainda nesse *corpus* as variedades de Macau e Goa, localidades em que o português não é a língua oficial e que, portanto, optamos por não incluir na pesquisa.

Esse *corpus*, desenvolvido no CLUL, com apoio do Instituto Camões, intitulado de **Português Falado**, está organizado em documentos autênticos: gravações com transcrição alinhada, com mais de 300 milhões de palavras com todas as variedades do português, e é tratado como um *corpus* monitor, pois permite a inclusão paulatina de novos documentos. Sua composição de registros de oralidade é formada por conversas espontâneas (discurso informal) e outras formais, como entrevistas de rádio e discursos políticos.

O *corpus* conta com a transcrição de 80 gravações, composta por falas de 45 homens e de 35 mulheres, sendo 80% dos participantes com escolaridade de nível médio ou superior e 20%, de nível primário. Esses registros, denominados de inquéritos, são nomeados pela abreviatura do país (selecionamos ocorrências de sete variedades – Angola (Ang), Brasil (Bra), Cabo Verde (CV), Guiné-Bissau (GB), Moçambique (Moç), Portugal (PT), São Tomé e Príncipe (To-Pr), seguido do ano de sua ocorrência e da descrição do tema tratado. Vejamos abaixo um exemplo de como é composto o registro inicial de cada inquérito (título, local, data, dados do informante e dados do inquérito):

(1) TÍTULO: **O Jovem Gaspar**

LOCAL: **Angola – Luanda**

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 22 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Empregado de mesa

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Ang97: Jovem)

Outros dados importantes do *corpus* são as informações iniciais a respeito de algum conteúdo específico que possa surgir no decorrer do inquérito como, por exemplo, construções estruturais referentes ao local ou período histórico, vocabulários específicos ou orientações de como será realizado o processo comunicacional. Vejamos o exemplo (2) extraído do inquérito (Ang97: Guerra e ambiente) sobre a compreensão de vocábulos específicos encontrados:

- (2) OBSERVAÇÕES: O interlocutor do informante utiliza um discurso muito formal. Não se encontrou registo de «depletado», adjetivo, nem de «depletar», verbo, de que poderia ser o Particípio Passado. Será um anglicismo (de «depleted»), correspondente ao termo «exausto», utilizado em Portugal para o exaurimento das terras. O informante produz «CADC» por «SADC»(South Africa Development Community)

Assim, foi feita uma varredura pelo *corpus* em busca de construções encabeçadas por *como*, item que nos serviu como localizador para percorrer os inquéritos das sete variedades já citadas. De todas as ocorrências iniciadas por *como*, foram selecionadas aquelas em que as construções encabeçadas pelo item não se relacionavam a uma oração principal.

3.2: Parâmetros de análise: problemáticas e hipóteses

A metodologia de pesquisa deste trabalho está baseada em parâmetros relacionados às propostas teóricas da GDF e da GTI, que são as bases desta pesquisa, e partem do objetivo geral de descrever funcionalmente as construções iniciadas por *como*.

Como objetivos específicos, este estudo investiga: (i) as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas das construções iniciadas por *como* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (ii) o estatuto do item *como* nessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (iii) o processo de ordenação sintática dessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); e (iv) suas funções parentéticas no discurso (JUBRAN, 2006).

No intuito de atingir esses objetivos, foi organizado o seguinte conjunto de critérios: 1) verificação da classificação formal do *como*; 2) identificação da camada da construção no Nível Interpessoal (esfera da formulação); 3) verificação do estatuto do *como* no Nível Interpessoal; 4) identificação da camada da construção no Nível Morfossintático (esfera da codificação); 5)

verificação do estatuto do *como* no Nível Morfossintático; 6) verificação da ordenação da construção no Nível Morfossintático; 7) identificação de sua constituição formal enquanto parêntese; 8) identificação das propriedades parentéticas das construções em relação às fronteiras dos segmentos e 9) verificação das funções e classes parentéticas.

Esses critérios nos guiaram na investigação dessas construções no intuito de discutir as problemáticas lançadas no início deste estudo: (i) como as construções encabeçadas pelo *como* funcionam à luz da GDF? (ii) qual o escopo de *como* de acordo com os Níveis Interpessoal e Morfossintático da GDF? (iii) à luz da GTI, essas construções são parentéticas? (iv) qual é o processo de ordenação sintática dessas construções?

Vejamos abaixo a descrição de cada critério de análise utilizado:

- 1) Classificação formal do *como*: verifica-se a classificação do *como* nas gramáticas de uso do português, enquanto advérbio (relativo, interrogativo ou de modo) ou conjunção (causal, modal, conformativa ou comparativa), utilizando o que é trazido por Bechara (2009) e por Neves (2000) no capítulo anterior. Essa etapa visa trazer uma classificação formal dos usos do *como* no *corpus*, enquanto advérbio ou elemento de junção (conjunção subordinada);
- 2) Camada da construção no Nível Interpessoal⁶: investiga-se a construção de acordo com as camadas mais altas do Nível Interpessoal, do modelo teórico da GDF, focando no Movimento e no Ato Discursivo e Subato, além de analisar o tipo de Ilocução (declarativa e interrogativa);
- 3) Estatuto do *como* no Nível Interpessoal: essa etapa visa compreender o papel do *como* no Nível Interpessoal, verificando se ele é Operador, Modificador ou marcador de Função nesse nível;
- 4) Camada da construção no Nível Morfossintático: o quarto critério objetiva investigar o comportamento da construção no processo de codificação no Nível Morfossintático, enquanto Expressão Linguística, Oração ou Sintagma;
- 5) Estatuto do *como* no Nível Morfossintático: essa etapa visa compreender o papel do *como* no Nível Interpessoal, verificando se ele é Palavra Gramatical ou Palavra Lexical;

⁶ Este é o primeiro dos cinco critérios (critérios de 2 a 6) embasados na teoria discursivo-funcional da GDF.

6) Ordenação da construção no Nível Morfossintático: verificamos o alinhamento da construção com base nos princípios de ordenação da Língua Portuguesa, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), verificando as posições $P^{pré}$, P^{centro} e $P^{pós}$ para Expressões Linguísticas;

7) Constituição formal do parêntese⁷: identificação dos tipos de constituição que um parêntese pode apresentar: utilizamos as definições propostas por Jubran (2006) para classificar as construções de acordo com as propriedades parentéticas em que as ocorrências enquadraram-se, a começar pela constituição formal dos elementos: (i) Marcadores Discursivos (perda de transparência semântica); (ii) Sintagmas Nominais (precedido por um Marcador Discursivo); (iii) Frases Simples (predicação verbal ou nominal); (iv) Frases Complexas (Orações justapostas ou ligadas por elos sintáticos e por Marcadores Discursivos) e (v) Pares Adjacentes (Par Adjacente pergunta-resposta, estando no plano textual-interativo, por implicações entre Atos de fala);

8) Fronteira dos segmentos: esta etapa verifica as propriedades parentéticas referentes às fronteiras que caracterizam a inserção dos parênteses nas sentenças: (i) entre constituintes da frase; (ii) no limite entre duas unidades frasais; (iii) entre a primeira e a segunda parte de pares adjacentes e (iv) entre segmentos textuais com estruturas anacolúpticas;

9) Classes e funções: última etapa de caracterização das construções como parênteses, em que são analisadas as funções pragmáticas e as classes (diferentes focos) que esses breves desvios tópicos apresentam, conforme quadro 2 do primeiro capítulo, repetido aqui por conveniência:

CLASSE	FOCO		FUNÇÕES
	Conteúdo Tópico		a) exemplificação
			b) esclarecimento
			c) ressalva
			d) retoque e correção
	Formulação Linguística		a) explicitação do significado de palavras
			b) indicação de mudança de registro
			c) verbalização da atividade formulativa

⁷ Primeiro dos três critérios (critérios de 7 a 9) embasados na teoria textual-interativa.

a	Elaboração Tópica		d) sinalização de busca de denominações
			e) solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical
	Estrutura Tópica		a) marcação de subdivisões de um quadro tópico
			b) marcação de retomada de tópico
			c) marcação do estatuto discursivo de um fragmento do texto
b	Locutor		a) qualificação do Locutor para discorrer sobre o tópico
			b) manifestação de interesse ou desinteresse pelo tópico
			c) indicação de desconhecimento do tópico
			d) manifestações atitudinais do Locutor em relação ao tópico
			e) indicação da fonte enunciativa do discurso
c	Interlocutor		a) estabelecer inteligibilidade do tópico
			b) evocar conhecimento partilhado do tópico
			c) testar a compreensão do Interlocutor
			d) instaurar convivência com o Interlocutor
			e) chamar a atenção do Interlocutor para um elemento do tópico
			f) atribuir qualidades ao Interlocutor para a abordagem do tópico
d	Ato Comunicativo		a) sinalização de interferências de dados externos ao Ato Comunicativo
			b) estabelecimento da modalidade do Ato Comunicativo
			c) estabelecimento de condições para a realização ou prosseguimento do Ato Comunicativo
			d) avaliação do Ato Comunicativo
			e) negociação de turnos

Quadro 2. Classe e funções dos parênteses (JUBRAN, 2006, p. 327)

Assim, no quarto e último capítulo, que se organiza a partir dos nove critérios aqui definidos, os dados, inicialmente, são organizados em termos (i) de sua distribuição entre as variedades portuguesas, (ii) de sua constituição linguística e (iii) de sua classificação formal, que motivaram a investigação desde o início da pesquisa.

CAPÍTULO 04: ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, esta análise parte da distribuição quantitativa dos dados entre as variedades da língua portuguesa em que as ocorrências foram encontradas:

VARIEDADE	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
Brasil	07
Portugal	04
Angola	05
São Tomé e Príncipe	04
Moçambique	01
Guiné-Bissau	04
Cabo Verde	05
TOTAL	30

Quadro 8. Divisão das ocorrências nas variedades do *corpus* lusófono

Como podemos ver no quadro 8, essas construções estão presentes nas sete variedades lusófonas analisadas, com maior frequência na variedade do Brasil (somando sete ocorrências). Assim, observa-se que, embora não haja um alto número de ocorrências em cada variedade, há presença desse tipo de uso em todas elas, somando trinta ocorrências no todo.

Como este é um trabalho de viés qualitativo, em que ao *type* é dado maior relevo que ao *token*, nos atentamos a descrever como essas construções servem à língua e aos seus Falantes, apontando para tipos de uso específicos, que serão aqui descritos.

A análise também identificou que as estruturas encontradas apresentam constituição de natureza ilocutória diferente (o que nos levou a encontrar grupos de aproximação para a análise, que são trazidos mais a diante, no quadro 11), apresentando dois tipos diferentes de Ilocução – declarativa e interrogativa, conforme os exemplos de (1) a (5):

- (1) Declarativa: > problemas ecológicos, *como disse*, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola.(Ang97: Guerra e ambiente)

- (2) Declarativa: > ah, esqueci-me de dizer que se mistura também bocadinhos de ananás partidos muito miudinho, mas não todo, não todo o... da lata. depois no dia seguinte desenforma-se. enfeita-se com o resto do ananás, *como se quiser*, com as rodela partidas em meia-lua, é como eu faço, ou em bocadinhos, *como se quiser*, e com a, o chantilly. (PT70: Bavaroise)
- (3) Declarativa: > eh, eh, durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, *como sempre gostei*, eh, de ver cair a chuva. (Moç86: Chuva)
- (4) Interrogativa: Todas as acções que nós estamos a provocar nefastas ao ambiente vão ter repercussões na nossa própria sobrevivência. ora, nós não n[...], devemos ser loucos ao ponto de querermos o nosso... próprio desaparecimento, o suicídio da espécie humana! portanto, nós temos que fazer mesmo e temos e podemos fazer! ora, como? *como é que podemos fazer?* podemos fazer através de vários métodos. primeiro, você tem que convencer as pessoas que, do que têm que fazer, para isso tem que os informar. (Ang97:Guerra e Ambiente)
- (5) Interrogativa: > ah, minha filha! minh[...], mulher de médico precisa... ser uma criatura assim, é, mui[...], muito – *como é que eu vou dizer?* - não ligar para certas coisas, entendeu, não pode ser ciumenta, não pode estar levando o negócio assim, você querer monopolizar teu marido porque não adianta, porque você tem que deixar de mão mesmo. (Bra80: Nada ciumenta)

Importante apontar também que as construções encabeçadas pelo *como* são compostas por verbos *dicendi* (como no exemplo (1) *como disse*), verbos de ação (como no exemplo (3) *como sempre gostei*), verbos de conhecimento (como no exemplo (6) *como sabemos*) e verbos de ligação (como em (7) *como eu estava falando*), o que dá indícios de seu carácter abrangente em termos de emprego semântico:

- (6) > inclusivamente famílias alargadas em que temos, eh, portanto, desde sobrinhos, sogros, ele, dessa mulher, enfim, cunhados e familiares que, *como sabemos*, eh, as famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher. (GB95: Mulher Africana)
- (7) -> então, *como eu estava falando*, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. (Bra80: Mundo Direito)

Entretanto, considerando-se esses grupos verbais, essas construções apresentam pouca variação de ordem sintática e lexical, ou seja, há pouca variação dos tempos verbais para os mesmos

verbos e há troca de elementos lexicais que possuem significação muito similar (verbos dizer e falar), conforme podemos ver em (8) e (9), respectivamente, com as variações entre os verbos falar e dizer, ambos no gerúndio, precedidos do verbo estar no pretérito imperfeito:

(8) -> então, *como eu estava falando*, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. (Bra80: Mundo Direito)

(9) [...] teve um fundamento, você fez aprender, ensinar para a gente também, vendo o filme... e a letra da música. pena que não deu, que o horário da aula foi muito pouco, não é, para gente assistir o filme inteiro, para o pessoal assistir que eu não assisti. então foi assim superlegal. e ela, *como eu estava dizendo*.

– é.

– me chamou a atenção. e eu por ser uma aluna quieta, não sou de mexer com ninguém, fiquei chocada com a atitude dela falei “poxa, tan[...], gosto tanto de inglês, mas pelo professor vai ser um pé no saco esse ano”. (Bra93: Festa estudante)

Em (10) temos um exemplo da construção no tempo presente do indicativo (*como digo*) e em (11), o verbo na forma infinitiva (*como dizer*). Já em (12) temos o verbo dizer conjugado no pretérito perfeito (*como disse*):

(10) – depois passam o dia inteiro nas aulas, chegam à noite, eh, não têm tempo, *como digo*, para fazer, ah, qualquer actividade extra-curricular. (PT95: Vida Estudante)

(11) -> bom, como pequena empresária que sou, eh, bom, é, eh, *como dizer*, em princípio, há dificuldades, mas também exige muita coragem. (To-Pr96: Costureira)

(12) > problemas ecológicos, *como disse*, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola. (Ang97: Guerra e ambiente)

Vejamos no quadro abaixo as construções encontradas em cada variedade:

NÚMERO DA OCORRÊNCIA	VARIEDADE	CONSTRUÇÃO DA OCORRÊNCIA	LOCALIZAÇÃO NO CORPUS
01	Brasil	<i>Como você diz</i>	(Bra80: Bichinho)
02	Brasil	<i>Como é que fica?</i>	(Bra80: Jogo bicho)
03	Brasil	<i>Como é que eu vou dizer?</i>	(Bra80: Nada ciumenta)
04	Brasil	<i>Como eu estava falando</i>	(Bra80: Mundo direito)
05	Brasil	<i>Como é que se diz?</i>	(Bra87: Economia sociedade)
06	Brasil	<i>Como fala o ditado</i>	(Bra93: Festa estudante)
07	Brasil	<i>Como eu estava dizendo</i>	(Bra93: Festa estudante)
08	Portugal	<i>Como se quiser</i>	(PT70: Bavaroise)
09	Portugal	<i>Como eles chamam</i>	(PT70: Culto tradicional)
10	Portugal	<i>Como se diz então</i>	(PT95: Futebol)
11	Portugal	<i>Como digo</i>	(PT95: Vida estudante)
12	Angola	<i>Como disse</i>	(Ang97: Guerra e ambiente)
13	Angola	<i>Como é que podemos fazer?</i>	(Ang97: Guerra e ambiente)
14	Angola	<i>Como sabe</i>	(Ang97: Ensino Angola)
15	Angola	<i>Como digo</i>	(Ang97: Ensino Angola)
16	Angola	<i>Como muitas vezes se diz</i>	(Ang97: Meninos de rua)
17	São Tomé e Príncipe	<i>Como dizer</i>	(To-Pr96: Costureira)
18	São Tomé e Príncipe	<i>Como dizer?</i>	(To-Pr96: Costureira)
19	São Tomé e Príncipe	<i>Como é que chegou a este ponto?</i>	(To-Pr96: Costureira)
20	São Tomé e Príncipe	<i>Como é que se chama?</i>	(To-Pr96: Pesca)
21	Moçambique	<i>Como sempre gostei</i>	(Moç86: Chuva)
22	Guiné-Bissau	<i>Como é que se diz?</i>	(GB95: Democracia)
23	Guiné-Bissau	<i>Como é que posso dizer?</i>	(GB95: Aborto)
24	Guiné-Bissau	<i>Como é que eu posso dizer?</i>	(GB95: Aborto)
25	Guiné-Bissau	<i>Como sabemos</i>	(GB95: Mulher africana)
26	Cabo Verde	<i>Como posso dizer?</i>	(CV95: As mornas)
27	Cabo Verde	<i>Como se diz</i>	(CV95: As mornas)

28	Cabo Verde	<i>Como o senhor sabe</i>	(CV95: Coleccionismo)
29	Cabo Verde	<i>Como é que posso dizer?</i>	(CV95: Coleccionismo)
30	Cabo Verde	<i>Como sabe</i>	(CV95: Coleccionismo)
TOTAL		30	

Quadro 9. Descrição das ocorrências no corpus

O quadro 9 se organiza conforme a quantidade de ocorrências por variedade (Brasil: 07 ocorrências; Angola e Cabo Verde: 05 ocorrências; Guiné-Bissau, Portugal e São Tomé e Príncipe: 04 ocorrências; Moçambique: 01 ocorrência) e busca evidenciar quais ocorrências se repetem (*como digo* (ocorrências 11 e 15), *como sabe* (ocorrências 14 e 30), *como é que se diz?* (ocorrências 5 e 22) e *como é que posso dizer?* (ocorrências 23 e 29), apresentadas em escala de cinza no quadro 9, com 02 repetições para cada construção), presentes em diferentes variedades e contextos e, ao mesmo tempo, quais alterações ocorrem entre as construções que não se repetem (demais 22 ocorrências), que se alternam entre sujeito explícito (16 ocorrências, com os sujeitos variando entre *eu* (10 ocorrências), *você* (1 ocorrência), *nós* (2 ocorrências), *eles* (1 ocorrência) e outras 2 ocorrências com o sujeito como fala *o ditado* (*ele*) e como *o senhor* (*você*) sabe) ou implícito (14 ocorrências). Vejamos abaixo os exemplos (13) e (14), que representam, respectivamente, um exemplo de sujeito explícito (*como você diz*) e implícito (*como se diz*):

(13) - no Pará não diz aqui nós dizemos "na esquina... da Álvares de Miranda", não é, "com a avenida suburbana", "você vai lá, fulano, no sobrado, está," no Pará diz "no canto da rua tal", "nos alto", que é o sobrado, não é, por exemplo, "vou fazer, vou," aqui, **como você diz**, "vou fazer um terno" (Bra80: Bichinho)

(14) -> sim. eh, dizem que a palavra "morna" nasceu de, do vocábulo "mourni[...]", "mourning", eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], **como se diz**, na, quando, eh, aconteceu que morreu alguma pessoa (CV95: As mornas)

Também fica evidente a variação entre os tipos de verbo (*dicendi* (14 ocorrências); conhecimento (4 ocorrências); ação (10 ocorrências) e de ligação (2 ocorrências)), entre tempos verbais (presente do indicativo (23 ocorrências), como em (15); pretérito imperfeito (2 ocorrências), como em (16); pretérito perfeito (2 ocorrências), como em (17); futuro do subjuntivo (1 ocorrência),

como em (18); infinitivo (2 ocorrências), como em (19) e entre presença/ausência de clivagem (10 ocorrências com clivagem expressa pelo verbo ser (é), como em (20)):

- (15) Presente do indicativo: -> exactamente, sim. mas é, hoje, por exemplo, eh, com a ciência avançada, **como** o senhor sabe, e, o animal pode ser filmado. e então é, é t[...], é toda essa maneira depois de reprodu[...], tentar reproduzir o animal. (CV95: Colecionismo)
- (16) Pretérito imperfeito: -> então, **como** eu estava falando, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. (Bra80: Mundo Direito)
- (17) Pretérito perfeito: > eh, eh, durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, **como** sempre gostei, eh, de ver cair a chuva. (Moç86: Chuva)
- (18) Futuro do subjuntivo: > ah, esqueci-me de dizer que se mistura também bocadinhos de ananás partidos muito miudinho, mas não todo, não todo o... da lata. depois no dia seguinte desenforna-se. enfeita-se com o resto do ananás, **como** se quiser, com as rodelas partidas em meia-lua, é como eu faço, ou em bocadinhos, **como** se quiser, e com a, o chantilly. (PT70: Bavaroise)
- (19) Infinitivo: -> bom, a gente trabalha com perfeição e quando se trabalha com perfeição não tem assim graves problemas. mas, em tudo na vida há, eh, decepções e, e, **como** dizer?
 – triunfos?
 -> triunfos. hum, por exemplo, pode haver casos de dece[...], decepções, por exemplo, uma falha em qualquer, ah, confecção e se o cliente reclamar é sem dúvida que o cliente tem toda a sua razão e a gente dá razão a quem tem razão. (To-Pr96: Costureira)
- (20) Clivagem: > como é que você vai investir seu dinheiro para você pagar, vamos dizer, você ganhou quatrocentos milhões de cruzeiro. no segundo semestre, como é que você vai investir seu dinheiro para pagar logo o imposto de renda logo a seguir, não é, **como** é que fica? por exemplo, no meu caso. como é que eu vou pagar tudo isso, esse imposto todinho? se eu botar o dinheiro lá encostado, eu vou perder dinheiro. (Bra80: Jogo bicho)

Embora esses não tenham sido fatores controlados enquanto parâmetros de análise, se fizeram importantes para que chegássemos a uma aproximação/distanciamento entre as ocorrências e nos ajudaram na caracterização formal do *como* entre as variedades, levando em conta o *corpus* estudado, como se vê na próxima seção.

4.1: Classificação formal do *como*

Tendo em vista o olhar do analista, que parte do dado linguístico para interpretar as intenções do Falante, analisa-se, nesta seção, de que forma o *como* pode se enquadrar nas classes gramaticais de advérbio e conjunção. Para isso elaboramos o quadro 10, referente à classificação do *como* levando em conta essas categorias.

O que se busca mostrar é que por vezes há ambiguidade nessa caracterização formal, que ocorre devido ao caráter fronteiro das significações e das classificações em mais de uma categoria de classe de palavra, conforme já apontado por Cunha e Cintra (1985), estando presente nos advérbios interrogativos de modo, relativos e comparativos de igualdade, e nas conjunções causais, comparativas, modais e conformativas.

Luft (1978) aponta que as subordinadas conformativas e modais denotam traços semânticos de conformidade e modo, ambiguidade que vimos nesta análise. Nos estudos de Pereira (2014) vimos que *como* pode trazer significações semânticas de conformidade e semelhança e desconformidade e dissemelhança.

O que se nota é que, pautando a análise por uma classificação formal, uma ocorrência pode ter mais de uma classificação, justamente porque as construções conformativas e comparativas, por exemplo, trazem significações muito próximas, fazendo com que construções como *como você diz* (igual você diz) e *como eu estava falando* (conforme eu estava falando) ou *como digo, como sabe* fiquem entre os sentidos de comparação e conformidade, gerando ambiguidade, conforme o quadro abaixo:

OCORRÊNCIA	CLASSE GRAMATICAL	
	ADVÉRBIO ⁸	CONJUNÇÃO
1-Como você diz	Comparativo	Comparativa/Conformativa
2-Como é que fica?	Interrogativo	Modal
3-Como é que eu vou dizer?	Interrogativo	Modal
4-Como eu estava falando	Comparativo	Comparativa/Conformativa
5-Como é que se diz?	Interrogativo	Modal
6-Como fala o ditado	Comparativo	Comparativa/Conformativa

⁸ A classificação adverbial levou em conta a construção e a classificação conjuntiva, o contexto de inserção da oração.

<i>7-Como eu estava dizendo</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>8-Como se quiser</i>	Comparativo	Modal/Conformativa
<i>9-Como eles chamam</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>10-Como se diz então</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>11-Como digo</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>12-Como disse</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>13-Como é que podemos fazer?</i>	Interrogativo	Modal
<i>14-Como sabe</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>15-Como digo</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>16-Como muitas vezes se diz</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>17-Como dizer</i>	Comparativo	Comparativa
<i>18-Como dizer?</i>	Interrogativo	Modal
<i>19-Como é que chegou a este ponto?</i>	Interrogativo	Modal
<i>20-Como é que se chama?</i>	Interrogativo	Modal
<i>21-Como sempre gostei</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa
<i>22-Como é que se diz?</i>	Interrogativo	Modal
<i>23-Como é que posso dizer?</i>	Interrogativo	Modal
<i>24-Como é que eu posso dizer?</i>	Interrogativo	Modal
<i>25-Como sabemos</i>	Comparativo	Conformativa
<i>26-Como posso dizer?</i>	Interrogativo	Modal
<i>27-Como se diz</i>	Comparativo	Comparativa
<i>28-Como o senhor sabe</i>	Comparativo	Conformativa
<i>29-Como é que posso dizer?</i>	Interrogativo	Modal
<i>30-Como sabe</i>	Comparativo	Comparativa/Conformativa

Quadro 10. Classificação formal do *como*

Numa análise formal, identificamos mais de uma classificação para as ocorrências, de acordo com o contexto sintático-semântico. As classificações vistas em subordinadas e coordenadas também apresentam traços de semelhanças e proximidades, em relação ao seu caráter estrutural. Vejamos abaixo, como exemplo dessa ambiguidade, a construção *como disse* (ocorrência 12 do quadro 10), que se enquadra como comparativa e conformativa, em uma análise de nível frásico e normativo do *como*:

(21) > os fluxos, os fluxos migratórios que sempre houve em todo o mundo provocados por desgraças, por guerras, fomes, secas, etc., por cataclismos naturais ou artificiais, dependendo da quantidade de pessoas que se mo[...], que se m[...], m[...], mobilizam de um lado para o outro, claro que traz sempre grandes desvantagens, sempre grandes desequilíbrios ambientais. [...]

– eh, doutor João Serôdio, no nosso caso de Angola, com as movimentações constantes de grupos de pessoas, eh, provocadas por situações de guerra, essa questão não se põe também?

-> problemas ecológicos, *como disse*, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola. (Ang97: Guerra e ambiente)

Notamos, com a ampliação do contexto do diálogo da ocorrência de língua falada acima, que o *como*, em uma análise normativa, pode trazer significações de uso comparativa e conformativa, sendo ambas as classificações plausíveis e possíveis para a ocorrência citada. Podemos enquadrar a significação de *como disse* em: (i) problemas ecológicos, conforme disse antes, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola, e (ii) problemas ecológicos, igual já disse antes, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola.

Vimos em Bechara (2009), exemplos de ocorrências nas quais o *como* comportava-se exclusivamente como comparativa (como em 22) ou conformativa (como em 23):

(22) “O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes” [MM] (BECHARA, 2009, p. 326)

(23) “Tranquilizei-a *como* pude” [MA. 1, 174]. (BECHARA, 2009, p. 327)

Outra situação de ambiguidade que surgiu foi entre as classificações modal e conformativa. Vejamos abaixo a construção *como se quiser* (ocorrência 8 do quadro 10):

(24) > mexe-se... e deita-se dentro numa forma que est[...], que foi molhada com água fria, e vai para o frigorífico. ah, esqueci-me de dizer que se mistura também bocadinhos de ananás partidos muito miudinho, mas não todo, não todo o... da lata. depois no dia seguinte desenforma-se. enfeita-se com o resto do ananás, *como se quiser*, com as rodelas partidas em meia-lua, é como eu faço, ou em bocadinhos, *como se quiser*, e com a, o chantilly. (PT70: Bavaroise)

Observamos em (24) que o *como* pode representar as significações de (i) conformidade: enfeita-se com o resto do ananás, conforme quiser, com as rodelas partidas em meia-lua, é como eu faço (conforme eu faço), ou em bocadinhos, conforme quiser, e com a, o chantilly, e (ii) modo: enfeita-se com o resto do ananás, pelo/do modo que quiser, com as rodelas partidas em meia-lua, é como eu faço (modo que eu faço), ou em bocadinhos, pelo/do modo que quiser, e com a, o chantilly. Em Neves (2000) também vimos a construção com *como* com significação estritamente modal (exemplo (25)):

(25) Se continuarei a “enganar” Carlos, *como* o fiz nesse primeiro momento de “reencontro” carnal, não sei. (A) (NEVES, 2000, p. 929)

Em todas as ocorrências, o que nos parece, é que esses valores semânticos se esvaziaram e o que há, são outros tipos de relações sendo estabelecidas. Vejamos no exemplo (26) *como dizer*, que o *como* não se reduz a uma conformidade ou expressão da maneira como se quer falar algo, mas capta um sentido mais discursivo, ligado à organização do discurso, mais especificamente ao processo de construção de uma referência:

(26) -> bom, como pequena empresária que sou, eh, bom, é, eh, *como dizer*, em princípio, há dificuldades, mas também exige muita coragem. (To-Pr96: Costureira)

Já na ocorrência *como sabemos*, identificamos não só uma significação de conformidade, em que essa construção se subordina a uma oração principal, mas sim um apelo ao interlocutor e ao conhecimento compartilhado entre ele e o Falante, para a compreensão do enunciado como um todo:

(27) -> inclusivamente famílias alargadas em que temos, eh, portanto, desde sobrinhos, sogros, ele, dessa mulher, enfim, cunhados e familiares que, *como sabemos*, eh, as famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher. (GB95: Mulher Africana)

Outra situação encontrada foram as classificações como advérbio interrogativo, que, nesse caso, funcionam, também, de modo a servirem à interação, não necessariamente requisitando uma resposta do interlocutor, tendo essa função esvaziada. Vejamos abaixo a ocorrência *como é que fica*:

(28) -> você já está sendo roubado de entrada, tem um jogo que te desconta setenta por cento, já é um roubo. você bota cem cruzeiro, só vale trinta, já é um roubo. é um roubo mesmo. agora, então, você desconta, ganha ou não ganha, desconta, você acerta no segundo semestre. como é que você vai investir seu dinheiro para você pagar, vamos dizer, você ganhou quatrocentos milhões de cruzeiro. no segundo semestre, como é que você vai investir seu dinheiro para pagar logo o imposto de renda logo a seguir, não é, *como é que fica?* por exemplo, no meu caso. como é que eu vou pagar tudo isso, esse imposto todinho? se eu botar o dinheiro lá encostado, eu vou perder dinheiro. sou solteiro, com esse dinheiro todo, ele vão descontar logo na maior, não é, quarenta e dois por cento, não é, se eu não me engano. um negócio desses não me interessa, que ele nunca vão me descontar. (Bra80: Jogo bicho)

Assim, podemos comprovar, diante das situações de ambiguidade, de significação fronteira e de esvaziamento semântico do item *como*, a necessidade de ampliar o olhar da análise para além do nível frásico e semântico, necessitando a compreensão do funcionamento dessas construções em domínios pragmáticos, ou seja, do Nível Interpessoal, pois vemos que a classificação formal da gramática descritiva de usos do português não é suficiente para resolver as questões pragmáticas apresentadas por essas estruturas.

O que auxilia a reconhecer esse funcionamento diferente é seu caráter parentético, como desvio tópico parcial, como vimos acima em (27) e (28), que traz significações peculiares ao contexto de inserção, conforme tratamos nas próximas etapas do estudo. Para o agrupamento das ocorrências nesta etapa, as separamos em quatro grupos que nos pareceram mais afins, problematizando a classificação tradicional:

Agrupamento das ocorrências – Classificação normativa				
Interrogativas – Modais	Ambiguidade – conformidade e comparação	Ambiguidade – modo e conformidade	Comparativas	Conformativas
2-Como é que fica? 3-Como é que eu vou dizer? 5-Como é que se diz? 13-Como é que podemos fazer?	1-Como você diz 4-Como eu estava falando 6-Como fala o ditado 7-Como eu estava	8-Como se quiser	17-Como dizer 27-Como se diz	25-Como sabemos 28-Como o senhor sabe

18-Como dizer?	dizendo			
19-Como é que chegou a este ponto?	9-Como eles chamam			
20-Como é que se chama?	10-Como se diz então			
22-Como é que se diz?	11-Como digo			
23-Como é que posso dizer?	12-Como disse			
24-Como é que eu posso dizer?	14-Como sabe			
26-Como posso dizer?	15-Como digo			
29-Como é que posso dizer?	16-Como muitas vezes se diz			
	21-Como sempre gostei			
	30-Como sabe			
Total: 12	13	01	02	02

Quadro 11. Agrupamento das ocorrências – Classificação normativa

Com o agrupamento das ocorrências por seus respectivos usos e significações de acordo com a classificação normativa do *como*, concluímos que:

(i) 49% das ocorrências (14 ocorrências) foram compreendidas com ambiguidade entre as possíveis significações e usos, em especial, entre conformidade e comparação, reforçando o caráter fronteiro das categorias normativas (CUNHA; CINTRA, 1985);

(ii) apenas 13% (4 ocorrências) apresentaram significação e uso referente a uma categoria de conjunção (02 ocorrências de conjunção comparativa e 02 conformativas);

(iii) as quatro situações de repetição de ocorrências (*como digo*, *como sabe*, *como é que se diz?* e *como é que posso dizer?*) foram classificadas dentro de seus respectivos grupos, não havendo divergência de classificação entre as repetições;

(iv) A compreensão do *como* enquanto conjunção modal (NEVES, 2000) é reforçada por sua classificação adverbial enquanto interrogativa de modo, conforme Bechara (2009) e Neves (2000).

Tendo em vista o esforço que se faz tentando enquadrar essas construções numa classificação formal, vemos que muito pouco se explica nesse tipo de abordagem sobre o caráter comunicativo dessas construções.

Aqui, busca-se defender que são construções subordinadas discursivamente (dependência discursiva), situação que não se identifica numa análise que se limite ao plano oracional, identificadas em Atos Discursivos que constituem Movimentos nas construções declarativas, e perguntas meditativas para as interrogativas de conteúdo (FONTES, 2012), ambas em estruturas independentes morfossintaticamente, com Ilocução própria, envolvendo o Falante, o Ouvinte e com um Conteúdo Comunicado, ocorrendo em um nível diferente de subordinação, orientada discursivamente, de acordo com Stassi-Sé (2012).

A contribuição desta seção vai na direção da compreensão da amplitude semântica e sintática que o *como* possui, abrangendo, ao menos, sete diferentes classificações formais, encontradas entre as classes de advérbio e de conjunção, que, em verdade, pouco dizem respeito ao uso identificado nesta pesquisa e que buscamos descrever nas próximas seções.

4.2: Camada da construção no Nível Interpessoal

Nesta etapa analisamos as construções de acordo com o Nível Interpessoal da GDF. Observamos seu funcionamento como subordinadas discursivas, identificadas na camada do Movimento (camada mais alta do Nível Interpessoal, vista como uma contribuição autônoma para a interação contínua) constituindo Atos Discursivos (menor unidade livre de comportamento comunicativo) e Subatos (para as interrogativas de conteúdo) funcionando como perguntas meditativas (FONTES, 2012), que não possuem dependência sintática ou semântica com os elementos anteriores e posteriores no Nível Morfossintático, ou seja, a relação se estabelece interpessoalmente, onde reside a dependência discursiva. Vejamos seu funcionamento no exemplo (29) *como digo*:

(29) – depois passam o dia inteiro nas aulas, chegam à noite, eh, não têm tempo, *como digo*, para fazer, ah, qualquer actividade extra-curricular. (PT95: Vida Estudante)

Podemos notar que a construção *como digo* opera como um desvio tópico que o Falante realiza para ganhar tempo para formular a continuidade do seu discurso – “[...] eh, (eles) não têm tempo para fazer, ah, qualquer actividade extra-curricular”. A construção não possui dependência sintática (nem semântica) com o que vem antes ou depois, ficando evidente também pela

continuidade sintática existente entre “eh, (eles) não têm tempo” e a continuação após a construção “para fazer, ah, qualquer actividade extra-curricular”, o que reforça o carácter desviante da construção *como digo* (sintática e semanticamente), configurando-se uma contribuição autônoma no discurso do Falante, representando, assim, um Movimento na interação contínua, caracterizado pela introdução de uma contribuição específica e interpessoal (desvio tópico parcial representando uma sinalização de busca de denominação) exercida pelo Falante.

Há muitos estudos linguísticos sobre quais parâmetros utilizar para essa classificação. Decat (1999) discorre sobre a pouca garantia e segurança de uma classificação de orações subordinadas pelo fator de dependência, pois as línguas diferem-se culturalmente em termos de opções organizacionais. Halliday (1985) utiliza as classificações de Parataxe, Hipotaxe e Encaixamento para definir as respectivas definições de coordenação, subordinação adverbial e subordinação substantiva/adjetiva.

Para Dik (1981), as Orações são classificadas de acordo com sua função argumental (argumentos definidos como termos exigidos pela semântica do predicado) e com função satélite (termos que trazem informações adicionais ao predicado). Na GF, o encaixamento é visto como uma inserção de Orações na posição de argumento ou satélites, inseridos em diferentes níveis e camadas.

O processo de subordinação morfossintática para a GDF se dá por constituência, o que também não nos parece o caso nessa construção, que ocorre pela atuação de fatores interpessoais, que são responsáveis pela escolha de determinado tipo de construção para gerar um efeito comunicativo.

Como podemos ver em (29), o *como* exerce o papel de encabeçar construções que são Movimentos e ao mesmo tempo, no plano discursivo, de articular esses Movimentos com outros. Podemos notar novamente essa situação no excerto abaixo, no qual analisamos o comportamento da construção *como disse*, na variedade de Angola:

- (30) -> problemas ecológicos, *como disse*, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola. (Ang97: Guerra e ambiente)

Ao analisarmos essa ocorrência a nível oracional, vemos que a construção não é constituinte de outra oração, não fazendo parte morfossintaticamente da oração principal (sem subordinação morfossintática). Sua identificação e explicação se dá em um nível mais alto hierarquicamente – Nível Interpessoal, como uma porção textual mais ampla discursivamente – o Movimento,

constituído por um Ato Discursivo – *como* disse, que é articulado com o que foi dito previamente. Vejamos abaixo esse Ato Discursivo inserido na camada do Movimento, na qual podemos analisar seu funcionamento como construção morfossintaticamente independente, com apoio do excerto mais amplo do inquérito:

(31) -> os fluxos, os fluxos migratórios que sempre houve em todo o mundo provocados por desgraças, por guerras, fomes, secas, etc., por cataclismos naturais ou artificiais, dependendo da quantidade de pessoas que se mo[...], que se m[...], m[...], mobilizam de um lado para o outro, claro que traz sempre grandes desvantagens, sempre grandes desequilíbrios ambientais. nós sabemos que o ser humano como qualquer outro animal, desde que ultrapasse... a u[...], a u[...], a capacidade de utilização da natureza, essa natureza tem que ficar prejudicada, tem que ficar de[...], depletada, tem, tem que desaparecer, árvores, plantas, frutas, ah, exi[...], depo[...], co[...], surgem os problemas de erosão pelo excesso de passagem de pessoas, de movimentação, basta apenas os pés a baterem no chão para poderem de[...], desagregar terrenos, para poderem, depois, com a ação das chuvas, essas... pequenas, esses caminhos, não é, serem... utilizados, serem, através das chuvas, do movimento das águas que corre, não é, sobre essa superfície lisa, arrastarem terras, e começam a surgir as, as, as ravinas, pequenas ravinas primeiro, depois maiores ravinas se não houver um trabalho contrário. [...]

– eh, doutor João Serôdio, no nosso caso de Angola, com as movimentações constantes de grupos de pessoas, eh, provocadas por situações de guerra, essa questão não se põe também?

-> problemas ecológicos, *como disse*, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola. a transferência de populares, camponeses, por exemplo, do planalto central para as regiões de Luanda, regiões de Benguela e Lobito, o Namibe inclusivamente, em que eles vêm com hábitos culturais do Lubango, do Huambo [...] (Ang97: Guerra e ambiente)

Podemos ver que a construção *como disse*, identificada na camada do Movimento, possui uma estrutura morfossintaticamente independente, motivada por uma Função particular exercida pelo *como* enquanto marcador de Função – Resgate, encontrada a nível discursivo, conforme analisado mais a fundo no próximo parâmetro. A GDF identifica no Movimento, em termos de seu estatuto interpessoal, uma contribuição autônoma para uma interação em curso, que pode abarcar um ou mais Atos Discursivos (STASSI-SÉ, 2012).

No decorrer do diálogo entre documentador e o entrevistado (nesse exemplo temos *Exchanges*, denominados por Kroon (1997) quando os Movimentos ocorrem entre dois Falantes diferentes em turnos de um diálogo), o entrevistado realiza esse Movimento, reforçando o que já foi dito anteriormente, reintroduzindo novamente o conjunto de ideias sobre os problemas ecológicos ocorridos em Angola (guerras, fome, seca, cataclismos desequilíbrios ambientais entre outros),

tópico dado previamente no diálogo entre os Falantes, funcionando como um alerta de retomada, por isso a denominação de marcador de Função Resgate para o item *como*.

Esse Movimento, além de chamar a atenção do Ouvinte por essa pausa, funciona como um reforço para o Movimento seguinte (já dei um bocado de exemplo), que também reforça a intenção do Falante em focar nos problemas ecológicos de Angola, já introduzidos anteriormente e também introduzidos novamente com a sequência discursiva após a construção *como disse* sobre os problemas ecológicos (transferência de populares, camponeses, etc.).

Uma evidência do caráter de unidade de comunicação completa dessas construções é a presença de marcadores discursivos antes e depois do Movimento, conforme apontado em Stassi-Sé (2012), com o item *então* em (32), no início da ocorrência, repetido depois do Movimento *como eu estava falando*, ocorrendo, na sequência, a retomada do discurso:

(32) -> *então, como eu estava falando, então*, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. (Bra80: Mundo Direito)

Com isso, a identificação dessas construções acontece na camada do Movimento, conforme o Nível Interpessoal, trazendo contribuições autônomas para o discurso, de acordo com as intenções comunicativas do Falante.

Já para as construções com Ilocução interrogativa, vimos em Fontes (2012) a caracterização das interrogativas de conteúdo com foco nas perguntas meditativas, identificadas na camada de Subato de referência, e identificamos essa configuração para as 12 construções interrogativas de conteúdo, conforme quadro 11 (interrogativas – modais).

Para esse conjunto de construções, notamos sua configuração como um Subato de referência, marcado pela não-identificabilidade e não-especificidade da informação da pergunta como fenômeno pragmático que configura as perguntas meditativas, ou seja, esse tipo de interrogativa de conteúdo ocorre quando a informação interrogativa está ausente para o Falante e o Ouvinte, tratando-se no caso de uma tentativa do Falante em expor dúvidas, inquietações, reflexões, tendo o Ouvinte como testemunha desse processo. Tomemos o exemplo (33):

(33) *Como posso dizer?* (verbo de ação – poder)

– diga-me uma coisa: mas, por exemplo, no que toca às mornas, eh, isso exige uma aprendizagem, não é, não é de um dia para o outro que a pessoa diz "vou escrever uma

morna" não há assim rapa[...], jovens à sua volta que tentem captar o espírito?

- tem regras, não é,

- tem as suas regras?

-> sim, mas, eh, nem, nem, nem, eh, isto é, isto é mais, quer dizer, *como posso dizer?* eh, eh, eh, isto é mais autodidático. (CV95: As mornas)

Verificamos que na Ilocução interrogativa de conteúdo *como posso dizer?* o Falante realiza essa breve pausa para reflexão com o Ouvinte, na qual o Falante divaga por um instante, sinalizando uma tentativa de buscar palavras para explicar as regras locais para a escrita de uma morna (gênero musical e de dança tradicional de Cabo Verde). Percebemos que o Falante, naquele momento em que é questionado, não sabe, com exatidão, como explicar as regras levantadas pelo Ouvinte, que para o Falante, nem ao mesmo sejam tratadas como regras e sim, algo mais autodidático, como reforça as pausas repetitivas ao longo de sua fala (*nem, nem, nem, isto é, isto é e eh, eh, eh,*).

Ao final do excerto da ocorrência, comprovamos que a pergunta meditativa não requer ou espera resposta do Ouvinte, tampouco do próprio Falante. É apenas uma pausa para reflexão do Falante, tendo o Ouvinte como testemunha.

Na sequência, entramos no terceiro parâmetro da pesquisa, ainda no Nível Interpessoal, referente ao estatuto do *como* para esse nível e suas Funções interativas.

4.3: Estatuto do *como* no Nível Interpessoal

Neste segundo parâmetro, baseado na GDF, trouxemos a análise do estatuto do *como* e suas Funções interativas enquanto marcador de Função nas construções declarativas e marcador de pergunta meditativa nas interrogativas de conteúdo, identificadas no Nível Interpessoal, reforçando o parâmetro anterior, em relação à construção.

Com base nos estudos de Hengeveld e Mackenzie (2008), Stassi-Sé (2012) e Cristofaro (2003), identificamos nas 30 ocorrências encabeçadas pelo *como*, a função discursiva de monitoramento da interação (criar condições de interação que precisam ser preenchidas para a implementação do discurso, com foco nos participantes – Falante e Ouvinte). Outro ponto importante a ser analisado nas ocorrências são as diferentes relações a nível discursivo que as construções apresentam, através das Funções interacionais de Resgate (17 ocorrências) e Partilha (1 ocorrência) nas construções declarativas e a função de pergunta meditativa para as interrogativas de conteúdo. Iniciamos pela Função Resgate.

Para Stassi-Sé (2012, p. 14), a definição da Função Resgate é de orientar o monitoramento da interação, já que o Falante busca resgatar na memória do Ouvinte, determinadas informações dadas. Para a autora, o *como* atua como marcador de Função Resgate, sendo codificado como Palavra Gramatical no Nível Morfosintático, pois corresponde a uma Função no Nível Interpessoal.

Vimos anteriormente, nos exemplos (30) e (31) da seção anterior, a ocorrência com verbo *dicendi* “*como disse*” no inquérito de Angola (Ang97: Guerra e ambiente) e classificamos o *como* funcionando como marcador de Função Resgate, assim como notamos a mesma Função em outras 09 construções em verbos *dicendi*, 04 em verbos de conhecimento, 2 em verbos de ligação e 1 em outro verbo de ação (*como sempre gostei*).

Para analisarmos as 17 ocorrências de Resgate, trouxemos a análise de 1 ocorrência com verbo *dicendi*, 1 ocorrência com verbo de conhecimento, 1 ocorrência de verbo de ligação e 1 ocorrência de frases simples para o verbo de ação (*como sempre gostei*). Novamente, vemos que os diferentes tipos de construção verbal não interferem na ocorrência da Função Resgate. A ocorrência em (34) apresenta verbo *dicendi* (*como se diz*):

(34) *Como se diz* (verbo *dicendi*)

– portanto, estava-me a dizer, eh, estávamos a falar sobre a origem da palavra “morna”.

-> sim. eh, dizem que a palavra “morna” nasceu de, do vocábulo “mourni[...]”, “mourning”, eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], *como se diz*, na, quando, eh, aconteceu que morreu alguma pessoa

– sim

-> etc., então o inglês d[...], o inglês diz “they are mourning”

– hum, hum.

-> estão no sentimento do morto, etc. (CV95: As mornas)

Vemos que o Falante resgata na memória o modo popular/local de como explicar a origem da palavra “morna”, comparando uma situação com o processo de explicação da palavra: “dizem que a palavra “morna” nasceu de, do vocábulo “mourni[...]”, “mourning”, eh, quer dizer que as pessoas que, que cantavam não cantavam, quer dizer, eh, sabe que às vezes quando no[...], eh, [...], *como se diz*, na, quando, eh, aconteceu que morreu alguma pessoa”.

Esse monitoramento do discurso reforça o que o Falante disse no início da explicação: “dizem que”, mostrando novamente que a origem do vocábulo é uma espécie de tradição local,

comprovando o acesso ao conhecimento de mundo do interlocutor com a Ilocução declarativa *como se diz*.

Vejam os abaixo a ocorrência (35) *como sabemos*, encontrada na variedade de Guiné-Bissau, que será modelo para as outras 03 ocorrências com verbos de conhecimento (*como sabe* – duas ocorrências, e *como o senhor sabe*) na marcação de Função Resgate, ambas com Ilocuções declarativas.

(35) *Como sabemos* (verbo de conhecimento)

-> e as mulheres assumem diversos papéis nas so[...], nas sociedades africanas e na nossa, aqui na Guiné, deve ser ela, portanto, cria os filhos, educa os filhos, vai cuidar da alimentação dos filhos e, em geral, o mais, o mais, ah, digamos chocante, é que ela também, ah, b[...], tem que garantir a subsistência dos restantes membros da família.

– hum.

-> inclusivamente famílias alargadas em que temos, eh, portanto, desde sobrinhos, sogros, ele, dessa mulher, enfim, cunhados e familiares que, **como sabemos**, eh, as famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher. (GB95: Mulher africana)

Observamos que o Falante abre essa pausa com o intuito de resgatar uma informação tratada como trivial e de conhecimento partilhado entre ambos, para dar sequência, contando que o Ouvinte realmente partilhe dessa informação trivial a respeito da formação das famílias africanas (“famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher”) para dar continuidade ao seu discurso, após essa abertura de evocação de conhecimento partilhado por meio de uma Ilocução declarativa.

Em (36), podemos observar a ocorrência *como eu estava falando*, representando as duas ocorrências de verbos de ligação para essa marcação de Função exercida pelo *como*:

(36) *Como eu estava falando* (verbo de ligação)

-> então, **como eu estava falando**, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. (Bra80: Mundo Direito)

No excerto acima, vemos que o Falante resgata o tópico que estava sendo tratado anteriormente, através da Ilocução declarativa *como eu estava falando*, sobre o direito da mulher no direito romano, recuperando as informações tratadas anteriormente para dar sequência no discurso.

Na outra ocorrência restante com o *como* atuando como marcador de Função Resgate, temos a construção em sintagma verbal para o verbo de ação *gostar* em (37) *como sempre gostei*, encontrada na variedade de Moçambique.

(37) *Como sempre gostei* (verbo de ação – gostar)

-> mas eu penso que consigo ultrapassar esta situação porque, eh, como professor, muitas vezes nós, eh, somos obrigado a falar, falar, e... falamos muito. mas, em certos casos tem-se verificado, muito, essa situação, portanto, timidez. eu sou tímido por natureza

– hum, hum.

-> eh, eh, durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, *como sempre gostei*, eh, de ver cair a chuva.

– hum, hum.

-> é muito engraçado. (Moç86: Chuva)

Notamos que o Falante utiliza uma Ilocução declarativa para chamar a atenção do Ouvinte, ao mostrar esse Resgate de sua memória (“durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, *como sempre gostei*, eh, de ver cair a chuva”) sobre gostar de admirar a chuva, dando continuidade ao seu discurso sobre sua timidez na infância. O *como* exerce essa marcação de Função de Resgate, abrindo esse resgate do Falante em sua memória, ou seja, seu modo de ver e as sensações causadas pela chuva.

Após a análise do *como* enquanto marcador de Função Resgate, presentes em diferentes tipos de construção verbal, conforme vimos nos exemplos de (34) a (37), vimos que uma ocorrência parecia não se adequar a essa Função, por isso identificamos uma nova Função, Partilha, encontrada nessa última ocorrência. Notamos que as Funções de Resgate, Adendo, Salvaguarda e Transição, vistas em Stassi-Sé (2012) e a Função de Finalidade vista em Fontes (2016) não explicam a Função interacional nesse caso – *Como se quiser* (ocorrência 08 do quadro 10).

Após analisar essas ocorrências, apoiando-nos no contexto de fala, sob a ótica funcional, chegamos a conclusão que uma nova Função interacional seria necessária para explicar esse caso, uma função discursiva de monitoramento da interação, que também tem foco nos participantes do

discurso (Falante e Ouvinte), mas que atua no compartilhamento de ideias, pensamentos ou princípios entre os participantes, que abrem essa partilha com o intuito de alinhar essas informações para a continuidade do discurso. Em (38) temos uma Ilocução declarativa encontrada na variedade de Portugal:

(38) *Como se quiser* (verbo de ação – querer)

-> mexe-se... e deita-se dentro numa forma que est[...], que foi molhada com água fria, e vai para o frigorífico. ah, esqueci-me de dizer que se mistura também bocadinhos de ananás partidos muito miudinho, mas não todo, não todo o... da lata. depois no dia seguinte desenforma-se. enfeita-se com o resto do ananás, *como se quiser*, com as rodelas partidas em meia-lua, é como eu faço, ou em bocadinhos, *como se quiser*, e com a, o chantilly. (PT70: Bavaoise)

Podemos notar que o Falante busca monitorar a interação, partilhando sua experiência com a elaboração de receitas com seu Ouvinte. Assim, o Falante direciona o seu discurso abrindo essas duas Ilocuções declarativas para partilhar, no caso, a ideia da adição opcional de um ingrediente na receita de bavaoise. Essa pausa para adicionar *como se quiser*, ou seja, de modo opcional, “as rodelas partidas em meia-lua, é como eu faço, ou em bocadinhos, *como se quiser*, e com a, o chantilly” demonstra a necessidade do Falante em partilhar essa informação específica (e opcional) antes de prosseguir com os próximos passos (obrigatórios) da receita.

Concluimos que nessa ocorrência, o *como se* enquadra como marcador de Função Partilha, na qual vimos que o Falante partilha ideias e em prol de alcançar sua intenção comunicativa, em Ilocução declarativa.

Já nas interrogativas de conteúdo, notamos que o item *como* funciona como um marcador de pergunta meditativa, tendo a construção como um Subato de referência, conforme vimos em Fontes (2012), no parâmetro de análise anterior. Nas 12 ocorrências de interrogativas de conteúdo, identificamos o funcionamento do *como* articulando e iniciando as perguntas meditativas que o Falante insere no discurso para monitorar a interação com o Ouvinte, na tentativa de expor dúvidas, inquietações, reflexões, tendo o Ouvinte como testemunha desse processo.

Em (39) na construção *como posso dizer?* notamos que o Falante utiliza uma Ilocução interrogativa de conteúdo, como forma de ganhar tempo, expondo essa dúvida ao Ouvinte, buscando o modo adequado de discorrer sobre a pergunta do documentador, a respeito da escrita e produção de uma morna (melodia local):

(39) *Como posso dizer?* (verbo de ação – poder)

– diga-me uma coisa: mas, por exemplo, no que toca às mornas, eh, isso exige uma aprendizagem, não é, não é de um dia para o outro que a pessoa diz "vou escrever uma morna" não há assim rapa[...], jovens à sua volta que tentem captar o espírito?

- tem regras, não é,

- tem as suas regras?

-> sim, mas, eh, nem, nem, nem, eh, isto é, isto é mais, quer dizer, *como posso dizer?* eh, eh, eh, isto é mais autodidático. (CV95: As mornas)

Em (40), vemos na interação relacionada a temática sobre investimento em jogos, pagamentos de taxas e impostos, o entrevistado procura demonstrar sua insatisfação e revolta com as altas taxas de impostos, o que chama de “roubo” por diversas vezes. A construção *como é que fica?* se comporta como um momento de reflexão pessoal do Falante, direcionada ao Ouvinte, sem buscar uma resposta ou sem ter uma resposta, sendo uma pergunta meditativa utilizada para exteriorizar sua indignação sobre o tema abordado:

(40) *Como é que fica?* (verbo de ação – ficar)

-> você já está sendo roubado de entrada, tem um jogo que te desconta setenta por cento, já é um roubo. você bota cem cruzeiro, só vale trinta, já é um roubo. é um roubo mesmo. agora, então, você desconta, ganha ou não ganha, desconta, você acerta no segundo semestre. como é que você vai investir seu dinheiro para você pagar, vamos dizer, você ganhou quatrocentos milhões de cruzeiro. no segundo semestre, como é que você vai investir seu dinheiro para pagar logo o imposto de renda logo a seguir, não é, *como é que fica?* por exemplo, no meu caso. como é que eu vou pagar tudo isso, esse imposto todinho? se eu botar o dinheiro lá encostado, eu vou perder dinheiro. sou solteiro, com esse dinheiro todo, ele vão descontar logo na maior, não é, quarenta e dois por cento, não é, se eu não me engano. um negócio desses não me interessa, que ele nunca vão me descontar.

– hum.

-> e se eu investir eles também vão descontar. quer dizer que então, eu perco dinheiro toda vida. quer dizer que eu desconto na primeira vez que já vem descontado e vou descontar de novo!

– mas corrida de cavalo, então, não tem isso?

-> corridas de cavalo, não. corridas de cavalo não tem erro não.

– não? isso eu não conheço. (Bra80: Jogo bicho)

Notamos que a construção interrogativa, codificada como uma Expressão Linguística no Nível Morfossintático, representando um conjunto de unidades morfossintáticas) em destaque funciona como um Subato de Referência, aplicado nas interrogativas de conteúdo, na qual vimos

anteriormente a não-identificabilidade e não-especificidade na informação pragmática da pergunta, sendo uma pergunta meditativa, além de se configurar como uma pausa para a instauração de convivência com o Interlocutor (a expressão vem em complementação com *não é*, exemplo de Marcador Discursivo para instaurar convivência, segundo Jubran (2006)).

Podemos ver que todas as variedades de língua portuguesa foram contempladas nesse trabalho e as construções declarativas comportaram-se como Atos Discursivos, identificados em Movimentos, comportando-se como construções subordinadas discursivas, e as interrogativas de conteúdo como Subatos de referência, marcadas pela configuração pragmática de não-identificabilidade e não-especificidade da informação da pergunta para ambos os participantes, resultando em perguntas meditativas conforme Fontes (2012).

Os dados mostram que as Funções interacionais (Partilha e Resgate) marcadas pelo *como*, enfocam os participantes do discurso, com nuances diferentes: uma resgatando informações para a construção de um referente no discurso e a outra ativando no Ouvinte um conhecimento de mundo compartilhado para a melhor compreensão do que o Falante quer dizer. No caso das interrogativas de conteúdo, vemos que o *como* funciona na construção (Subato de referência) como um marcador de pergunta meditativa, utilizada pelo Falante como um breve desvio, uma pausa para expor dúvidas, inquietações em perguntas marcadas pela não-identificabilidade e não-especificidade na informação pragmática, ambas as construções (declarativas e interrogativas) atuando no monitoramento da interação verbal com foco nos participantes.

Concluimos a análise no Nível Interpessoal seguindo a proposta de Pezatti e Stassi-Sé (2017), que “essas construções se referem a um tipo de fenômeno que emerge no nível da organização do discurso, entre porções textuais e não entre orações” (PEZATTI; STASSI-SÉ, 2017, p. 12), ficando clara a direção descendente (da intenção para a codificação) proposta nos estudos da GDF.

Finalizamos esta etapa com o quadro (12), que mostra a classificação da função discursiva e das Funções interacionais do *como* nessas ocorrências, contemplando também a comprovação dos resultados presentes nas sete variedades da língua portuguesa.

Ocorrência	Variedade	Função interacional	Função discursiva	Foco
<i>1-Como você diz</i>	Brasil	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>2-Como é que fica?</i>	Brasil	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor

<i>3-Como é que eu vou dizer?</i>	Brasil	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Locutor
<i>4-Como eu estava falando</i>	Brasil	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>5-Como é que se diz?</i>	Brasil	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>6-Como fala o ditado</i>	Brasil	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>7-Como eu estava dizendo</i>	Brasil	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>8-Como se quiser</i>	Portugal	Partilha	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>9-Como eles chamam</i>	Portugal	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>10-Como se diz então</i>	Portugal	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>11-Como digo</i>	Portugal	Resgate	Monitoramento da interação	Locutor
<i>12-Como disse</i>	Angola	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>13-Como é que podemos fazer?</i>	Angola	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>14-Como sabe</i>	Angola	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>15-Como digo</i>	Angola	Resgate	Monitoramento da interação	Locutor
<i>16-Como muitas vezes se diz</i>	Angola	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>17-Como dizer</i>	São Tomé e Príncipe	Resgate	Monitoramento da interação	Locutor
<i>18-Como dizer?</i>	São Tomé e Príncipe	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>19-Como é que chegou a este ponto?</i>	São Tomé e Príncipe	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
<i>20-Como é que se chama?</i>	São Tomé e	Pergunta	Monitoramento da	Interlocutor

	Príncipe	meditativa	interação	
21-Como sempre gostei	Moçambique	Resgate	Monitoramento da interação	Locutor
22-Como é que se diz?	Guiné-Bissau	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
23-Como é que posso dizer?	Guiné-Bissau	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Locutor
24-Como é que eu posso dizer?	Guiné-Bissau	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
25-Como sabemos	Guiné-Bissau	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
26-Como posso dizer?	Cabo Verde	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Interlocutor
27-Como se diz	Cabo Verde	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
28-Como o senhor sabe	Cabo Verde	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
29-Como é que posso dizer?	Cabo Verde	Pergunta meditativa	Monitoramento da interação	Locutor
30-Como sabe	Cabo Verde	Resgate	Monitoramento da interação	Interlocutor
Total (30)	07 variedades	03 funções	01 função	02 focos

Quadro 12. Funções interacionais pelo olhar da GDF

Os dados acima mostram o alcance dessa classificação nas sete variedades da língua portuguesa, na qual notamos a maioria das ocorrências (17) para a Função Resgate (encontrada em sete variedades analisadas de língua portuguesa), principalmente para as construções em verbo *dicendi* (10 ocorrências), verbos de ligação (2 ocorrências) e de conhecimento (04 ocorrências), além de outra ocorrência em construção de sintagma verbal no verbo de ação *gostar*.

Vejamos abaixo o quadro final da caracterização funcional do *como* e da construção, de acordo com o Nível Interpessoal:

CONSTRUÇÃO DA OCORRÊNCIA	NÍVEL INTERPESSOAL		
	CONSTRUÇÃO	COMO	ILOCUÇÃO
<i>Como você diz</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como é que fica?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como é que eu vou dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como eu estava falando</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como é que se diz?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como fala o ditado</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como eu estava dizendo</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como se quiser</i>	Movimento	Função Partilha	Declarativa
<i>Como eles chamam</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como se diz então</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como digo</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como disse</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como é que podemos fazer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como sabe</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como digo</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como muitas vezes se diz</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como dizer</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como é que chegou a este ponto?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como é que se chama?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como sempre gostei</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como é que se diz?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como é que posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como é que eu posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como sabemos</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo

<i>Como se diz</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como o senhor sabe</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa
<i>Como é que posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo
<i>Como sabe</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa

Quadro 13. Classificação das ocorrências em níveis e camadas no NI

Observamos que o tipo de construção verbal não influenciou diretamente o tipo de Função que o *como* expressa enquanto marcador de Função Resgate, Partilha ou como pergunta meditativa. Verificamos que as Ilocuções interrogativas de conteúdo foram identificadas na camada do Subato de referência, marcadas pela não-identificabilidade e não-especificidade da informação pragmática da pergunta, correspondendo a uma pergunta retórica, funcionando como uma breve desvio para reflexão do Falante, sem esperar resposta da testemunha Ouvinte, e nem resposta de si próprio, como podemos ver em (40) o Falante utilizar a construção *como é que se diz?* para refletir em um momento de devaneio, de exteriorização do pensamento expresso em uma pergunta (facilidades dos jovens no momento da fala em terem mais acesso a informação e como isso auxilia essa geração a crescer) que não é identificável a si próprio e nem ao Ouvinte:

(40) -> bom, eu creio que os jovens agora... têm mais... acesso à informação e têm mais acesso a poderem, ah, que, ah – **como é que se diz?** - ah, se cultivarem... a eles próprios sobre... tal, eu penso que a nossa geração já tem, já, já vai crescer... (GB95:Democracia)

Finalizamos a análise no Nível Interpessoal, alinhando os resultados aqui encontrados ao processo de codificação, visto no Nível Morfossintático, próximo parâmetro de análise.

4.4: Camada da construção no Nível Morfossintático

Após finalizarmos a compreensão da esfera de formulação, analisamos as ocorrências sob seu aspecto na esfera de codificação da GDF. No Nível Morfossintático, notamos que as 30 ocorrências são codificadas como Expressões Linguísticas – conjunto de unidades morfossintáticas, funcionando como uma mediação entre a intenção do Falante e a interpretação do Ouvinte (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Assim, trouxemos abaixo o exemplo (41), que representa o

conjunto das 30 ocorrências codificadas como Expressão Linguística no Nível Morfossintático, pelo mesmo princípio de funcionamento entre os níveis Interpessoal e Morfossintático.

Em (41), podemos observar que a Expressão Linguística *como eu estava falando* representa um conjunto de quatro unidades morfossintáticas, formada pela combinação das unidades presentes na **Oração**, possuindo um núcleo lexical (nesse caso, verbal):

(41) -> então, *como eu estava falando*, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. (Bra80: Mundo Direito)

Notamos que essa Expressão Linguística funciona como uma mediação entre a intenção do Falante e a interpretação do Interlocutor (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), motivada funcionalmente por princípios ordenadores de iconicidade, integridade de domínio e preservação das relações de escopo resultante do Nível Interpessoal, como vimos anteriormente, no caso da ocorrência acima, relacionada ao Movimento e a Função Resgate exercida pelo *como*, ou seja, o processo de codificação desse marcador de Função, vista no NI, se dá por meio de uma Palavra Gramatical, inserida em uma Expressão Linguística, motivada por fatores pragmáticos específicos que modelam a ordenação dos constituintes da Expressão Linguística, nesse caso, o item *como* abrindo o Movimento e funcionando como marcador de Função Resgate em relação ao conteúdo anterior do discurso.

Em relação aos fatores sintáticos da Expressão Linguística, notamos na análise no Nível Interpessoal que os fatores pragmáticos influenciaram o comportamento da construção, que passa a operar como Movimento (declarativas) ou Subato de referência (interrogativas de conteúdo), ambas atuando como uma contribuição autônoma na interação verbal. Essa independência a nível morfossintático, conforme Stassi-Sé (2012), pode ser vista no Nível Morfossintático através da codificação da Expressão Linguística, como uma construção morfossintaticamente independente com força ilocucionária própria, motivadas por fatores pragmáticos discursivos, o que marca sua dependência discursiva. Segundo Lehmann (1988), existe o processo denominado sentencialização e dessentencialização. Vejamos na figura abaixo o modelo desse processo:

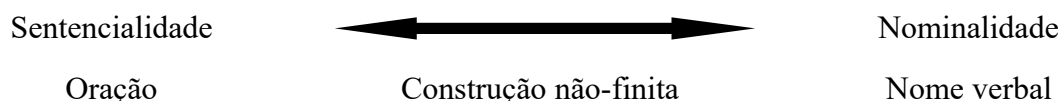


Figura 6. Dessentencialização (LEHMANN, 1988, p. 189)

Nesse processo, temos no polo esquerdo o lugar das orações adverbiais independentes (são construções sentencializadas com semelhanças às orações completas). No lado direito, em contrapartida, temos o lugar das construções subordinadas que não possuem força ilocucionária própria, além da perda de traços gramaticais e propriedades de uma oração. Vejamos abaixo essa correlação entre as escalas de dessentencialização progressiva e a de ausência progressiva de traços gramaticais:

(i) restrições/perda de elementos ilocucionários > restrições/perda de elementos modais > restrições/perda de tempo e aspecto > dispensabilidade de complementos > perda de conjugação de pessoa/conversão do sujeito a oblíquo > ausência de polaridade > conversão de regência verbal em regência nominal > dispensabilidade de sujeito/restrições nos complementos.

(ii) combinação com adposições/afixo de caso.

Dessa forma, ao passo que no processo de “de categorização” gradual, perdem-se as propriedades de uma oração, isto é, perdem-se os componentes da oração que permitem fazer referência a um Estado-de-coisas e adquirem-se propriedades não-finitas (LEHMANN, 1988), no processo de “sentencialização”, as propriedades da oração são reestabelecidas até que se chega à oração independente. (LEHMANN, 1988 apud STASSI-SÉ, 2012, p. 114)

As construções estudadas aqui entram nesse processo de sentencialização, pois ganham sua própria força ilocucionária, engatilhadas por fatores pragmáticos discursivos. Nesse processo de dependência discursiva, em relação ao que é defendido na gramática tradicional sobre a dependência sintática e semântica das subordinadas adverbiais, tais ocorrências são vistas como Atos Discursivos (auxiliam na interação verbal) que compõem um Movimento, motivados por Funções interacionais, trazendo contribuições autônomas ao discurso, ou seja, essa dependência se dá (e é formulada) através do Nível Interpessoal e codificada como Expressão Linguística no Nível Morfossintático. O mesmo ocorre com as construções interrogativas, identificadas na camada do Subato de referência, que também traz uma contribuição autônoma ao discurso (no caso, a pergunta meditativa), funcionando em dependência discursiva com os demais elementos do discurso, tendo como motivação pragmática, a intenção do Falante em expor dúvidas, inquietações, reflexões, tendo o Ouvinte como testemunha desse processo.

Essas Funções de relação dependente a nível discursivo, conforme analisamos no Nível Interpessoal, trazem as intenções do Falante para marcar determinados tipos de informações específicas, como por exemplo, em (42) na Expressão Linguística *como sabe*, notamos a informação específica do Falante em resgatar na memória do Interlocutor, como era a constituição de um curso de Filosofia na época citada, encaixada como uma estrutura independente, reforçando o caráter de breve desvio da construção:

(42) [...] Antropologia nunca houve, Sociologia nunca houve, eh, Filosofia, se não contarmos com a opção seminário, portanto, que tem, *como sabe*, Filosofia e Teologia na sua formação, eh, nunca houve. quer dizer que não só foi uma universidade tardia, como limitada, e com muitas reservas desde, desde o início, e que [...], e que nunca chegou a tomar desenvolvimento pleno antes da independência, não é [...] (Ang97: Ensino Angola)

Através do plano discursivo, notamos que as Funções interacionais (Partilha e Resgate) exercidas nas construções declarativas e perguntas meditativas nas interrogativas de conteúdo, ambas marcadas pelo *como*, desempenharam foco e maior proximidade nos participantes, conforme podemos ver na escala de subordinação discursiva abaixo, de Stassi-Sé (2012, p. 173), na qual incluímos neste trabalho a Função de Partilha e também pergunta meditativa de Fontes (2012), incluída aqui, embora identificada em outra camada do Nível Interpessoal, mas também compreendida como construção em subordinação discursiva com foco nos participantes e no monitoramento da interação, conforme atestamos acima:


Escala de Subordinação Discursiva							
(+) Organização discursiva							(+) Monitoramento da interação
	Funções Interativas						
(+) Foco no conteúdo	Transição	Adendo	Resgate	Salvaguarda	Partilha	Pergunta meditativa	(+) Foco nos participantes

Figura 7. Escala de subordinação discursiva com as funções Partilha e pergunta meditativa

No próximo parâmetro, também baseado no NM, temos a análise do *como* e suas implicações enquanto Palavra Gramatical.

4.5: Estatuto do *como* no Nível Morfossintático

Para este nível, investigamos o funcionamento do *como* enquanto Palavra Gramatical, pois, conforme exemplos anteriores, corresponde a um marcador de Função do Nível Interpessoal – Partilha e Resgate e também marcador de pergunta meditativa em interrogativas de conteúdo, identificadas na camada do Subato de referência. Nesse critério reforçamos também a necessidade de aplicar os recursos da GDF para a compreensão pragmática das intenções do Falante ao modelar seu discurso com Ilocuções, necessidade que notamos na análise formal do *como*, na qual vimos a insuficiência de responder a problemática do funcionamento dessas estruturas, levando em conta apenas seu processo de codificação no Nível Morfossintático. O domínio discursivo que determina esses tipos de construções é hierarquicamente superior, em termos funcionais, aos outros domínios mais baixos: níveis Representacional, Morfossintático e Fonológico.

Nesse sentido, defendemos que o *como*, nessas construções, passou por um processo de gramaticalização, ou seja, a atribuição de caráter gramatical a um elemento de natureza lexical. Embora não tenhamos um grande número de ocorrências para esse tipo de construção encabeçada por *como*, trabalhamos com esse conjunto de 30 ocorrências para investigar o funcionamento do *como* enquanto Palavra Gramatical. A análise dessas construções através de suas funções pragmáticas exercidas em conjunto com o que vem antes e depois, nos levou à compreensão do *como* – Palavra Gramatical – representando o item fixo nessas construções: fixo por estar presentes nas 30 ocorrências e na mesma posição – encabeçando as Expressões Linguísticas e correspondendo a um marcador de Função no Nível Interpessoal.

Para a GDF, as Palavras Gramaticais “correspondem a um Operador ou a uma Função no Nível Representacional ou Interpessoal, ou mesmo podem ser introduzidas por elementos vazios (*dummies*) ou suporte (*support*)” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 *apud* STASSI-SÉ, 2012, p. 58). Na etapa anterior, vimos essas Palavras corresponderem a uma Função e serem introduzidas como suporte para o Falante abrir uma determinada Ilocução durante a comunicação para introduzir informações específicas.

Analisamos, assim, essas construções como Expressões Linguísticas no Nível Morfossintático, e no Nível Interpessoal como um Ato Discursivo que compõe um Movimento, trazendo contribuições autônomas para o discurso (no caso, as informações específicas

representando breves desvios tópicos) e o *como* sendo Função (Partilha e Resgate), abrindo essas interrupções e articulando Movimentos e também como Subatos de referência para as interrogativas de conteúdo, funcionando como perguntas meditativas. Analisemos o funcionamento do *como* enquanto Palavra Gramatical na ocorrência abaixo:

(43) *Como sempre gostei*

-> mas eu penso que consigo ultrapassar esta situação porque, eh, como professor, muitas vezes nós, eh, somos obrigado a falar, falar, e... falamos muito. mas, em certos casos tem-se verificado, muito, essa situação, portanto, timidez. eu sou tímido por natureza

– hum, hum.

-> eh, eh, durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, **como sempre gostei**, eh, de ver cair a chuva.

– hum, hum.

-> é muito engraçado. (Moç86: Chuva)

Em (43) vemos que a construção não possui dependência sintática ou semântica com os enunciados anterior e posterior, sendo uma estrutura independente morfossintaticamente e dependente a nível discursivo, trazendo uma contribuição autônoma para o discurso, podendo ser identificada com uma pausa mais longa em suas fronteiras, oferecendo uma espécie de “recorte no discurso”, para que o Falante possa trazer essa informação específica sobre a sensação que a chuva (tópico discursivo) lhe causa.

A atuação do *como* se justifica por expressar essa marcação de Função, não identificada simplesmente como elemento de conformidade (conforme sempre gostei), modo (a maneira que sempre gostei), causa (porque sempre gostei) ou comparação (igual sempre gostei). A nível interacional, identificamos anteriormente a marcação de Função Resgate (motivação pragmática identificada em NI) que o Falante faz nessa ocorrência – resgatando em sua memória uma informação específica sobre a lembrança da chuva, no caso, o ato de gostar de ver a chuva.

De acordo com os estudos de Longhin-Thomazi (2015) sobre a gramaticalização das conjunções, com base em Traugott (1991) e outros autores, a autora investigou a gramaticalização da conjunção *logo*, concluindo que a gramaticalização de conjunções passa por um processo de pragmatização do seu significado por razões subjetivas voltadas ao Falante, conforme vimos no segundo capítulo.

Verificamos nas ocorrências de Função Resgate e Partilha e de pergunta meditativa, que o item *como* também passa por um processo de pragmatização do significado (sem nos preocuparmos

aqui com uma análise diacrônica da conjunção), que envolve “estratégias de caráter inferencial, que levam ao aumento de informação pragmática” (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 6), relacionados neste estudo com a esfera da formulação no Nível Interpessoal, na qual podemos ver a atuação do *como* enquanto marcador de Função interacional, resgatando ou partilhando informações específicas em construções declarativas e como marcador de pergunta meditativa em interrogativas de conteúdo, ambas motivadas pelas intenções pragmáticas do Falante.

Vejamos abaixo em (44) a construção *como você diz*, na qual o *como* atua como um relator, com valor semântico de conjunção esvaziado, a nível discursivo, operando como marcador de Função Resgate (resgatando na memória do Interlocutor o modo de se dizer expressões locais em comparação às expressões da região do Falante):

- (44) - no Pará não diz aqui nós dizemos "na esquina... da Álvares de Miranda", não é, "com a avenida suburbana", "você vai lá, fulano, no sobrado, está," no Pará diz "no canto da rua tal", "nos alto", que é o sobrado, não é, por exemplo, "vou fazer, vou," aqui, *como você diz*, "vou fazer um terno" (Bra80: Bichinho)

Notamos, que o *como*, enquanto Palavra Gramatical e em conjunto com os demais elementos da construção, passou por esse processo de pragmatização do seu significado de item lexical – conjunção ou advérbio (agora com Função interacional, identificada no Nível Interpessoal), representando estratégias interpessoais, que contribuem para o aumento de sua informação pragmática, como em (44), em que a marcação de Função Resgate se aplica quando o Interlocutor aciona uma informação dada específica, caracterizada formalmente como um breve desvio na interação verbal, assim como ocorre em (43) *como sempre gostei*, em que o Interlocutor resgata na memória do Locutor uma informação específica relacionada a sua apreciação pela chuva.

O mesmo processo de pragmatização do significado do *como* ocorre nas perguntas meditativas, conforme (45), na qual o item *como* representa um marcador de pergunta meditativa, aumentando a sua informação pragmática para além de uma pergunta que espera por uma resposta tanto do Ouvinte como do Falante, sendo uma pergunta regida pela não-identificabilidade e não-especificidade de uma resposta, esvaziando assim o valor semântico do *como*:

- (45) *Como é que podemos fazer?* (verbo de ação – poder)

– eh, olhando para todo esse panorama ambiental, assim, é possível fazer-se qualquer coisa para evitar que esta degradação seja ainda acentuada nos próximos tempos que, já que as consequências são visivelmente graves?

-> nós não podemos pensar se é possível fazer. nós temos que fazer, que é diferente! nós

temos que fazer! e há, desde que haja vontade das pessoas, desde que haja vontade política dos governos, tudo se pode fazer. e temos que fazer mesmo se não queremos correr o risco de desaparecermos da superfície da terra! todas as acções que nós estamos a provocar nefastas ao ambiente vão ter repercussões na nossa própria sobrevivência. ora, nós não n[...], devemos ser loucos ao ponto de querermos o nosso... próprio desaparecimento, o suicídio da espécie humana! portanto, nós temos que fazer mesmo e temos e podemos fazer! ora, como? *como é que podemos fazer?* podemos fazer através de vários métodos. primeiro, você tem que convencer as pessoas que, do que têm que fazer, para isso tem que os informar. ora, para isso tem que haver, primeiro estudos, tem que haver informação, tem que haver uma campanha de educação ambiental, tem que haver uma c[...], de, campanha de educação cívica, para as pessoas se poderem respeitar, tem que haver uma série de acções que levem as pessoas a compreender o porquê das coisas. após essa compreensão, você tem moral para punir aqueles que não querem fazer. (Ang97:Guerra e Ambiente)

Analisando o papel social do Falante como nativo da região que sofre com os problemas ecológicos, notamos que seu discurso de tom político e ao mesmo tempo, protetor e defensor ambiental, busca refletir com o Interlocutor a sua ideologia sobre as ações que devem ser tomadas em prol do meio ambiente e da própria sobrevivência humana. Durante seu discurso, o Falante utiliza o pronome “nós” (podemos, temos), incluindo nesse grupo os outros habitantes locais como parte de um todo que deve refletir desse ponto de vista ideológico através da pergunta meditativa que no momento de sua inserção, não espera resposta imediata e sim uma pausa para refletir sobre os problemas ecológicos da região.

Vimos anteriormente nas gramáticas de uso do português, em Bechara (2009) e Neves (2000), os usos e significações do *como* enquanto advérbio e conjunção e suas respectivas aplicações categoriais (causa, conformidade, modo e comparação), resultados que configuram a caracterização formal do *como* enquanto item lexical (etapa realizada no primeiro parâmetro de análise). Vejamos abaixo novamente dois exemplos de conjunção causal expressa pelo item lexical *como*, extraídos dessas gramáticas de uso do português:

(46) *Como* ia de olhos fechados, não via o caminho [MA. 1,19] (BECHARA, 2009, p. 326)

(47) Dias chegava em casa, no bairro Boa Vista e, *como* a rua é estreita, dava marcha à ré no carro, um Volkswagen verde. (ESP) (NEVES, 2000, p. 802)

Novamente, vemos a conjuntura (relação causal) do *como* de acordo com a classificação formal do item, em recortes datados referentes às obras de Bechara (2009) e Neves (2000). Com a análise funcional aqui aplicada, notamos que, em conjunto com os demais elementos das construções (verbos *dicendi*, verbos de ligação, verbos de ação, verbos de conhecimento, processos de clivagem), o *como* acaba passando pelo processo de pragmatização do seu significado nessas

construções, representando a nível discursivo, um marcador de Função para o Nível Interpessoal, e na codificação, funciona como Palavra Gramatical.

Já a construção representa informações pragmáticas específicas que são formuladas no Nível interpessoal e identificadas na camada do Movimento (para as Ilocuções declarativas) e Subato de referência (para as interrogativas de conteúdo) e ambas codificadas como Expressões Linguísticas, conforme parâmetros anteriores.

Investigamos no próximo parâmetro a ordenação da construção no Nível Morfossintático, para finalizarmos a investigação na esfera da codificação e, assim, concluirmos os parâmetros referentes a GDF.

4.6: Ordenação da construção no Nível Morfossintático

Neste parâmetro analisamos o posicionamento sintático das construções, já compreendidas como Movimentos e Subatos de referência no Nível Interpessoal, codificadas como Expressões Linguísticas no Nível Morfossintático, sendo as construções declarativas, contribuições autônomas para o discurso, e as interrogativas de conteúdo, Subatos de referência marcados pela não-identificabilidade e não-especificidade da informação pragmática contida na pergunta, funcionando como perguntas meditativas, ambas motivadas por razões pragmáticas direcionadas às intenções do Falante, conforme vimos nos parâmetros anteriores. Para esta etapa, vemos como essas Expressões Linguísticas comportam-se sintaticamente.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), as três posições básicas para entender a linearização dos constituintes em português são: Posição Inicial (P^I), Posição Medial (P^M) e Posição Final (P^F), em que as posições periféricas (Inicial e Final) são psicologicamente mais salientes, sendo estas reservadas para constituintes hierárquicos (Funções, Operadores e Modificadores – são colocados centripetamente, da margem para o centro), e a Posição Medial reservada para constituintes não hierárquicos (predicado e seus argumentos).

Há a possibilidade do aparecimento de outras posições relativas – P^{I+1} (Pós Inicial), P^{M+1} (Pós Medial) e P^{F-1} (Posição Penúltima) quando as demais posições absolutas já estiverem preenchidas. Vimos também que as posições marginais, ou seja, fora da Oração, que são parte da Expressão Linguística, são tratadas como constituintes extraoracionais e, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), ocupam as posições P^{pre} (Pré-Oracional), P^{centro} (Oração) e P^{pos} (Pós-Oracional), classificadas para distinguir P^I e P^F da camada da Expressão Linguística e da Oração (PEZATTI, 2014, p. 82-83), conforme podemos ver no esquema abaixo (PEZATTI, 2014, p. 83):

Expressão Linguística

P^{pre} | P^{centro} | P^{pos}

Oração

| P^I P^M P^F |

Aplicamos essa classificação proposta pela GDF nas construções encabeçadas por *como* para analisarmos como se posicionam no Nível Morfosintático. Identificamos que a ordenação das Expressões Linguísticas firmou-se em P^{pre} (Pré-Oracional), relacionando-se com o elemento discursivo que vem na sequência (P^{centro}), indicando o estatuto do Movimento e do Subato da construção como um desvio antecedente ao tópico (P^{centro}), em ordenação centrípeta – da margem (no caso, a Posição Pré-Oracional) para o centro.

Observamos abaixo que a construção (48) *como dizer* ocorre em P^{pre} (Pré-Oracional), antecipando o conteúdo do predicado, referente ao tópico discursivo (o Falante produz essa Ilocução declarativa (exemplo de construção em verbo *dicendi*) nesse momento para buscar denominações adequadas para explicar sobre as dificuldades enfrentadas para alcançar sucesso como empresária):

(48)	P ^{pre} (Pré-Oracional)	P ^{centro} (Oração)
	(...) <i>como dizer,</i>	em princípio, há dificuldades, mas também exige muita coragem. (To-Pr96: Costureira)

A construção em Ilocução interrogativa (49) *como é que posso dizer?* (exemplo de construção com verbo de ação) posiciona-se também em P^{pre}, funcionando como uma pausa para o Falante formular seu discurso, tentando finalizar sua explicação sobre os diferentes tipos de fotografia:

(49)	P ^{pre} (Pré-Oracional)	P ^{centro} (Oração)
	(...) <i>como é que posso dizer?</i>	feito por máquina. (CV95: Colecionismo)

Outra situação foi notada em quatro ocorrências: *como é que se diz?*, *como eu estava dizendo*, *como se diz então* e *como dizer?* (respectivamente, as ocorrências 5, 7, 10 e 18 do quadro 10). Inicialmente, vemos nos excertos que são ocorrências em *exchanges* (KROON, 1997), com interrupção por parte do Ouvinte, e a continuação da sentença do Falante fica dividida entre pré-interrupção e pós-interrupção. Realizamos a classificação dessas sentenças em *exchanges* entre Falante e Ouvinte como um todo, ou seja, considerando a construção finalizada (pré e pós-interrupção).

Assim, as ocorrências 5, 7, 10 e 18 do quadro 10 ocuparam a posição P^{pre} . Vejamos abaixo em (50) o excerto da ocorrência *como eu estava dizendo* (ocorrência 7 do quadro 10) em posição Pré-Oracional, na qual o Falante é interrompido no início do seu discurso sobre a professora (exemplo de ocorrência em verbo de ligação):

(50)	P^{pre} (Pré-Oracional)	P^{centro} (Oração)
	(...) <i>como eu estava dizendo</i> .	– é. – me chamou a atenção. e eu por ser uma aluna quieta, não sou de mexer com ninguém, fiquei chocada com a atitude dela falei “poxa, tan[...], gosto tanto de inglês, mas pelo professor vai ser um pé no saco esse ano”. (Bra93: Festa estudante)

Já em (51), a ocorrência *como dizer?* (ocorrência 18 do quadro 10), observamos que o Falante solicita ajuda do Ouvinte (momento da interrupção) na escolha lexical para finalizar seu discurso (trunfos):

(51)	P^{pre} (Pré-Oracional)	P^{centro} (Oração)
	<i>como dizer?</i>	– triunfos? -> triunfos. hum, por exemplo, pode haver casos de dece[...], decepções, por exemplo, uma falha em qualquer, ah, confecção e se o cliente reclamar é sem dúvida que o cliente tem toda a sua razão e a gente dá razão a quem tem razão. (To-Pr96: Costureira)

Notamos assim, que a participação do Ouvinte, seja interrompendo, seja solicitado, não interfere na posição Pré-Oracional das construções, fato este reforça o caráter desviante das construções, ocupando sempre a posição antecedente ao tópico discursivo, ou seja, precede a Posição P^{centro} , trazendo contribuições autônomas antecedentes ao tópico discursivo, como em (51), uma contribuição autônoma específica, motivada pragmaticamente na relação entre Falante (este solicita a participação do Ouvinte com uma Ilocução interrogativa) e Ouvinte (auxilia o Falante em sua formulação discursiva para dar sequência e fechamento no discurso).

Considerando o item *como* dentro da construção, vimos que o mesmo ocupa a posição inicial dentro da construção, encabeçando as ocorrências em todos os 30 casos aqui analisados, comprovando o que Hengeveld e Mackenzie (2008) definem sobre a ordenação de Funções para a GDF: Funções, Operadores e Modificadores são colocados centripetamente, partindo das margens para o centro, nas posições Inicial e Final.

Já em relação ao tipo de Ilocução, vemos que os diferentes tipos de Ilocução ocuparam a Posição P^{pre} . Para o caso das Ilocuções declarativas, tomemos o exemplo (52) *como você diz*, construção que antecipa e se relaciona com o que vem expresso em P^{centro} “vou fazer um terno”:

(52)	P^{pre} (Pré-Oracional)	P^{centro} (Oração)
	- no Pará não diz aqui nós dizemos "na esquina... da Álvares de Miranda", não é, "com a avenida suburbana", "você vai lá, fulano, no sobrado, está," no Pará diz "no canto da rua tal", "nos alto", que é o sobrado, não é, por exemplo, "vou fazer, vou," aqui, <i>como você diz</i> ,	"vou fazer um terno" (Bra80: Bichinho)

O mesmo fato ocorre com as Ilocuções interrogativas, conforme podemos verificar no exemplo (53) *como é que chegou a este ponto?*, na qual vemos sua posição anterior ao conteúdo oracional de P^{centro} , atuando como reforço ao pedido para que o entrevistado conte como foi alcançar sua posição de sucesso profissional:

(53)	P^{pre} (Pré-Oracional)	P^{centro} (Oração)
	<i>como é que chegou a este ponto?</i>	ao ponto de ser uma grande costureira, considerada uma das grandes costureiras aqui de São Tomé, com

		um atelier montado, com aprendizes, com uma vertente de, de escola de costura. (To-Pr96: Costureira)
--	--	--

Outro comportamento que cumpre ressaltar é materializado nas transcrições com a pontuação de introdução dessas construções. Em 50% (15 ocorrências), a construção surge entre vírgulas, comportamento de maior recorrência. Nas outras 15 ocorrências, há marcações que reforçam o caráter de interrupção dessas construções, como entre vírgula e ponto de interrogação (05 ocorrências), entre vírgula e ponto (03 ocorrências de interrupção por parte do Ouvinte), entre travessão e ponto de interrogação (04 ocorrências), entre dois pontos de interrogação (01 ocorrência) e entre dois travessões (02 ocorrências). Vejamos abaixo em (54) *como o senhor sabe* (exemplo de verbo de conhecimento), a interrupção de maior frequência – entre vírgulas:

(54)	P^{pre} (Pré-Oracional)	P^{centro} (Oração)
	-> exactamente, sim. mas é, hoje, por exemplo, eh, com a ciência avançada, <i>como o senhor sabe</i> ,	e, o animal pode ser filmado. e então é, é t[...], é toda essa maneira depois de reprodu[...], tentar reproduzir o animal. (CV95: Colecionismo)

Embora não tenhamos analisado parâmetros fonológicos, eles acabam saltando aos olhos e evidenciando que a codificação fonológica também pode ser uma pista concreta para mostrar mudança de tessitura e pausas longas nas fronteiras dessas construções, o que mostra que, no Nível Fonológico, elas constituem um Enunciado, apontando para um possível alinhamento entre as camadas mais altas dos níveis Interpessoal, Morfossintático e Fonológico, no que diz respeito a sua categorização entre os níveis.

Finalizamos a análise desta pesquisa pelo viés da GDF com a organização do quadro 14, que reúne os resultados de classificação das construções e do *como*, nos Níveis Interpessoal e Morfossintático:

OCORRÊNCIA	NÍVEL INTERPESSOAL			NÍVEL MORFOSSINTÁTICO		
	CONSTRUÇÃO	COMO	ILOCUÇÃO	CONSTRUÇÃO	POSIÇÃO	COMO
<i>Como você diz</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que fica?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que eu vou dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como eu estava falando</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que se diz?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como fala o ditado</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como eu estava dizendo</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como se quiser</i>	Movimento	Função Partilha	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como eles chamam</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como se diz então</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como digo</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como disse</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que podemos fazer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como sabe</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como digo</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como muitas vezes se diz</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como dizer</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que chegou a este</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical

<i>ponto?</i>						
<i>Como é que se chama?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como sempre gostei</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que se diz?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que eu posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como sabemos</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como se diz</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como o senhor sabe</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como é que posso dizer?</i>	Subato de referência	Pergunta meditativa	Interrogativa de conteúdo	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical
<i>Como sabe</i>	Movimento	Função Resgate	Declarativa	Expressão Linguística	P ^{pre}	Palavra Gramatical

Quadro 14. Resumo e classificação das ocorrências (NI e NM)

Com a finalização da análise com base na GDF, verificamos o funcionamento do *como* e da construção de acordo com a proposta de divisão em níveis e camadas, referentes aos processos de formulação e codificação dessas Expressões Linguísticas, que, conforme vimos, as Ilocuções declarativas são identificadas na camada do Movimento e trazem contribuições autônomas ao discurso, e as interrogativas de conteúdo são Subatos de referência, marcados pela configuração pragmática de não-identificabilidade e não-especificidade da informação pragmática da pergunta, resultando em perguntas meditativas, conforme Fontes (2012), ambas são motivadas por razões pragmáticas relacionadas aos interesses e intenções do Falante.

Identificamos também o funcionamento específico do *como*, representando um marcador de Função Resgate e Partilha nas construções declarativas identificadas na camada do Movimento e marcador de pergunta meditativa nas interrogativas de conteúdo, identificadas na camada do Subato de referência, no Nível Interpessoal, ambas contribuindo para o monitoramento da interação verbal,

com foco nos participantes, conforme Stassi-Sé (2012) e codificado como Palavra Gramatical em conjunto dos demais elementos da construção, correspondente a uma Função no Nível Interpessoal.

Com foco na ordenação das construções, verificamos seu posicionamento em P^{pre} (Pré-Oracional), relacionando-se com o conteúdo de P^{centro} (Oração), independentemente do tipo de Ilocução (declarativa e interrogativa) e do tipo de construção verbal, já que comprovamos que diferentes tipos de construção verbal (verbos *dicendi*, verbos de conhecimento, verbos de ligação, processos de clivagem e demais verbos de ação) ocorreram em P^{pre}, conforme quadro 14.

Iniciamos agora o sétimo parâmetro, em que reforçamos a análise das propriedades pragmáticas dessas construções, agora sob a perspectiva da GTI, investigando a função parentética exercida por essas construções, que constituem breves desvios na fala, a começar pela constituição formal dessas construções enquanto parênteses.

4.7: Constituição formal enquanto parênteses

Conforme o primeiro capítulo, os estudos de Jubran (2006) sobre parentetização nos auxiliaram a compreender o estatuto dessas inserções parentéticas, ou seja, como breves desvios tópicos. Vimos no quadro 2 a classificação das funções parentéticas, separadas em quatro classes e seus respectivos focos.

Vejam na sequência exemplos dos tipos de **constituição formal dos parênteses** encontrados: 1-Marcador Discursivo (MD); 2-Frase Simples (FS) e 3-Par Adjacente (PA). Os constituintes 4-Sintagma Nominal (SN) e 5-Frase Complexa (FC) não foram encontrados em nossos dados, pois as construções de nossas ocorrências são verbais e breves desvios curtos, não adquirindo a amplitude de uma frase complexa.

Iniciamos com a ocorrência de constituinte formal Marcador Discursivo – MD. No excerto abaixo, a construção *como disse* apresenta-se como uma checagem que o Locutor realiza para dar prosseguimento ao discurso, típico caso de perda de transparência semântica, que, conforme Jubran (2006) é um traço característico dos marcadores:

(55) > problemas ecológicos, *como disse*, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola.(Ang97: Guerra e ambiente)

Para o constituinte Frase Simples – FS, trouxemos o excerto abaixo em que a construção *como é que chegou a este ponto?*, se constitui com uma Frase Simples com predicção verbal, que está inserida entre duas unidades frasais:

(56) – e... começou a coser e isso foi suficiente para fazer de si uma grande costureira?

-> eh, bom, com a experiência do dia-a-dia, comecei fazendo qualquer coisinha depois da formação, mas aperfeiçoei-me mais em Libreville.

– eh, quer contar-me como é que foi, *como é que chegou a este ponto?* ao ponto de ser uma grande costureira, considerada uma das grandes costureiras aqui de São Tomé, com um atelier montado, com aprendizes, com uma vertente de, de escola de costura. conte-me como é que chegou a este ponto. (To-Pr96: Costureira)

Na constituição formal de Par Adjacente (PA), a ocorrência em (57) *como é que eu vou dizer?* caracteriza-se por uma breve pausa em unidades dialógicas do tipo pergunta-resposta. Nesse caso, o Par Adjacente é aberto e concluído pelo Locutor, caracterizado pela breve pausa para verbalizar sua atividade formulativa, ou seja, utiliza essa pausa para ganhar tempo em como explicará a pergunta realizada anteriormente pelo seu Interlocutor (questão de sentir muito ciúmes por ter um marido médico).

(57) > ah, minha filha! minh[...], mulher de médico precisa... ser uma criatura assim, é, mui[...], muito – *como é que eu vou dizer?* - não ligar para certas coisas, entendeu, não pode ser ciumenta, não pode estar levando o negócio assim, você querer monopolizar teu marido porque não adianta, porque você tem que deixar de mão mesmo. você imaginou a mulher de médico ciumenta? que coisa horrível! é horrível! eu não tenho. nunca tive ciúmes do meu marido, nem um pouquinho. (Bra80: Nada ciumenta)

Os parênteses como Marcador Discursivo foram os mais produtivos: 14 ocorrências (reforçando sua funcionalidade para monitoramento da interação verbal, conforme vimos na função discursiva na GDF), seguido das 9 ocorrências em Par Adjacente (o que reforça a organização das Ilocuções interrogativas e 07 em Frases Simples (reforço ao caráter de breve desvio tópico das construções).

Ao final dos três parâmetros (7 a 9) relacionados às propriedades parentéticas, trouxemos um quadro final referente às classificações das ocorrências, alinhadas e analisadas em conjunto. Seguimos para o parâmetro de análise das fronteiras dos parênteses.

4.8: Propriedades parentéticas das construções em relação às fronteiras dos segmentos

Para a organização deste parâmetro, criamos siglas para cada tipo de fronteira dos parênteses, segundo Jubran (2006): 1) Fronteira entre constituintes da frase (1-FCFR); 2) No limite entre duas unidades frasais (2-LDUF); 3) Entre a primeira e a segunda parte de Pares Adjacentes (3-PSPA) e 4) Entre segmentos textuais com estruturas anacolíticas (4-STEAA).

Iniciamos com o exemplo de fronteira (1-FCFR). No excerto abaixo, a construção *como digo* (E2) insere-se entre constituintes de frase E1 (anterior ao parêntese) e E3 (posterior ao parêntese). Notamos que há uma continuidade sintática após o parêntese (E2), mantendo-se a estrutura sintática entre (E1) “bom, formada, depende do que você entende por formada, porque, escola secundária” e (E3) “abriu ess[...], abriu o liceu em mil novecentos e dezanove e os s[...]:”:

- (58) -> bom, formada, depende do que você entende por formada, porque, escola secundária, *como digo*, abriu ess[...], abriu o liceu em mil novecentos e dezanove e os s[...], o seminário continua a ser uma escola secundária que serviu de formação para muita gente que, que evidentemente nunca chegou a ser padre, porque a maioria dos que frequentaram o seminário não foram padres, mas ficaram com a sua escolaridade de nível secundário. (Ang97:Ensino Angola)

Para a fronteira entre o limite de duas unidades frasais (2-LDUF), trouxemos o excerto abaixo em que a construção *como é que chegou a este ponto?*, que está inserida entre duas unidades frasais. Neste caso, temos duas frases (E1) “- eh, quer contar-me como é que foi” e (E3) “ao ponto de ser uma grande costureira, considerada uma das grandes costureiras aqui de São Tomé,” não conectadas sintaticamente e sim topicamente, na qual a reintrodução tópica de (E3) articula-se com (E1) no segmento-contexto (questão sobre o ponto/posição profissional alcançada pela entrevistada).

- (59) – e... começou a coser e isso foi suficiente para fazer de si uma grande costureira?

-> eh, bom, com a experiência do dia-a-dia, comecei fazendo qualquer coisinha depois da formação, mas aperfeiçoei-me mais em Libreville.

– eh, quer contar-me como é que foi, *como é que chegou a este ponto?* ao ponto de ser uma grande costureira, considerada uma das grandes costureiras aqui de São Tomé, com um atelier montado, com aprendizes, com uma vertente de, de escola de costura. conte-me como é que chegou a este ponto. (To-Pr96: Costureira)

Na fronteira entre a primeira e segunda parte de Pares Adjacentes (3-PSPA), tomemos novamente a ocorrência *como é que eu vou dizer?* Identificamos sua caracterização como uma breve pausa em unidades dialógicas do tipo pergunta-resposta. Nesse caso, o par adjacente é aberto e concluído pelo Locutor, caracterizado pela breve pausa para verbalizar sua atividade formulativa, ou seja, utiliza essa pausa para ganhar tempo em como explicará a pergunta realizada anteriormente pelo seu Interlocutor (questão de sentir muito ciúmes por ter um marido médico).

(60) > ah, minha filha! minh[...], mulher de médico precisa... ser uma criatura assim, é, mui[...], muito – *como é que eu vou dizer?* - não ligar para certas coisas, entendeu, não pode ser ciumenta, não pode estar levando o negócio assim, você querer monopolizar teu marido porque não adianta, porque você tem que deixar de mão mesmo. você imaginou a mulher de médico ciumenta? que coisa horrível! é horrível! eu não tenho. nunca tive ciúmes do meu marido, nem um pouquinho. (Bra80: Nada ciumenta)

Na última modalidade de fronteira de parênteses, temos a 4-STEAs, que ocorre entre segmentos textuais com estruturas anacolíticas. Encontramos essa situação no parêntese *como muitas vezes se diz*, inserido entre (E1) “e lembram-se de alguns abusos que estas crianças tenham tido e que vocês tenham sido os verdadeiros protectores” e (E3) “abusos sexuais, sobretudo contra as tais... sobretudo meninas?”, onde notamos um corte sintático através da introdução do parêntese (E2).

Nesse exemplo, notamos que o parêntese serviu para que o Locutor retomasse e desse sequência ao que foi dito em (E1) “abusos”, e após a sinalização de busca de denominações para o tipo de abuso que está falando, continua (sem preocupação sintática com (E1)) o seu discurso sobre abusos sexuais.

(61) - e lembram-se de alguns abusos que estas crianças tenham tido e que vocês tenham sido os verdadeiros protectores, *como muitas vezes se diz*, abusos sexuais, sobretudo contra as tais... sobretudo meninas? (Ang97: Meninos de Rua)

Outra característica alinhada com as fronteiras de inserção dos parênteses, é a posição sintática nas sentenças. Fazendo um comparativo com o parâmetro referente à ordenação sintática, podemos ver que a posição P^{pte} vista no Nível Morfossintático da GDF, ocorreu nos diferentes tipos de fronteiras dos parênteses, o que reforça o caráter de construção independente morfossintaticamente, tanto da construção enquanto Expressão Linguística (GDF), como também

enquanto parêntese (GTI), ou seja, devido a essa mobilidade de introdução desses desvios tópicos, notamos sua independência morfosintática e seu caráter parcialmente desviante do tópico, pois ocorrem e são introduzidos em diferentes momentos do discurso, de acordo com fatores pragmáticos que o Falante necessita expressar.

Seguimos abaixo com a análise do último parâmetro relacionado à parentetização – as classes e funções parentéticas, com seus respectivos focos, que vimos brevemente durante a interpretação da constituição formal dos parênteses e suas fronteiras e agora analisamos com mais profundidade para encerrarmos a análise baseada nos princípios da GTI.

4.9: Funções e classes parentéticas

De acordo com o quadro 2 (JUBRAN, 2006), vimos que a autora organiza as funções parentéticas por classes e seus respectivos focos: **1) Classe A:** Parênteses focalizadores da Elaboração tópica do texto (divididos em Conteúdo Tópico (CT)⁹; Formulação Linguística (FL) e Estrutura Tópica (ET)); **2) Classe B:** Parênteses com foco no Locutor; **3) Classe C:** Parênteses com foco no Interlocutor e **4) Classe D:** Parênteses focalizadores do Ato Comunicativo. Apenas para as **Classe D – Ato Comunicativo** e **A (CT) Conteúdo Tópico** não encontramos ocorrências nas construções aqui estudadas.

Para a **Classe A FL – Formulação Linguística**, notamos no excerto abaixo o breve desvio que o Locutor realiza para sinalizar uma busca por denominações (como formular o seu discurso a respeito do nome dado ao tubarão existente na região):

(62) -> há tubarão de areia, na nossa língua há um tubarão chamado 'qua-cotá', há um tubarão que mataram, os homens de Praia Gamboa mataram lá um que chamado 'má-pintá', há tubarão, hum, *como é que se chama?* hum, eh, nós temos um tipo de tubarão, a gente chama 'tubon-tunteiro'. 'tubon-tunteiro' é um tubarão que fica só atrás da rocha, a comer bonito, essas coisas, há muito tipo de tubarão. (To-Pr96:Pesca)

Na **Classe A ET – Estrutura Tópica** trouxemos como exemplo um inquérito do Brasil, em que o Locutor interrompe seu discurso para marcar uma retomada de um tópico conversado anteriormente (direitos da mulher na época do império romano) entre os participantes:

(63) -> então, *como eu estava falando*, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham capacidade de, de facto, que era

⁹ Organizamos as nomenclaturas das classes em siglas para facilitar a elaboração dos quadros desta seção.

capacidade de ter direitos de, direitos, assim, fora os direitos normais que todos têm que é direito de escola, educação, saúde, isso todos têm independente de ser débil mental, de ser... qualquer coisa. agora, depois tem os direitos, por exemplo, direito de montar uma fábrica, direito de, ah, é, assim, sabe, direito que envolve mais responsabilidade, mais coisa. (Bra80: Mundo Direito)

Para a **Classe B – Locutor**, podemos ver abaixo que a ocorrência em destaque foca na intenção do Locutor em demonstrar a origem do seu dizer, ou seja, explica que a expressão “dominga da pombinha” é como popularmente os moradores locais chamam (nomeiam) as ruas de acordo com o culto religioso local, que ocorre com a procissão da coroa pelas casas dos participantes:

(64) -> eles vão levar, umas vezes faz-se de noite, quase sempre faz-se de noite, outras vezes faz-se de dia, e fica então no, no, depois no ano seguinte fica na outra casa. e então ao Domingo, cada, cada coroa, aquilo é assim, cada coroa tem o seu Domingo: a dominga tal, é conhecido então ou pela rua, ou pelo nome dum santo. [...] tem, tem a dominga da, da pombinha, **como eles chamam**, tem, aqui tem a dominga da, de Trás-do-Mosteiro, é, é uma r[...], uma rua que há ali para cima e fazem o império. o império também nas ilhas também se faz

- [...]

-> é uma espécie dum, dum, onde toca as bandas de música, dum coreto (PT73: Culto tradicional)

Na **Classe C – Interlocutor** temos abaixo o excerto da variedade de Guiné-Bissau, em que vemos o parêntese *como sabemos* funcionando como uma evocação de conhecimento partilhado com o Interlocutor (o Locutor abre essa pausa para garantir que o conteúdo a ser dito na sequência é de conhecimento trivial, partilhado por ambos, no caso, a formação de famílias alargadas na África):

(65) > inclusivamente famílias alargadas em que temos, eh, portanto, desde sobrinhos, sogros, ele, dessa mulher, enfim, cunhados e familiares que, **como sabemos**, eh, as famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher. (GB95: Mulher Africana)

Com base nos conceitos de parentetização de Jubran (2006), elaboramos abaixo o quadro 15, na qual classificamos as 30 ocorrências como parênteses:

Ocorrência	Classe	Função	Fronteiras da ocorrência	Constituição formal
<i>1-Como você diz</i>	A – FL	Indicação de mudança de registro	1-FCFR	1-MD
<i>2-Como é que fica?</i>	C	Instaurar convivência com o Interlocutor	4-STEAA	2-FS
<i>3-Como é que eu vou dizer?</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	4-STEAA	2-FS
<i>4-Como eu estava falando</i>	A – ET	Marcação de retomada de tópico	1-FCFR	1-MD
<i>5-Como é que se diz?</i>	A – FL	Solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical	3-PSPA	3-PA
<i>6-Como fala o ditado</i>	A – FL	Indicação de mudança de registro	1-FCFR	2-FS
<i>7-Como eu estava dizendo</i>	A – ET	Marcação de retomada de tópico	2-LDUF	1-MD
<i>8-Como se quiser</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	1-FCFR	2-FS
<i>9-Como eles chamam</i>	B	Indicação da fonte enunciativa do discurso	1-FCFR	2-FS
<i>10-Como se diz então</i>	B	Indicação da fonte enunciativa do discurso	2-LDUF	1-MD
<i>11-Como digo</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	1-FCFR	1-MD
<i>12-Como disse</i>	A – ET	Marcação de retomada de tópico	1-FCFR	1-MD
<i>13-Como é que podemos fazer?</i>	A – FL	Solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical	3-PSPA	3-PA
<i>14-Como sabe</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	1-FCFR	1-MD
<i>15-Como digo</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	1-FCFR	1-MD
<i>16-Como muitas vezes se diz</i>	A - FL	Sinalização de busca de denominações	4-STEAA	1-MD
<i>17-Como dizer</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	1-FCFR	1-MD

<i>18-Como dizer?</i>	A – FL	Solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical	3-PSPA	3-PA
<i>19-Como é que chegou a este ponto?</i>	B	Manifestação atitudinal do Locutor em relação ao tópico	2-LDUF	2-FS
<i>20-Como é que se chama?</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	3-PSPA	3-PA
<i>21-Como sempre gostei</i>	B	Manifestação atitudinal do Locutor em relação ao tópico	1-FCFR	2-FS
<i>22-Como é que se diz?</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	3-PSPA	3-PA
<i>23-Como é que posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	3-PSPA	3-PA
<i>24-Como é que eu posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	3-PSPA	3-PA
<i>25-Como sabemos</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	1-FCFR	1-MD
<i>26-Como posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	3-PSPA	3-PA
<i>27-Como se diz</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	1-FCFR	1-MD
<i>28-Como o senhor sabe</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	1-FCFR	1-MD
<i>29-Como é que posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	3-PSPA	3-PA
<i>30-Como sabe</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	1-FCFR	1-MD

Quadro 15. Ocorrências como parênteses

Realizamos uma comparação entre os dados do parâmetro de ordenação sintática do Nível Morfossintático da GDF com os resultados das fronteiras dos parênteses da GTI. Embora sejam de correntes diferentes, como já dito anteriormente, identificamos que as diferentes fronteiras dos parênteses, alinhadas ao posicionamento sintático das Expressões Linguísticas em P^{pre} reforçam o carácter morfossintático independente das construções como parênteses. Conforme vimos na análise, todos os quatro tipos de fronteiras representaram a Posição Pré-Oracional no Nível Morfossintático:

- (i) FCFR (fronteira entre constituintes da frase): 15 ocorrências em Pré-Oracional;
- (ii) LDUF (no limite entre duas unidades frasais): 3 ocorrências em Pré-Oracional;
- (iii) PSPA (entre a primeira e segunda parte de Pares Adjacentes): 9 ocorrências em Pré-Oracional;
- (iv) STEA (entre segmentos textuais com estruturas anacolúlicas): 3 ocorrências em Pré-Oracional.

Notamos também que todas as 09 ocorrências na fronteira 3-PSPA contemplaram somente a constituição formal de Par Adjacente (PA) com as funções de verbalização da atividade formulativa (todas as 04 ocorrências), solicitação da colaboração do Interlocutor na seleção lexical (todas as 03 ocorrências) e sinalização de busca de denominações (02 ocorrências entre 08). As outras 06 sinalização de busca de denominações enquadram-se nas fronteiras de 1-FCFR (04 ocorrências) e 4-STEAs (02 ocorrências), indicando sua utilização em construções interacionais diretas, ou seja, segmentos direcionados especificamente ao Interlocutor.

Os parênteses como Marcador Discursivo (MD) foram os mais produtivos: 14 ocorrências em todas as configurações de fronteiras de parênteses (exceto 3-PSPA que contempla apenas os Pares Adjacentes), assim como as 07 ocorrências de Frase Simples (FS).

A fronteira 1-FCFR foi a de maior recorrência (15 ocorrências), contemplando as três classes de funções de parênteses (A, B e C) e, alinhada com o parêntese como Marcador Discursivo, identificamos 11 ocorrências que contemplam duas classes (A (FL e ET) e C).

Portanto, os parênteses identificados como Marcador Discursivo (MD) inseridos em fronteira entre constituintes de frase (1-FCFR) foram os parênteses de maior abrangência, encontrados em seis das sete variedades de língua portuguesa analisadas (apenas a ocorrência na variedade de Moçambique não entrou nessa situação), fortalecendo a característica funcional do parêntese como um breve desvio tópico (parcial) no discurso mais recorrente para o conjunto de 30 ocorrências aqui analisadas, estas que surgem por diversas motivações pragmáticas, seja por foco na Elaboração Tópica, no Locutor ou no Interlocutor, como podemos comprovar com a análise das ocorrências.

Identificamos a ausência de ocorrências nas Classe D – Ato Comunicativo e A CT Conteúdo Tópico em nossos dados, mas nos parece serem construções possíveis. Talvez uma ampliação do *corpus* pudesse abranger esse tipo de segmento, mas, isso seria tarefa para uma outra pesquisa. Resumimos esta etapa no quadro abaixo, no qual trouxemos as classes e funções das ocorrências em quantidade:

Classe	Quantidade	Função	Quantidade	Ocorrência
A – Elaboração Tópica (FL) – Formulação Linguística	17	Indicação de mudança de registro	02	<i>Como você diz</i>
				<i>Como fala o ditado</i>
		Verbalização da atividade formulativa	04	<i>Como é que posso dizer?</i>
				<i>Como é que eu posso dizer?</i>
				<i>Como posso dizer?</i>
				<i>Como é que posso dizer?</i>
		Solicitação de colaboração do Interlocutor	03	<i>Como é que se diz?</i>
				<i>Como é que podemos fazer?</i>
				<i>Como dizer?</i>
		Sinalização de busca de denominações	08	<i>Como é que eu vou dizer?</i>
				<i>Como digo</i>
				<i>Como digo</i>
				<i>Como muitas vezes se diz</i>
				<i>Como dizer</i>
<i>Como é que se chama?</i>				
<i>Como é que se diz?</i>				
<i>Como se diz</i>				

A – Elaboração Tópica (ET) – Estrutura Tópica	03	Marcação de retomada do tópico	03	<i>Como eu estava falando</i>
				<i>Como eu estava dizendo</i>
				<i>Como disse</i>
B – Locutor	04	Indicação da fonte enunciadora	02	<i>Como eles chamam</i>
				<i>Como se diz então</i>
		Manifestação atitudinal do Locutor	02	<i>Como é que chegou a este ponto?</i>
				<i>Como sempre gostei</i>
C – Interlocutor	06	Instaurar convivência com o Interlocutor	01	<i>Como é que fica?</i>
		Evocar conhecimento partilhado	05	<i>Como se quiser</i>
				<i>Como sabe</i>
				<i>Como sabemos</i>
				<i>Como o senhor sabe</i>
<i>Como sabe</i>				
Total	30			

Quadro 16. Resumo e classificação das classes e funções parentéticas

Como podemos ver no quadro 16, o foco maior de nossas ocorrências ficou na classe (A) na Formulação Linguística (FL), na qual observamos funções relacionadas fortemente à interação verbal entre os falantes (indicação de mudança de registro/verbalização da atividade formulativa/solicitação de colaboração do Interlocutor/sinalização de busca de denominações), sendo pausas recorrentes na qual os participantes demonstram como é de fato, o surgimento dos

parênteses (por diversas razões e motivações pragmáticas) nas ocorrências de língua falada, assim como podemos perceber nas demais funções parentéticas encontradas. Outro dado que chama a atenção são as repetições em *como é que se diz?*, que exercem funções diferentes (solicitação da colaboração do Interlocutor e sinalização de busca de denominações, ambas na Classe A – Formulação Linguística), de acordo com seus respectivos contextos de inserção anteriormente analisados.

Com os resultados apresentados no quadro acima, comprovamos a independência morfossintática das ocorrências, vistas no Nível Morfossintático como Expressões Linguísticas, ocupando a Posição Pré-Oracional, e também enquanto parênteses, variando suas fronteiras de inserção parentética.

Essa ligação entre GDF e GTI auxilia na compreensão da funcionalidade dos parênteses como breves (parciais) desvios tópicos, que variam suas funções (e posições fronteiriças) de acordo com o foco e as motivações pragmáticas do Falante, levando em consideração a si mesmo, o seu Ouvinte e a Elaboração Tópica. Após a análise dos excertos das ocorrências, realizamos a classificação completa das construções:

Ocorrência	GTI		GDF	
	Classe	Função parentética	Tipo de Ilocução (NI)	Posição (NM)
1-Como você diz	A – FL	Indicação de mudança de registro	Declarativa	P ^{pre}
2-Como é que fica?	C	Instaurar convivência com o Interlocutor	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
3-Como é que eu vou dizer?	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
4-Como eu estava falando	A – ET	Marcação de retomada de tópico	Declarativa	P ^{pre}
5-Como é que se diz?	A – FL	Solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
6-Como fala o ditado	A – FL	Indicação de mudança de registro	Declarativa	P ^{pre}
7-Como eu estava dizendo	A – ET	Marcação de retomada de tópico	Declarativa	P ^{pre}
8-Como se quiser	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	Declarativa	P ^{pre}
9-Como eles chamam	B	Indicação da fonte enunciadora do	Declarativa	P ^{pre}

		discurso		
<i>10-Como se diz então</i>	B	Indicação da fonte enunciadora do discurso	Declarativa	P ^{pre}
<i>11-Como digo</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Declarativa	P ^{pre}
<i>12-Como disse</i>	A – ET	Marcação de retomada de tópico	Declarativa	P ^{pre}
<i>13-Como é que podemos fazer?</i>	A – FL	Solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>14-Como sabe</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	Declarativa	P ^{pre}
<i>15-Como digo</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Declarativa	P ^{pre}
<i>16-Como muitas vezes se diz</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Declarativa	P ^{pre}
<i>17-Como dizer</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Declarativa	P ^{pre}
<i>18-Como dizer?</i>	A – FL	Solicitação de colaboração do Interlocutor na seleção lexical	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>19-Como é que chegou a este ponto?</i>	B	Manifestação atitudinal do Locutor em relação ao tópico	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>20-Como é que se chama?</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>21-Como sempre gostei</i>	B	Manifestação atitudinal do Locutor em relação ao tópico	Declarativa	P ^{pre}
<i>22-Como é que se diz?</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>23-Como é que posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>24-Como é que eu posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>25-Como sabemos</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	Declarativa	P ^{pre}
<i>26-Como posso dizer?</i>	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
<i>27-Como se diz</i>	A – FL	Sinalização de busca de denominações	Declarativa	P ^{pre}
<i>28-Como o senhor sabe</i>	C	Evocar conhecimento partilhado do	Declarativa	P ^{pre}

		tópico		
29-Como é que posso dizer?	A – FL	Verbalização da atividade formulativa	Interrogativa de conteúdo	P ^{pre}
30-Como sabe	C	Evocar conhecimento partilhado do tópico	Declarativa	P ^{pre}

Quadro 17. Classificação completa dos parênteses

Como resultados finais dos parâmetros aplicados para análise prática, concluímos que:

- (i) Fronteira entre constituintes de frase (1-FCFR):** foi o tipo de fronteira mais frequente com 15 ocorrências, sendo 11 delas com a constituição formal de Marcador Discursivo (caracterização mais produtiva entre os parênteses), contemplou todas as classes de parêntese (A, B e C);
- (ii) Limite entre duas unidades frasais (2-LDUF):** foi o tipo de fronteira menos recorrente (junto a fronteira STEA) com 03 ocorrências (01 como Frase Simples e 02 como Marcador Discursivo), contemplou as classes de parêntese A (ET) e B;
- (iii) Entre a primeira e a segunda parte de Pares Adjacentes (3-PSPA):** contemplou apenas a classe A (FL) e em todas as 09 ocorrências, teve a constituição formal de par adjacente;
- (iv) Segmentos textuais com estruturas anacolúpticas (4-STEAs):** contemplou as classes de parênteses A (FL) e C, com 01 ocorrência como Marcador Discursivo e 02 como Frase Simples;
- (v) Classe A – Elaboração tópica:** a grande maioria das ocorrências com verbos *dicendi* (12 de 14 ocorrências, as outras duas ocorrências são da classe B – Locutor) são contemplados nessa classe, principalmente em Formulação Linguística, com 11 ocorrências (a outra ocorrência ocorre em A – ET com a função de marcação de retomada de tópico), além de ser a classe com maior variação entre tipos de construção verbal – *dicendi* (12 ocorrências); ação (6 ocorrências) e ligação (2 ocorrências);
- (vi) Classe B – Locutor:** contemplou ocorrências de 02 tipos de verbos: *dicendi* (02 ocorrências de verbos *dicendi* – *como eles chamam e como se diz então* (indicação da fonte enunciativa do

discurso)) e outras 02 ocorrências de verbos de ação em Frases Simples (*como sempre gostei e como é que chegou a este ponto?* (manifestações atitudinais do Locutor));

(vii) Classe C – Interlocutor: as 06 ocorrências nessa classe ocorrem em frases direcionadas diretamente ao Interlocutor, na qual o Locutor busca a interação do Interlocutor para contribuir com seu discurso (05 ocorrências para evocar conhecimento partilhado e 01 para instaurar convivência), contemplando as 4 ocorrências de verbos de conhecimento e outras 2 em verbos de ação (*como se quiser e como é que fica?*);

(viii) Posição P^{pre}: posição ocupada pelas 30 ocorrências, conforme o Nível Morfossintático, com maior inserção parentética na fronteira entre constituintes da frase, com 15 ocorrências; 9 ocorrências para a fronteira entre a primeira e segunda parte de pares adjacentes; 3 ocorrências para a fronteira no limite entre duas unidades frasais e 3 ocorrências na fronteira entre segmentos textuais com estruturas anacolúpticas.

Após exaustivo trabalho de alinhamento dos parâmetros da metodologia, entramos a seguir nas considerações finais da nossa pesquisa e nas referências bibliográficas utilizadas no decorrer da dissertação.

Considerações finais

Tendo como objetivo geral descrever funcionalmente as construções iniciadas por *como*, e como objetivos específicos investigar (i) as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas das construções iniciadas por *como* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (ii) o estatuto do item *como* nessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); (iii) o processo de ordenação sintática dessas construções (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008); e (iv) suas funções parentéticas no discurso (JUBRAN, 2006), este estudo aponta, como resultados finais, que: essas construções declarativas funcionam como Movimentos (trazendo contribuições autônomas para o discurso) compostos por Atos Discursivos, confirmando a hipótese inicial sobre a compreensão dessas construções em camadas mais altas do Nível Interpessoal, e as interrogativas de conteúdo funcionam como Subatos de referência, marcados pela configuração pragmática de uma pergunta meditativa (reflexões, pensamentos e devaneios do Falante direcionadas ao Ouvinte que atua como testemunha para esse momento de exteriorização dos pensamentos) e a codificação de ambos no Nível Morfossintático como Expressão Linguística (conjunto de unidades morfossintáticas).

A caracterização formal e funcional do *como* identificou que suas definições formais (advérbio e conjunção subordinada) foram insuficientes para compreensão total da dimensão pragmática em que essas ocorrências estavam imersas, exercendo Funções interacionais identificadas no plano discursivo, necessitando dos estudos da GDF para sua análise em níveis e camadas, focando nos níveis Interpessoal (compreendendo o processo formulativo) e Morfossintático (compreendendo o processo de codificação), alcançando ao final, a compreensão do item *como* enquanto marcador de Função e de pergunta meditativa (Nível Interpessoal) e como Palavra Gramatical (Nível Morfossintático) e da construção como Movimento e Subato de referência (NI) e como Expressão Linguística (NM).

Conforme Longhin-Thomazi (2015), investigamos o estatuto do *como* operando como elemento gramatical – atribuição de caráter gramatical a um elemento de natureza lexical, enquadrando-se como conjunção gramaticalizada: o item *como* em conjunto com os demais elementos da construção, passou por um esvaziamento semântico referente a sua caracterização formal de conjunção ou advérbio, recorrente do processo de pragmatização do significado, a nível discursivo, que envolveu “estratégias de caráter inferencial, que levam ao aumento de informação pragmática” (LONGHIN-THOMAZI, 2015, p. 6), relacionado com a esfera da formulação no Nível

Interpessoal, na qual vimos a atuação do *como* enquanto marcador de Função interacional, resgatando ou partilhando informações específicas e também marcador de pergunta meditativa, motivadas pelas intenções pragmáticas do Falante, sendo também, o elemento fixo dessas construções.

Ainda no Nível Interpessoal, notamos que os diferentes tipos de Ilocução variaram em diferentes tipos de construção verbal (verbos *dicendi*, verbos de ligação, verbos de conhecimento e outros verbos de ação). As construções em verbos *dicendi* (maior recorrência, com 14 ocorrências) variaram entre Ilocuções declarativas (10 ocorrências) e interrogativas (04 ocorrências). Em relação ao Nível Morfossintático, o *como* ocupou a Posição Inicial, encabeçando todas as construções e articulando Movimentos e Subatos de referência (anterior e posterior), e as construções comportaram-se sintaticamente como interrupções (desvios breves e parciais), caracterizando sua tendência de parentetização, ocupando diferentes fronteiras dentro do enunciado, fenômeno este que comprovou sua independência morfossintática, reforçando seu caráter de interrupção moldada pelo Falante em diferentes momentos do discurso.

No decorrer da análise, notamos que essas estruturas apresentaram dependência discursiva, e, ao investigarmos tais eventos à luz da GDF, tomando como base o trabalho de Stassi-Sé (2012), que identificou tal situação e analisou construções encabeçadas por *como* atuando como subordinadas discursivas, vimos que não apresentaram dependência morfossintática nem semântica com o que vem antes ou depois, e foram identificadas na camada do Movimento, apresentando Funções interacionais que extrapolam o nível frásico das classificações vistas na Gramática tradicional, que as classificam em orações subordinativas no plano oracional.

Nas interrogativas de conteúdo, vimos com base em Fontes (2012), que essas Ilocuções comportaram-se como Subatos de referência, configurados como perguntas meditativas, e marcados pela não-identificabilidade e não-especificidade da informação pragmática da pergunta, ou seja, são Ilocuções que fogem da classificação tradicional pergunta-resposta, sendo perguntas que se caracterizam por um momento de reflexão do Falante, sem esperar uma resposta do Ouvinte (testemunha) ou de si próprio.

Tomamos como base o trabalho iniciado pela autora e o aplicamos nas ocorrências selecionadas e assim, conseguimos ampliar o número de dados de 18 (quadro elaborado pela autora) para 30 ocorrências de língua portuguesa falada, incluindo outras construções além das com verbos *dicendi* (*como você diz, como fala o ditado, como eles chamam, como se diz então*), tais como: com outros verbos de ação (*como se quiser, como é que fica?, como é que eu vou dizer?, como é que chegou a este ponto?, como sempre gostei, como posso dizer?, como é que eu posso dizer?, como é*

que podemos fazer?, como é que posso dizer?), que resultaram em novas funcionalidades interacionais.

Vimos que essas construções se davam por motivações pragmáticas particulares, pelas quais o Falante fazia uso da função discursiva de monitoramento da interação, e mais especificamente, das Funções interacionais de Resgate (orientação para o monitoramento da interação, já que o Falante busca resgatar na sua memória e na memória do Ouvinte para determinadas informações dadas) e Partilha (compartilhamento de ideias, pensamentos ou princípios entre os participantes, que abrem essa Partilha com o intuito de alinhar essas informações para a continuidade do discurso), marcadas pelo *como*, esta última sendo de caráter inovador para os estudos da GDF, para a qual trouxemos o apoio teórico dos estudos de Stassi-Sé (2012), Stassi-Sé e Pezatti (2017) e Fontes (2012, 2016), que contribuíram para definir essa nova Função interacional, aplicada em uma ocorrência.

Verificamos também que essas construções funcionaram como parênteses na fala. Ao final, chegamos nas 30 ocorrências com função e forma de parênteses, aplicando os estudos teóricos de Jubran (2006). Delimitamos como essas estruturas se comportavam em relação às classes e funções dos parênteses (as ocorrências contemplaram três das classes de parêntese – Classe A – Foco na Elaboração Tópica, B – Foco no Locutor e C – Foco no Interlocutor), as fronteiras de ocorrência de parêntese e a constituição formal que nossas estruturas se moldavam, encaixadas sintaticamente com classificações entre quatro tipos de fronteiras: 1-Entre constituintes de frase (maior frequência com 15 ocorrências); 2-No limite de duas unidades frasais (03 ocorrências); 3-Entre a primeira e segunda parte de Pares Adjacentes (09 ocorrências) e 4-Entre segmentos textuais com estruturas anacolúpticas (03 ocorrências), e com constituição formal baseada em três tipos: 1-Marcador Discursivo (maior frequência com 14 ocorrências); 2-Frase Simples (07 ocorrências) e 3-Par Adjacente (09 ocorrências).

Esses resultados, assim, responderam às problemáticas trazidas no início da pesquisa: (i) como as construções encabeçadas pelo *como* funcionam à luz da GDF? (ii) qual o escopo de *como* de acordo com os Níveis Interpessoal e Morfosintático da GDF? (iii) à luz da GTI, essas construções são parentéticas? (iv) qual é o processo de ordenação sintática dessas construções?

Este trabalho finda, mas há lacunas que poderão ser preenchidas tendo como base o que realizamos, como, por exemplo, aplicar essa ótica funcional a outras construções iniciadas por outras conjunções, ou a outros elementos que passaram pelo processo de gramaticalização, tipos de descontinuidade que esses parênteses representam, ou ainda direcionar o estudo para pesquisas de cunho etimológico sobre as variedades do português (por que tais construções ocorrem/não ocorrem em determinadas variedades ou até recortes sincrônicos ou diacrônicos, como Longhin-Thomazi

(2015) fez para investigar a conjunção *logo*). Enfim, há uma infinidade de possibilidades de analisarmos a nossa língua (e a dos outros) e isso requer muito trabalho, principalmente nas minúcias da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, Maria Olga [et al.]. *Gramática Prática de Português*. Lisboa: Editora Lisboa, 2011, p. 258-259.

BASSO, Renato [et al.]. *Semântica. 4º período, capítulo 01: Semântica e pragmática: delimitando os campos*. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRAIT, Beth. O processo interacional da conversação. In: *Tendências atuais no estudo da língua falada*. Publicação do curso de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Ano VI, nº 2. Araraquara: UNESP, 1992, p. 19-42.

BUTLER, Christopher S. Functionalist Approaches to Language. In: *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. Part 1: Approaches to the Simplex Clause. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CANCEIRO, Nádia Alexandra Santos. *Coordenação, Subordinação Adverbial e Relações Referenciais entre Sujeitos*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016.

CORPUS DE REFERÊNCIA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (CRPC), Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. (org.). Atualizado em 2010. Acesso disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php>. Acesso em 18 de junho de 2019.

CRISTOFARO, Sonia. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português: Descrição do Português: Abordagens Funcionalistas*. Araraquara: Série Encontros, ano XVI, n.1, 1999.

DIK, Simon. *Gramática Funcional*. Tradução de Leocadio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madrid: Soc. Gen. Española de Librería, 1981.

_____. *The theory of functional Grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FONTES, Michel Gustavo. *A relação finalidade em português: tipologia e funções*. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, 15 (1), 2016. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9423>>. Acesso em 24 de agosto de 2020.

_____. *As interrogativas na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional*. São José do Rio Preto: [s.n.], 2012.

GARCIA, Talita Storti; PEZATTI, Eroltilde Goreti. *Orações concessivas à luz da Gramática Discursivo-Funcional*. São Paulo: Alfa, 57 (2): 475-494, 2013.

HALLIDAY, Michael Alexander. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Gramática Discursivo-Funcional*. Tradução de Marize Mattos Dall’Aglío Hattnher para Língua Portuguesa, Oxford University Press, p. 1-47, 2010.

_____.; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 6 volumes, 2003.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parentetização. In: JUBRAN; KOCH (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

_____. Uma gramática textual de orientação interacional. In.: *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, Pontes, 2007.

KOBASHI, Celso Massato. *Semanticização e Sintaticização das Construções de dupla conjunção no Português Brasileiro*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

KROON, Caroline. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONOLLY, H. J., VISMANS, R. M., BUTLER, C. S., CATWARD, R. A. (Eds.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN; THOMPSON (Ed). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. *Considerações sobre Gramaticalização de conjunções na história do Português*. Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. São Paulo: UNESP, 2015. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/268369289>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida*. Porto Alegre: Globo, 1978.

MARQUES, Norma Barbosa Novaes; PEZATTI, Erotilde Goreti. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 22 de março de 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEREIRA, Ana Rita Vargas Valada. *Sobre a expressão da conformidade e da semelhança no português*. Dissertação de mestrado. Lisboa : Universidade de Lisboa, 2014.

PEZATTI, Erotilde Goreti. *A ordem das palavras no português*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. *Sintaxe descritiva da língua portuguesa: Gramática Discursivo-Funcional*. São José do Rio Preto: UNESP, 2010.

_____.; STASSI-SÉ, Joceli Catarina. *Estratégias discursivas por meio de orações adverbiais introduzidas por como e se no português*. DELTA, vol.33 no.1 São Paulo jan./mar. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-445046136465556086>>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

SANTANA, Liliane. *Relações de complementação no português brasileiro: uma perspectiva discursivo-funcional*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 07 de maio de 2020.

STALNAKER, Robert. Pragmática. In: *Fundamentos metodológicos da Linguística: problemas, críticas, perspectivas da Linguística*. DASCAL, Marcelo (org.), vol. IV. Campinas: UNICAMP, 1982.

STASSI-SÉ, Joceli Catarina. *Como muitas vezes se diz, como digo, como estava falando: um estudo da parentetização em variedades portuguesas faladas*. Revista Guavira Letras, vol. 12, nº 1. Três Lagoas: UFMS, janeiro – julho 2011, p. 73-87.

_____. *Subordinação discursiva no português à luz da gramática discursivo-funcional*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Área de concentração: Análise Linguística). São José dos Campos: UNESP, 2012.